

WLADIMIR OLIVIER

ONDE ESTÃO
NOSSOS PAIS?

*TURMA DOS
PRIMEIROS SOCORROS*

ÍNDICE

Primeira página
1. Carla
2. Reinaldo
3. Ricardo
4. Maria das Graças
5. Godofredo
6. Isabel
7. Rosemary
8. Gisèle
9. Roberto
10. Claudomiro
11. Epaminondas
12. Eugênio
13. Clivanir
14. Gislane
15. Geraldo
16. Paulinho
17. José Carlos
18. Armênio
19. Angelina
20. Maria do Carmo
21. Brígida
22. Adelaide
23. Dorival
24. Clóvis
25. Sávio
26. Samuel
27. Paula
28. Severino
29. Charles
30. Vladimir
31. Walkyria
32. Renato
33. Delmira
34. Honorina
35. Claudete
36. Felicidade
37. Belmiro
38. Asdrúbal
39. Clodoaldo
40. Rodrigues
Última página

PRIMEIRA PÁGINA

Como todas as turmas, também a nossa gostaria de distinguir-se por estilo próprio, uma vez que os temas se desprenderão das lições ministradas na *Escolinha de Evangelização*.

Esta *Turma dos Primeiros Socorros*, ao contrário da precedente, de um só redator para a mensagem com o sugestivo título de *O Aprendiz do Evangelho*, irá dar oportunidade a que todos os quarenta componentes tenham comentários próprios sobre os assuntos que mais de perto lhes digam respeito, na fase atual dos trabalhos escolares.

O professor, Irmão José, é veterano nos trabalhos curriculares, entretanto, pela primeira vez, um grupo seu se determinou a vir para junto da mesa mediúnica. José foi sacerdote beneditino, amoroso para com os fracos, defensor dos esforçados e companheiro dos desamparados.

Reuniu o mestre jovens recentemente desligados da carne, estimulando-nos para que enfrentemos com denodo as acusações da consciência, ainda mais que nos vemos assediados pelas tristezas que causamos aos familiares e amigos, ao malbaratar a vida.

Há de se estranhar que estejamos mais afeitos ao linguajar castiço do que aos modismos, que sempre se abandonam. Vamos, assim, parecer moços-velhos. A explicação é simples: recuperamos a personalidade anterior ao desencarne, pois conhecemos, pelo menos, uma vida pregressa, o que nos traz a perspectiva das causas, para os efeitos que vivenciamos na derradeira peregrinação. Esse foi o trabalho em que se empenhou José, desde que nos recolheu, um a um, nas trevas do Umbral.

Para saber como agem os protetores na colônia, recomendamos a leitura da obra supra referida, com a qual muitas questões se resolverão, pois suscitaremos interrogações a respeito dos procedimentos *materializados* que nos trouxeram os avanços técnico-científicos.

Esperamos em Deus que os leitores entendam a postura polêmica que adotamos ao tratar dos temas evangélicos, postando-nos, evidentemente, ao lado de Jesus, para as respostas de teor didático. Leiam-nos, se possível, sem preconceitos, uma vez que muitos irão demonstrar-se antipáticos, pela condição despótica da personalidade durante a vida. Compreendam que foi sofrida a ascensão até este posto e vibrem em prol do amadurecimento do grupo, ao qual deverão unir-se os que se suspeitarem de estar cometendo as mesmas falhas conceituais, quanto às diretrizes evangélicas.

Estamos conversando com pessoas cristãs, supostamente interessadas nos textos reveladores da condição dos espíritos despojados da carne através de violência. Violência decorrente do fato de que o mundo acredita em que tudo termina em um só ciclo, ou não seria tão veloz no encaminhamento dos semelhantes à sepultura. Se fosse possível que este esforço redundasse em desafio para a argúcia teleológica dos terrestres, nos rejubilaríamos com tão importante contribuição. Contudo, se apenas nos encontrarmos com espíritas convictos, que este trabalho possa ser a confirmação de seus argumentos em prol das virtudes, segundo a concepção de que **fora da caridade não existe salvação**.

Ficaremos no aguardo da emissão de fluidos energéticos plenos de amor e solidariedade, para que alarguemos o círculo dos relacionamentos cristãos.

Que Jesus nos ampare e nos guie para os páramos da bem-aventurança!

Que Deus nos abençoe!

1

CARLA

Despertei na espiritualidade, sem ânimo para prosseguir existindo. Não me matei, mas foi como se o tivesse feito. Essa é a história de quase todos os colegas, por isso, vou estender-me um pouco mais nas causas primárias da ruindade.

Quase sempre, os jovens que desencarnam têm reclamações quanto ao fato de não terem podido concluir as tarefas programadas, seja na Terra, seja no período anterior. Dizem-nos os protetores que deveríamos ser mais prudentes. Respondemos que a prudência se aprende com a maturidade. E dizemos mais: que os mais velhos tiveram sorte em terem ultrapassado a idade das loucuras. Quando nos lembram de que existem muitos (a maioria) que não se atrevem a desafiar os limites da segurança, chamamos a esses de poltrões ou de covardes, velhos desde sempre, incapazes de gestos generosos ou rasgos aventureiros.

Deixaram-me a tarefa de estender-me sobre esse tema por ser mulher, o que significa que tive muito atenuada a tendência a desafiar o perigo. Os rapazes é que mais frequentemente põem em risco a vida, desnecessariamente.

Estava eu ao lado de um deles quando faleci. Dirigia ele alucinadamente pela estrada. Não lhe disse uma única vez para moderar a velocidade. Achava que o mundo nos pertencia. Havíamos enfrentado a moral arcaica das famílias e nos uníamos sexualmente, sem compromissos de matrimônio. Curtíamos o desejo de aproveitar a vida e de gozar todos os prazeres.

No desastre, ele não morreu.

Tenho tido a preocupação de lhe incutir na ideia que não teve culpa pela minha desencarnação. Contudo, fica pensando muito naquele dia, dando-lhe os adjetivos mais tristes ou ofensivos. Tenho muita pena do querido amigo.

Meus pais não são espíritas. Ouviram dizer que muitos jovens estão comunicando-se através dos médiuns, mas não se atrevem a procurar nenhum. Aliás, quase todos os colegas têm histórias semelhantes para contar.

Tenho visitado os *velhos* com regularidade, na companhia de outros elementos da equipe. Nessas ocasiões, tento entender o que se passa na mente deles e me sinto muito deprimida ao verificar que estão confusos. Ao mesmo tempo que me recriminam por não lhes ter dado atenção aos conselhos, ferem-me com terríveis doestos, que não gostaria de repetir.

Aí, nós rezamos para que se esclareçam quanto ao fato de a morte apenas representar a passagem para outra realidade e vamos embora, para visitar outras famílias.

Não posso dizer a eles o quanto sofri e venho sofrendo por não tê-los respeitado como deveria. Muitos companheiros, com dó dos parentes e amigos, tendem a transmitir-lhes notícias confortadoras, para o que precisam disfarçar o estado lamentável dos perispíritos. Não se trata de mentira piedosa mas da vontade de ver os seres amados mais adequadamente dispostos a enfrentar os problemas inerentes ao encarne, dando sequência às atividades que os conduzirão à felicidade.

Tal palavra, felicidade, me soa estranhíssima, conquanto esteja aprendendo que só o trabalho com sentido evangélico é que nos transportará para as esferas mais elevadas, onde a existência transcorre menos sufocante, menos trágica.

José, ao ler esta parte da mensagem, recomendou que explicasse que as tais *esferas* não são assim tão *elevadas*, bastando adquirir compreensão do que seja a justiça e o amor do Pai para se adentrar no círculo das beatitudes mais adequadas para existência pacífica e proveitosa. Esse o objetivo do curso que frequentamos.

Caberia recomendar aos leitores que lessem as obras espíritas, principalmente as publicadas por Allan Kardec. Mas não vou fazê-lo, porque creio, firmemente, que essa será deliberação inadiável, para quem deseje decifrar os mistérios da mediunidade ou entender os cânones da doutrina. Se não for assim, se os amigos só se dedicarem à leitura de obras como as nossas, haverão de encontrar dificuldades na sistematização dos conhecimentos, uma vez que mensageiros não categorizados como nós apenas pinçam, aqui e ali, conceitos, para darem sentido evangélico ao que escrevem.

No fundo, no fundo, temos todos a esperança de servir de trampolim para esses estudos mais consistentes, como também desejamos que os textos adquiram a lucidez dos que se produziram sob os auspícios dos espíritos ligados ao advento da Terceira Revelação. Trabalhamos, ao menos, para isso.

Muito obrigada. Fiquem com Deus!

2

REINALDO

Estabeleci comigo mesmo que iria ser o máximo de objetivo na transmissão. Coloquei isso no rascunho e José veio em meu socorro, para dizer que poderia tentar, embora não fosse lograr ser totalmente técnico nas apreciações morais. Disse-me mais o orientador paciente, que deveria requerer ao médium que me auxiliasse com a terminologia adequada, para não acabar parecendo, inclusive, bem mais emotivo do que realmente sou.

Feita a introdução, sinto-me bem à vontade para relatar os acontecimentos mais importantes da vida, aqueles que me desviaram do reto caminho da virtude e me fizeram imergir em lodaçal de vícios, desde tenra idade.

Se fui feliz com meus pais e irmãos? Sem dúvida. Por que desbaratei a sorte de família harmoniosa? Por deficiência cármica, talvez. Também porque não me contentei com a pobreza e desejei aumentar as posses minhas e da família.

Precisando tomar coragem para o furto, comecei a fumar maconha. Em lugar de ficar mais rápido de raciocínio (que não era muito forte), passei a depender, miseravelmente, dos orgasmos dos sentidos — no sentido figurado. Como não havia muito que fazer em torno do vício, os meus primeiros furtos se deram dentro de casa mesmo. Vendi o que podia subtrair dos pais e irmãos para manter-me na companhia dos viciados.

Devo dizer que, pelo que tenho observado, os pais agem como verdadeiros bobocas e jamais desconfiam de que os filhinhos estejam alimentando penca de maus elementos.

Um dia, minha mãe foi buscar uns brincos de ouro herdados da avó e, surpresa, não estavam. Não encontrou também um broche, dois colares, vários anéis e outras peças que conservava escondidas, para que os ladrões, caso vasculhassem a casa, não achassem. Ironia do destino. O ladrão sendo eu, entregou o ouro nas mãos do bandido.

Foi um deus-nos-acuda só. Alerta geral. Se tivessem meus pais ficado na deles, na moita, talvez me convencessem, na boa, a lhes declarar que fora o autor das subtrações e talvez lhes pedisse socorro para o descaminho das más ações.

Mas minha mãe botou a boca no mundo e meu pai apertou os filhos. Ora, meus irmãos bem sabiam de minhas investidas soturnas e delataram-me, incontinenti, para que não pagassem o pato.

Revoltei-me, inconsistentemente, com todos e parti de casa. Como diz a canção: *era feliz e não sabia*.

Na rua, desandei de vez, pois o mau hábito não quer saber se o indivíduo tem ou não tem recursos. Simplesmente exige. E como exige!

Profissionalizei-me no furto e passei ao roubo qualificado. Assaltei transeuntes na rua e moradores desprevenidos. Um deles não estava e me acertou um *tirombaço* no quintal da casa, quando nem havia entrado ainda. Caí de borco, estrebuchei rapidamente e me vi despregado da matéria, pairando por sobre o cadáver, sem poder livrar-me da terrível impressão de que tudo terminara.

Para encurtar o episódico, devo dizer que me obriguei a acompanhar o meu executor, para amenizar-lhe as penas morais. O coitado tinha arma em casa para espantar quem se aventurasse. Nem sabia atirar. Atirou e acertou. Teve de enfrentar tremendo processo, ainda mais que era conhecido de minha família.

Meus pais começaram a contestar que eu estivesse tentando entrar na casa. Iludiam-se. Buscavam motivos para desviar as dores da consciência que começava a dizer-lhes que deveriam ter agido melhor em relação ao filho criminoso. Crentes do protestantismo mais tacanho — que me perdoem os pastores e com razão, pois não entendia muito dos objetivos morais —, mantinham os hábitos grosseiros dos cabelos compridos, do terno e gravata, da televisão expulsa etc. Aí queriam fazer valer a lei do olho e do dente...

Acho que me estendi além do suportável para minha carapaça emocional. Disse o que disse para demonstrar que muita coisa guardo do teor das antigas ideias e, principalmente, dos antigos impulsos.

Vivi vinte e três anos. Ao contrário da maior parte dos colegas, não me considerava e não me acho jovem, pois tinha reações de adulto. Desonesto, imbecil, desprovido de escrúpulos, mas adulto.

Esses acontecimentos distam mais de dez anos. Nesse período de tempo, pude refletir sobre o que fiz de ruim para a minha vida e dos familiares, além dos sustos dos incautos. Tive muita sorte em não ter matado ninguém. Assim fosse, por certo, não estaria junto a esta mesa para expor.

Lições? Sei lá. Bastaria que alguém nas mesmas condições que eu tivesse contato com o texto. O mais viria por si mesmo. Mas quem estará disposto a passar os cartões que imagino, se se apresentarem com este libreto na mão para verrumar os vícios na pessoa dos viciados?

Se estou certo, nessas condições, iria pedir um volume para mim, talvez mais, com a desculpa de distribuir entre os colegas, e passaria nos cobres, para obter mais um fuminho. Quem está necessitado de regeneração, só vai se aperceber disso quando é demasiado tarde e seu corpo ou seu espírito estiverem em ruínas.

O meu alerta, pois, é mais para os pais, que devem ser rigorosos quanto a si mesmos, sacrificando-se pelos filhos, além das joias idiotas que ficam guardadas, como patrimônio da família, esquecidos de que a verdadeira está nos filhos.

Se minha mãe, na minha frente, tivesse vendido as joias e tivesse comprado, por exemplo, um aparelho de televisão, teria demonstrado que dava mais importância aos filhos. Se meu pai me tivesse abraçado mais vezes, levando-me ao campo de futebol, com uma guaraná na mão de cada um de nós, com certeza nos teria viciado nos bens do amor, do companheirismo e do respeito.

Andar com a Bíblia na mão, olhando o Céu como propriedade particular da seita, pode ser muito bonito aos olhos do pastor, que arrecada seus dízimos, oferecendo um discurso...

Vou parar por aqui, pois a intenção é de despertar e não de aborrecer. Aceitem minha revolta, como disse no início, com a mesma fleuma e boa vontade. Ainda bem que José me preveniu quanto às sutilezas vocabulares e as insidiosas conotações. Sendo assim, digo, com toda a clareza, que estou aprendendo a amar a Jesus e ao Senhor, conforme me ensinaram meus pais, cujas mãos beijo reverente, voltando a pensar em que parti do etéreo para a última jornada necessitado de vencer as tribulações de caráter tremendamente voluntarioso.

Pode ser que tenha sido derrotado e que tenha sofrido as graves consequências no horroroso Umbral. Contudo, tenho a grande felicidade de contar com protetor muito digno e companheiros ansiosos por encontrarem comigo o caminho da salvação.

Que esta tardia manifestação de arrependimento possa, um dia, ajudar a alguém! Que seja essa a vontade do Senhor!

Assim seja!

3

RICARDO

Fui chamado muito cedo ao plano da espiritualidade. Não posso dizer que desconhecesse consciencialmente o fato da morte prematura, uma vez que concordara em que o sofrimento na carne devesse ser pungente, o que me fez aceitar organização corpórea debilitada, sem imunidades naturais para as doenças. Adquiri, aos sete anos, a triste poliomielite e fiquei completamente paralisado. Vivi três anos nesse inferno silencioso da mente e desencarnei.

Desse modo, ao contrário dos colegas anteriores, não tenho recriminações a fazer quanto aos meus pais, embora me tivesse transformado para eles em enorme peso. Amaram-me, profundamente, enquanto puderam, até que se fez a terrível revelação que os deixou amarguradíssimos.

Eram católicos praticantes. Ao ficar doente, insistiram junto aos santos de devoção e a quantos as comadres indicassem, solicitando cura para mim. Ao falecer, quiseram saber de meu paradeiro e buscaram diversos centros espíritas, para as informações que lhes dariam sossego. A cada porta em que batiam, mais uma decepção. Algumas vezes, o protetor da casa veio em busca de saber de minha saúde. Mas as palavras de terceiros não lhes satisfaziam a curiosidade. Queriam ouvir-me pessoalmente.

Por essa época, eu não estava disponível para esse tipo de confrontação, uma vez que nem sabia direito onde estava. Débitos anteriores punham-me arrepiado só em pensar em quem poderiam ser aquelas criaturas, sob cujo agasalho vivera encarnado. Até que a dor se me apresentasse em toda a extensão de seu poder regenerativo, vaguei pela erraticidade.

Nesse meio tempo, de posse de diversas obras da benemérita doutrina, meus pais começaram a estudar. Kardec lhes era muito complexo, mas foram em frente. Conforme me noticiou José, sob cuja proteção estou até agora, ao se depararem com a possibilidade de eu ter sido a pedra de toque de seu sofrimento, por causa de anteriores conflitos, desandaram emocionalmente.

Transformaram o anjinho a quem tinham dado vida no diabo de todos os tempos. Aí, incrementaram as buscas, necessitados de certezas. Depois de algum tempo, me vi em condições favoráveis de informar o que desejavam, diretamente ao médium, o qual poderia traduzir as minhas emoções e pensamentos.

A conversa foi mais ou menos assim:
Doutrinador encarnado: — Quem é o espírito imortal que se faz presente nesta sessão, por graça do Senhor?
Eu: — Ricardo.
Médium: — Ricardo Gonçalves Fernandes.
Doutrinador: Você reconhece as pessoas presentes?
Eu: — Sim.
Médium: Meu querido paizinho Ademar e a mamãezinha do coração, Arlete.
Doutrinador: Que seu pai deseja mais na vida?
Eu: — Não sei.
Médium: — Estou impedido de dizer, por não poder ainda ler o pensamento das pessoas. Não tenho suficiente desenvolvimento para isso.
Doutrinador: — Você está bem? Tem assistência espiritual?
Eu: — Estou recuperando-me, com a ajuda de José.
Médium: — Tenho estado no Paraíso. De lá descí em companhia de São José, para atender ao chamado de meus pais amantíssimos.
Doutrinador: — Responderia a alguma pergunta de seus pais?
Eu: — Sim.
Médium: — O que quiserem perguntar, menos a respeito de negócios e dinheiro.
Papai: — Filho querido, Ricardinho, como foi que nos conhecemos em outras vidas?
Eu: — Não sei.
Médium: — Estivemos em outra encarnação juntos, na França. Eu era um conde e você, paizinho, era o meu filhinho. Tal como eu, você morreu cedo e me deixou muito triste.
Papai: — Foi por isso que desejou causar-nos a mesma pena?
Eu: — ?
Médium: — Os resgates são obrigatórios. A lei de Deus se cumpre sempre. Os homens devem perdoar-se entre si, pois tudo está determinado na vida.
Papai: — Você morreu muito cedo. Como pode estar dando noções tão perfeitas a respeito dos desígnios do Pai?
Eu: — Por favor, preciso esclarecer.
Médium: — Meu protetor está chamando-me. Não posso ficar mais. Para saberem que sou eu mesmo, vou dizer que me chamavam de Cardinho, na intimidade. Um beijo ao papai e à mamãe. Com muito amor. Fiquem com as bênçãos de Deus, nos braços de Jesus!
Doutrinador: — Você ainda está aí, Ricardo?
Eu: — Estou.
Médium: Estou eu, José, protetor e amigo de Cardinho.
Papai: — Não acredito que Ricardo estivesse aqui. Nós nunca o chamamos de Cardinho.
Doutrinador: — Como o chamavam?
Mamãe: — Didinho ou Ri.
Doutrinador: — Poderia o amoroso protetor explicar?
Médium: — Ele disse Didinho e o médium entendeu Cardinho. É natural quando o espírito é de criança.

Não preciso dizer que meus pais não acreditaram em nada do que se fez naquela sessão. A bem da verdade, o laconismo de minhas respostas foi que levou o médium a *enfeitar* os dizeres, para não parecer falho. Se eu me tivesse estendido, com certeza iria transmitir corretamente as informações, tanto que foi capaz de apanhar muitos outros ditados, antes e depois.

Quis saber de José a razão desses disparates:

— Querido, se todas as pessoas dependessem de conversar com filhos mortos, para suspeitarem de que a doutrina de Kardec é verdadeira, quanto sofrimento adicional não precisaríamos acrescentar aos que sufocam a Humanidade? Não vamos desamparar os seus pais, que isso seria falta de piedade, mas vamos ver se não desanimam e insistem em compreender as leis do Universo.

Entretanto, os esforços têm sido vãos. Quando leem cartinhas de espíritos precisas quanto às informações pessoais, ficam cada vez mais descrentes de que eu pudesse estar presente à sessão. Foi por isso que inventamos este estranho procedimento. Demos nomes fictícios aos meus pais, bem como meu sobrenome não é verdadeiro. Contudo, o diálogo é bastante próximo do que ocorreu na realidade.

Se eu tiver sorte, vou fazer com que entrem em contacto com o médium, antes mesmo de publicada a mensagem. Se não for possível, vou esforçar-me para que a obra dos companheiros inclua esta minha participação. Há de ficar mais fácil de convencê-los à leitura.

Enquanto isso, vou prosseguir, nas horas disponíveis, tentando influenciá-los a que frequentem os centros espíritas, até que me veja de novo em frequência compatível com a do médium, para falar-lhes com muito amor.

Pressinto que a pergunta infalível seja:

— *Que amor, se foram inimigos antes e você não teve tempo de conhecer o teor desse sentimento na carne, nem relativamente a seus pais?*

Meditei muito a respeito do ato de profunda caridade deles, ao me receberem no seio da família. Conheço as diretrizes evangélicas. Se alguém se corporificasse perante mim com essa supra-referida observação, iria perguntar-lhe se tem algum inimigo. Se a resposta for negativa, irei deixar-me ficar boquiaberto, por não me permitirem estar igualmente apaniguado pela sorte. Se for negativa, irei insistir na perquirição das causas desse fato.

Estarei certo ou errado?

Fiquem com Deus!

MARIA DAS GRAÇAS

Coadjuvei o mentor, Mestre José, nos ditados anteriores, na qualidade de sustentadora da imantação. Muitos encarnados irão pensar:

— *Mas que criatura adiantada! Que terá feito de tão extraordinário para fazer jus a ser apaniguada por honra tão subida!*

Garanto-lhes que muito pouco. Apenas busquei ser o mais sincera possível, em todos os pensamentos e confissões aos parceiros de grupo.

— *Quer dizer que é possível passar lorotas, com diversas finalidades, inclusive por estar envergonhado ou para alcançar privilégios?*

Depende do grau evolutivo e de percepção da realidade atual, junto aos professores e mentores da **Escolinha de Evangelização**. Se o indivíduo não sabe quais são os poderes de observação e julgamento dos instrutores, estará arriscado a ter todas as intenções descobertas.

— *E na carne? Será que também aqui os espíritos categorizados como professores nessa Escolinha também são capazes de observar e de julgar as intenções, pondo a descoberto o que se passa no íntimo das pessoas? Não há privatividade possível?*

Não há mesmo. Não que a leitura venha a ser *íntima* ou *interna*. O que ocorre é que a aura revela os desejos, as vontades, as nuances dos sentimentos, os intentos, de maneira absolutamente clara para quem tenha o poder de *ler* as informações transmitidas pela coloração. Eu, que não tenho poder nenhum desenvolvido, vejo, nas tonalidades escarlates, o furor, a raiva, a paixão avassaladora. Bem comparando, há transformações epidérmicas que demonstram o que se passa na mente das pessoas: a brancura do medo, do susto, do desejo de agredir; o rubor da timidez e assim por diante. Até estados de saúde, a coloração verde ou amarelada da pele traduz com eficácia.

Quis trazer certas noções que adquiri estudando, para provar que não é difícil de se conhecerem os processos de influência mediúnica, para o efeito de se dotar o ambiente dos melhores fluidos, para que os trabalhos decorram na santa paz do Senhor.

Muita gente se ilude, imaginando que o principal seja o espírito de religiosidade. Não é verdade. O sentimento do amor ao Pai é imprescindível para o equilíbrio mental, para a confiança que se deve ter em que tudo se irá realizar segundo os padrões evangélicos. Contudo, o que mais importa nas imantações é o conhecimento de como

manejar o fluido cósmico universal, em que estamos imersos, para favorecer o intercâmbio entre os planos.

Caberia lembrar, com todo o respeito e piedosa recomendação para que as vibrações se emitam em consonância com os valores cristãos, que os magos, mesmo quando praticam a magia negra, na perversidade de quem visa a prejudicar os semelhantes, em contraste com as leis de Jesus, também alcançam relacionar-se com os espíritos capazes de levar a cabo as péssimas deliberações.

— *Haverá alguma forma de subverter essa ordem de malignidade, transformando quem exerceu os pendores em desfavor do progresso em pessoa capacitada a realizar atos de bondade, por exemplo, promovendo a cura espiritual ou levando conhecimentos positivos aos seres humanos?*

Pois esta mensagem visa conseqüentemente a tratar dessa possibilidade. Eu, Maria das Graças, durante a última vida, executei as piores ações no campo etérico, abrindo brechas na matéria, para que espíritos maldosos, imperfeitos, infelizes, viessem atender às ânsias da luxúria, da ganância, do ócio dos consulentes, que encomendavam os trabalhos, sem considerarem o preço espiritual que estavam pagando.

Ao chegar de retorno à espiritualidade, quem estava esperando por mim? Multidão de seres com quem colaborei efetivamente para a prática do mal. Os que se diziam meus protetores, os que me deram assistência em prejuízo dos irmãos, afastaram-se, deixando-me repasto indefeso à ferocidade dos que me viram como o instrumento de seus sentimentos de culpa.

Passei mais de dez anos, bem mais, à procura de salvação. Finalmente, prometi utilizar os conhecimentos que empregara tão mal para a ajuda dos sofredores, alcançando convencer José a me ajudar.

Entre parênteses, devo alertar os amigos quanto ao fato de que José nunca trabalha sozinho, quando está em busca de resgatar seres penitentes no Umbral ou nas Trevas. Atualmente, inclusive, faz-se acompanhar de alguns discípulos mais adiantados.

Não vim diretamente para a colônia. Antes, precisei peregrinar pela crosta terráquea, orientando muitos médiuns, como se fora verdadeira benfeitora. Aplicava os conhecimentos para vencer a tentação dos que pretendiam fazer o mal. Lutei muitas vezes com seres perversos, muito mais fortes, e precisei reconhecer que não tinha condições de vencer.

Foram anos terríveis, para adoçar o orgulho e submeter o egoísmo. Isso me transformou em farrapo de gente. Foi quando compreendi que havia muito de convicção de superioridade na oferta de debelar o mal ou de afastar os fortes inimigos das Trevas.

Recolheram-me e administraram-me os conhecimentos elementares da doutrina espírita, sobre a firme base evangélica.

— *Qualquer pessoa pode obter os mesmos direitos, se lutar bravamente contra os vícios e a péssima formação de caráter?*

Direitos ao estudo e ao trabalho em favor dos necessitados. Assistência mediúnica, somente quando conhecer os mecanismos da elaboração do fluido cósmico, o que se consegue com muita dedicação e treinamento. Não cai do Céu, se é isso que estão pensando.

— *Mas há médiuns que nasceram com o dom!...*

Certamente, como há pessoas que tocam instrumentos, fazem cálculos, falam muitos idiomas, introjetam conhecimentos, desde as mais tenras idades. Quando nos referimos a *muita dedicação e treinamento*, estamos referindo-nos, também, a outras encarnações e a outros períodos passados, no etéreo, em recolhimento, estudando e exercitando-se.

— *Que está fazendo pessoa tão madura entre os jovens dessa equipe?*

Deixei a carcaça material aos vinte e sete anos de idade, entretanto, desde os treze, vinha participando das sessões de magia negra, afora o que fiz em encarnações anteriores.

— *Haverá algum parente seu na Terra que lhe possa aproveitar as recomendações?*

Haveria, se se dessem à leitura de textos mediúnicos. No local onde exercem suas funções, por pura ignorância, jamais irão encontrar este tipo de prevenção de problemas. Como, porém, eu saí do mesmo ambiente e cá estou desenvolvendo esta mensagem, com algum discernimento, não lhes será impossível passar pelas mesmas dificuldades até encontrar o caminho do Senhor. Nesse sentido, poderão sempre contar comigo e com os colegas e professores.

Fiquem com Jesus no coração!

Graças a Deus!

5

GODOFREDO

Não tenho tido muita sorte com as comunicações mediúnicas. Quando não falho eu, por me sentir inseguro ou emocionado, falha o médium ou o serviço de manutenção magnética.

Hão de querer saber por que malogram os acompanhantes, os amigos dulcíssimos que nos dão amparo no momento crucial da transmissão das mensagens para o plano da carne.

É de difícil explicação, mas a verdade é que não conduzo com propriedade os eflúvios energéticos e eles não conseguem a devida condensação para o estabelecimento do contacto com o encarnado.

Neste mesmo momento, se não fosse a colaboração de toda a equipe e mesmo do professor, com ajuda externa, minha faixa de frequência vibratória não se ajustaria ao padrão do mediador. Assim mesmo, é clara a dificuldade que todos estão tendo para o serviço.

Tenho estudado com afinco as prováveis causas desse conflito emocional e estou propenso a considerar que o mais correto seja suspeitar do alto interesse que demonstro em acertar todas as expressões, segundo os conceitos tidos por mim como os mais adequados para a tradução dos pensamentos. Qualquer falha de comunicação me perturba e paro para pensar, na tentativa de corrigir. Quando se trata de página escrita, ainda resta a possibilidade da releitura e do castigo *a posteriori*. Terrível mesmo é a transmissão psicofônica.

Apesar de algumas críticas que possa fazer ao médium, este trabalho está conseguindo bom rendimento vocabular e frásico, principalmente porque o meu rendimento intelectual não se funda em tanta erudição assim. O acervo de memória do mediador está satisfatoriamente composto e sua disponibilidade de primeira hora é razoável. Sei que textos de teor científico não alcançariam transmissão rigorosa, mas esse não é, absolutamente, o meu caso.

Em vida, estudei jornalismo e arte. Essa é a origem do virtuosismo do estilo que desejaria imprimir ao enunciado.

Morri cedo, não tendo podido vencer sequer o segundo ano de redação, no periódico que me agasalhou como promissor discípulo de Clóvis Beviláqua.

Diferentemente dos companheiros anteriores, não tenho grandes problemas de relacionamento com os que permaneceram na crosta. Amo e sou amado pelos meus pais e

demais parentela. Fui amigo leal dos que comigo conviveram, desde a infância. Tive amor sadio e honesto por jovem que deixei saudosa, conquanto, hoje, digna esposa e mãe.

Dentre os problemas que tive de enfrentar, o mais sério foi, justamente, esse companheirismo, amizade ou eterno noivado em que se transformou o relacionamento afetuosos com a criatura que deveria tornar-se minha. Tal sentimento de posse perturbou-me aqui no etéreo, uma vez que tinha plena facilidade de frequentar o antigo lar, onde me encontrava com Leonor (nome fictício, para facilitar as referências). Até entender que a vida prosseguia para ela diferente do que para mim, tendo Leonor o direito de usufruir as prerrogativas carnis, muitas lágrimas derramei.

Um dia, ao me defrontar com o interesse dela por colega meu dos mais queridos, pedi socorro. Deparei-me, pela primeira vez, com José. Antes, recebia afetuosa assistência e proteção de dois tios e de vários avoengos. Mas somente me consolavam, passando-me a ideia de que deveria resignar-me à sorte madrasta, que me ceifara a vida em triste afogamento, durante a prática da pesca submarina.

Ao rogar por ajuda, dei a entender que desejava compreender as razões da vida, principalmente, o fato de Leonor, que tanto me amava, como podia avaliar pelos sentimentos que não se me escondiam, estar permitindo uma segunda pessoa na faixa dos amores sexuados.

Passsei cinco anos recolhido, estudando as leis cármicas e a minha personalidade, em função da necessidade de superação da dramática conjuntura em que os sentimentos me envolveram.

Posso dizer que me diplomei no conhecimento teórico de todos esses temas. Entretanto, estremeço ainda pela necessidade de convivência com Leonor.

Com a ajuda de José, pude examinar cuidadosamente a existência anterior na Terra, tendo ficado ciente de que raptei minha amada de lar honesto, embora se apaixonasse e nunca mais volvesse. O atual esposo, como alguém poderia supor, não é o mesmo da encarnação pregressa. Este vaga pelo etéreo, mercê de deficiências graves. Obtive autorização para ir em auxílio do infeliz, depois que me considero sentimentalmente apto a enfrentar situações potencialmente emocionais.

Se os caros amigos fizerem a devida ligação entre a dificuldade de me dedicar com isenção às transmissões mediúnicas e o interesse insatisfeito de ver completada a harmonia amorosa, poderão concluir pela globalidade das reações espirituais. Sendo assim, deverei, dentro em breve, me ver perante Leonor e família para medir a *frequência cardíaca*, estabelecendo com rigor se posso considerar-me em condições de exercer a sacratíssima função de benemérito moral.

Os colegas me cumprimentam e me afiançam que não irei ter acréscimos de irracionalidade, dado que estou vencendo, de certo modo, pois ainda não estou satisfeito inteiramente, esta etapa do aprendizado, tendo em vista a organização da mensagem e o ditado muito próximo do texto primitivo.

Restar-me-ia agradecer, o que farei em particular a cada colega e ao professor. Ao médium, muito obrigado. Ao Pai, a ternura de minha compreensão de sua santa misericórdia, que me agasalha com tanto carinho junto a esta instituição.

Ao leitor, o mais comovido abraço e o desejo de que possa terminar a peregrinação pela vida, realizando todos os projetos de amor e de virtude.

Fiquemos na paz do Senhor!

6

ISABEL

Não posso dizer que tenha falecido muito cedo. Vivi trinta e dois anos e deixei no mundo dois filhos pequenos.

Meu marido, não passaram dois anos, contraiu novas núpcias, o que me deixou extremamente cuidosa pelas crianças. É fato muito corriqueiro que as madrastas maltratam os enteados. Mas meu medo não tinha razão. Madalena cuidou muito bem dos meus filhos, melhor ainda do que do próprio filhinho, que teve três anos depois.

Essa a minha maior angústia. Eu não tivera queixa alguma de meu marido Roberto. Contudo, assim que Madalena engravidou, Roberto começou a frequentar outras mulheres. Quando a esposa descobriu (essas coisas não ficam muito tempo escondidas, particularmente quando se tem avós invejosas...), não teve ânimo de aprontar nenhuma cena com o voluntarioso marido. Deu de maltratar o seu pequerrucho, talvez para chamar a atenção de Roberto.

Quando tentei descobrir por que motivo não fazia o mesmo com os enteados, desconfiei de que tinha muito medo da *falecida*, espírita que era. Queria se dar bem com os mortos, já que, com os vivos, tinha querela ponderável. De qualquer modo, Roberto poderia tornar-se extremamente violento, capaz que foi de esquecer a primeira esposa e de trair a segunda.

Por essa época, passei a suspeitar de que ambos pudessem ter tido relacionamento anterior ao meu passamento. Como não me afetava o fato de meu marido estar legalmente casado, nem quando se aproximava de outras mulheres, considerei-me imune ao sentimentalismo possível por ter sido traída.

Consultei o Professor José, nessa altura conselheiro e amigo, o qual me aconselhou a não vasculhar o passado:

— Que diferença irá fazer, agora, se o ex-marido a traiu ou não? Vamos supor que Madalena fosse a amante desde a época de solteiro. Não teria sido você a causa da separação deles? E se estivesse determinado que vocês teriam dois filhos, como propositura pré-encarnatória, simplesmente? Há muitos mistérios de difícil elucidação. A melhor postura espiritual é a de que a lei é sempre respeitada no campo da natureza, da

qual fazemos parte. Quem deseja domesticar a sorte termina, quase sempre, por trocar os pés pelas mãos. O melhor que temos para fazer é dar de barato que haverá evolução, caso nos conformemos em auxiliar o próximo, sem requerer razões específicas para isso.

As palavras de José eram por demais singelas no conteúdo cotidiano, todavia, para se chegar a compreender e a praticar tais enunciados, com convicção e isenção de malévolos sentimentos, não é nada fácil. De qualquer modo, investiguei toda a peroração e, surpreendentemente, verifiquei que a poderia ter dito da mesma forma, se algum companheiro me pedisse socorro.

Hoje em dia, Roberto está mais caseiro, mercê de alguns sérios problemas de saúde que suas incursões sexuais lhe proporcionaram. Sofreu sensível queda nos ganhos financeiros, representante de vendas que é, dado ter-se viciado em drogas alucinógenas.

Foi o grande serviço que os do etéreo lhe prestaram, prendendo-o ao leito por depressão psíquica, para que não deixasse a carcaça mais cedo do que devia, vitimado, como eu, por acidente automobilístico. Na sua folha de promessas cármicas, está assinalado o compromisso com a criação e educação de quatro criaturas, três das quais estão encarnadas.

Eu mesma me empenho bastante para levá-lo a considerar as ações muitíssimo prejudiciais ao desempenho carnal, o que o remeterá, após o desencarne, ao negrume do bátrato. Ainda bem que Madalena é espírita e compreende os percalços dos que agem contrariando as leis e mandamentos de Deus. Através dela, muito lentamente, Roberto está recebendo informações a respeito da doutrina. Ajuda-o o fato de não se ter fanatizado por qualquer seita ou religião.

Acredito que venceremos essa luta, principalmente se este texto ou algum semelhante lhes for dado para estudo no Centro Espírita. Para isso é que a *Turma dos Primeiros Socorros* vem trabalhando.

Gostaria de estender-me sobre outros aspectos de meus serviços, como o fato de estar *catequizando* os pequenos, por meio de sugestões psíquicas, enfatizadas quando desprendidos da matéria durante o sono. É tarefa menor, pois essas entidades estão fadadas a atividades de regeneração não muito dramáticas. Se estiverem cientes das normas evangélicas, pelo menos as que conseguirmos incrustar no inconsciente, as quais têm plena possibilidade de recapitulação durante o sono, será o suficiente para não desertarem do Espiritismo, facultando-lhes a análise evangélica dos atos da vontade e o exame cármico dos acontecimentos.

Estudo nas horas mais calmas, quando não se excitam os encarnados, espicaçados pela culpa, pelo temor ou pela raiva. São sentimentos não depurados, rudes, primitivos, o que nos permite avaliar que os protegidos estejam muito atrasados na percepção das sutilezas existenciais.

Este último tópico foi-me permitido, para que o leitor estabeleça a correspondência necessária entre benfeitor e beneficiado e não suspeite de que esta que lhe escreve esteja tão somente obsidiando os encarnados. Esta distinção é preciso que se faça sempre, ou as vibrações espontâneas se voltarão contra os mensageiros, que necessitam de que o nível de receptividade seja o mais agradável e amoroso possível, para que os efeitos da doutrina se deem em âmbito intelectual profundo.

Agir em dissonância com a intenção de benemerência será pior do que deixar de ler ou de se interessar pelos temas mediúnicos. E este é problema dos mais pungentes com que os missionários se envolvem, dado que as transformações morais e espirituais são dificultadas intensamente por atitudes de descrença. Que se dirá, então, quando o pobre texto está eivado de imprecisões, de falhas de redação ou de impropriedades argumentativas?

Presentemente, Roberto está em vias de volver ao trabalho. Por ter livre-arbítrio, irá decidir sozinho sobre como encarar o futuro. Enquanto esteve acamado, foram afastados os espíritos que o prejudicavam, atraídos pela vida desarmoniosa. Se não se mantiver íntegro moralmente, acabará nas mãos desses seres, cujo único objetivo é usufruir as emanções dos narcóticos e dos alcoólicos, sem qualquer preocupação com a derrocada do encarnado.

Se não for pedir muito, rogamos ao leitor que, sempre que se lembre, ore pelos entes que se dão a tais desleixos de procedimento, o que redundará em efetivo auxílio vibratório às equipes que trabalham pela recuperação deles.

Jesus reconhecerá os sacrifícios e as doações e recompensará com seu amor impoluto, favorecendo-lhe a compreensão do próprio carma.

Deus nos ajude!

ROSEMARY

Não deveria caber a mim vir hoje escrever, mas falhou o parceiro Claudomiro, descontrolando-se emocionalmente.

É evidente que meu texto estava preparado, para a eventualidade, precisando apenas nomear o colega que fraquejasse. De qualquer modo, está ele presente, assistindo e trabalhando, bem disposto, aprendendo a dominar as reações psíquicas em descompasso com o trabalho mediúnico.

Quando é assim, o professor e os colegas se empenham em favorecer a compreensão do companheiro para os fatores em momentâneo fracasso. Por isso é que vários textos estão preparados para cada dia, devendo apresentar-se quem demonstre condições favoráveis. A bem da verdade, a transmissão diária de uma só mensagem é muito pequena, tendo a turma capacidade de permanecer para duas ou três peças, só não no fazendo por razões de contrato com o médium.

Certamente, Claudomiro virá outro dia, talvez no próximo, pois a extensão do problema não foi grave, apenas impedindo-o temporariamente.

Eu, Rosemary, morri juvenzinha, aos treze anos, vítima de doença pulmonar. Havia obtido organismo frágil para sofrer sérios problemas na vida. Entretanto, nada que não fosse controlável com tratamento através de antibióticos. O que não contávamos, os programadores e eu, era com a incidência tão continuada de ataques bacterianos, terminando por não terem mais efeito os remédios.

Infelizmente, não pude considerar a provação da carne como suficiente para pagamento dos débitos cármicos. Todavia, pude observar a seriedade dos trabalhos de acompanhamento e assistência dos amigos protetores, de sorte a confiar mais plenamente na competência dos devotados amigos.

O acidente da curta existência material purificou-me os sentimentos em relação aos familiares, que me envolveram de fluidos energizados por muito amor e capacidade de compreensão dos fenômenos relativos à vida e à morte. Sem exceção, os parentes guardam-me com carinho em seus corações, prometendo vir encontrarem-se comigo, assim que desencarnarem. São tão sábios e confiantes na justiça e na misericórdia do Pai que me transformaram em pequeno anjo da guarda familiar. Não é honra para deixar qualquer um felicíssimo?

Tendo vivido tão pouco, não trouxe grandes experiências de relacionamento com as pessoas, estando o círculo dos familiares muito fechado em torno de mim, defendendo-me de todos os assédios da malícia e dos vícios. Eis a razão de terem lamentado tão profundamente a minha doença e a minha morte.

Como ninguém atinou com o fato de minha saúde não ter sido boa por solicitação da interessada, com a qual todos concordaram em consulta sonambúlica, ou seja, durante o sono físico, é que estou desenvolvendo este tópico importante da filosofia ou da doutrina espírita, como reflexo direto das leis maiores da natureza, emanadas do Pai, no augusto e supremo ato da criação.

Atingirei grande número de leitores encarnados? Pelo menos, alguém de minha família irá ler estas anotações? É a esperança que todos temos, à vista do empenho do médium em estabelecer a divulgação das mensagens.

Eis delineada a responsabilidade de cada integrante da *Turma dos Primeiros Socorros*, os quais estão esforçando-se para escrever sobre temas de interesse geral, além das notícias preciosas de como fomos recebidos no etéreo, em função das obras, pensamentos, intenções e sentimentos.

Para tanto, precisei recorrer ao encarne precedente, quando vivi além dos anos projetados para minha organização corpórea. Mas o acréscimo vital não correspondeu a aumento da capacidade de praticar o bem ou de oferecer-me condições de progresso intelectual.

Não iria adiantar se contasse a história daquela vida, mas importa saber que meu intelecto se despertou para a maturidade, por recobrar integralmente a memória dos fatos imediatamente anteriores à última encarnação. Pude, assim, saber que fui levada a solicitar deficiência pulmonar por haver abusado da riqueza, determinando aos trabalhadores que me atendiam que devastassem ampla área de floresta nativa, para o plantio inconsequente do fumo.

Não só retirei o oxigênio do ar como insuflei o vício da nicotina e do alcatrão, dando ocasião a que muitos se intoxicassem com os cigarros, os charutos e os cachimbos da solicitação social.

Ingenuamente, naquela oportunidade, argumentei afirmando que, se eu não o tivesse feito, outro o faria. Recebi como resposta que todos os que o fizeram navegavam no mesmo barco furado da irresponsabilidade, precisando, da mesma forma, resgatar os males praticados.

Não está mais em mim realizar extensas recriminações, feliz que tenho estado com o amor dos parentes e dos amigos dos dois planos, através do que estou a sugerir que todos os que estão em falta para com a natureza ou para com a sociedade, mesmo que esta não os acuse declaradamente, terão meios de superar os problemas, para o que devem ser cordatos com a notícia de que seus poderes se limitam, segundo o princípio da igualdade, conforme se pode ler nas obras da Codificação de Kardec.

Gostaria de passar a ideia de que, realmente, estou constituindo-me no anjo tutelar que o povo gosta de ver nas crianças que se despedem do mundo precocemente. Pela leitura desta comunicação, pelo menos presentemente, tudo poderá levar a crer que esteja exercendo exatamente essa função. Entretanto, tenho de ressaltar o fato de que estou muito atrasada no conhecimento efetivo do evangelho, pela precipitação de ter insistido

em reencarnar-me, sem firmar consciência de que a vida exige trabalho e estudo, sempre em prol da melhoria dos semelhantes.

Quando morri, aparentemente antes do previsto, com certeza foi para que me compenetrasse de todas as verdades que venho evidenciando. Talvez, se tivesse vivido mais tempo, não fosse aproveitar as lições, por estar engolfada em terrível egoísmo. Não é verdade que a requisição da debilidade corpórea visava francamente ao meu próprio soerguimento? Também não é verdade que exigia dos pais e irmãos sacrifícios e renúncias, terminando por lhes causar extraordinária comoção?

Não teríamos outros caminhos para o progresso, mais próximos da benemerência dos administradores espirituais?

Se concluírem comigo que o Senhor escreve certo por linhas tortas, surrado e verdadeiro refrão teológico, dar-me-ei por recompensada pela confecção e emissão desta mensagem.

Graças a Deus!

8

GISÈLE

Não há quem não goste do nome que adotei. Todos os meus amigos e companheiras de profissão, triste profissão, sempre me indicavam como boa parceira, apenas por lhes soar bem: Gisèle. À francesa, como se fora a *branquela* mais pura e meiga do mundo. No entanto, era negra retinta, dessas que lustram e refletem a luz.

Gisèle vai lhes contar o que se passou em sua vida que a levou a contar-se entre as infelizes que abandonam todos os preceitos morais vigentes, para viverem à margem da sociedade, embora, por isso mesmo, absurdamente presas a todos os preconceitos e demais pensamentos de menosprezo e de vingança.

É bom não estranhar que esta ignorante tenha adquirido tantos conhecimentos. Se me tivessem encontrado viva, iriam desconfiar de que não teria condição alguma de progredir. Mas onde estou, trago a pele tingida de negro porque quero. O mais corre por conta das impressões que desejo transmitir ao grupo, para a influência positiva, no sentido de fazer com que os demais se sintam coagidos a examinarem as próprias reações, perante ser de evidente e contundente baixa extração social.

Quero, desde logo, dizer que não pretendo espantar ninguém através de minhas palavras. Se pudesse, eu o faria. Contudo, corre, entre os da *Turma dos Primeiros Socorros*, que são pouquíssimos os humanos que se deixam influenciar pelos textos mediúnicos, sempre desconfiando de tudo: plágio, impostura, inconsciência, animismo, infantilidade e até desejo de supremacia intelectual do médium, quando não consegue projeção social por meios mais adequados ao humano sucesso.

Meus pais eram negros iguaizinhos. Mas eram pessoas socialmente consideradas honestas. Trabalhavam, iam à missa, ajudavam os patrões nas horas em que deveriam estar em casa cuidando dos filhos, obedeciam a todas as determinações das autoridades. Não tinham estudo, com certeza porque não interessava aos brancos (digo-o sem ressentimentos e sem agressividade). Se fossem ricos, por exemplo, por terem ganho na loteria, não se integrariam no grupo dos patrões e fugiriam para cidade menor, onde pudessem viver sossegados, em casa afastada do bulício e dos comentários.

Mas eram paupérrimos e se submetiam às diretrizes vigentes, não aquelas escritas, mas as que valem, realmente, ou seja, os usos e costumes consuetudinários.

Ao me perverter, não o fiz por rebeldia. Era mocinha muito graciosa e requestada por todos. Meu verdadeiro nome era Rosana. Troquei-o por Gisèle, para que meus pais não desconfiassem de que se falava de mim.

A verdade é que, durante algum tempo, fui muito famosa no *bas-fonds*, no submundo do meretrício, tendo sido para lá encaminhada, pela ingenuidade dos meus treze anos, quando tive a primeira experiência sexual com gente adulta.

Devo dizer que, desde pequena, as brincadeiras sensuais me atraíram. Era uma pessoa muito *quente*, se é que me entendem. Com o corpo desenvolvido nas chamadas partes eróticas, os olhares dos machos volveram-se para mim. E as notas se acenaram em atração irresistível.

Para quem nunca tivera nada, só o fato de morar em casa de alvenaria era o suficiente para me pôr agradada.

Nunca pertenci apenas a um homem. Entretanto, houve um dia em que, praticamente, tive o *passé* vendido a casa de prostituição sofisticada, com clientela de alto luxo. Estava com dezessete anos, no esplendor das formas. Formas, aliás, que prometiam tornar-se excessivamente abundantes, se não me cuidasse.

Nessa casa, era a única negra. Por isso, especialíssima para quem gostava de fantasiar os relacionamentos sexuais. Havia duas japonesinhas, três mulatas, algumas loiras, mas as morenas claras, bem clarinhas, eram as que mais faturavam.

Mal sabia ler e escrever e isso foi fatal para meu desaparecimento precoce. Inadvertidamente, em certa época de atraso menstrual, peguei um vidro de comprimidos, que pensei fossem estabilizar as regras, e tomei alguns. Comecei a me sentir mal e até hoje não sei se morri por causa das pílulas ou por causa do líquido amarelado que tomei em seguida.

Como podem ver, nada existe de grandioso na minha história.

Chegando ao etéreo, vinha amargurando o desaparecimento precoce, tanto esperava gozar as delícias carnis. Não conheci a dor física. Só os prazeres. Não tive um único arrepio moral. Se quiserem saber, não me encontrei mais com meus pais, depois que ingressei na primeira casa suspeita.

O dinheiro que arrecadei e que deixei guardado não era tanto que me fizesse mecenas dos velhos. Perdeu-se, naturalmente, na volúpia inflacionária dos gananciosos.

Assim, sem que soubessem os velhos que eu morrera, continuaram sua vidinha normalmente, às vezes com arremessos de saudades, principalmente quando os ia visitar em espírito, alma penada nos primeiros tempos e remediada moralmente, depois.

Quando José me foi buscar no Umbral, falei-lhe que não mereceria sua atenção. Ele não me disse nada. Apenas me levou até o prostíbulo mais perto e me mostrou antigas cortesãs, espíritos aferrados ao sexo, sugando as energias dos que malbaratavam as suas.

Olhei com evidente incompreensão para o querido mestre, que me explicou:

— Gisèle ou Rosana?

— Gisèle. Rosana é criatura que mora na mente dos familiares.

— Gisèle, você curtiu as sensações da pele, sem pejo e sem malícia. Não tinha nítida na cabeça a diferença entre procedimento natural e evangelizado.

Olhei para ele bestificada. Eram conceitos que não podia absorver.

— Desculpe-me, querida. O que pretendo demonstrar-lhe é que não houve maldade em seu comportamento. O que a fez peregrinar estes últimos nove anos sem destino, foi o fato de ter repudiado a possibilidade da gravidez, ou melhor, da condução à Terra de mais um ser necessitado da vida para progredir. Nem por isso, no entanto, é merecedora de grandes represálias, tanto que sua consciência acabou assimilando a noção do estacionamento, quando percebeu que o fim da vida se deveu a essa precipitação.

Hoje sou capaz de reproduzir as palavras e de entendê-las e até muito mais. Na ocasião, perdi quase tudo. O que me ficou realmente gravado é o que já suspeitava e começava a proclamar em baixa voz: era uma boa pessoa, mal influenciada e gananciosa. Dava a desculpa da idade e recebia da consciência o revide da desobediência aos conselhos e recomendações de mamãe, que jamais suspeitara das supra-referidas brincadeiras com a molecada da vizinhança.

Durante mais de treze anos fiquei internada na instituição, interessada em aprender as sutilezas mentais da culpa e da desculpa. Nesse meio tempo, fui levada a conhecer a anterior encarnação. Vivera na África, em condições tribais muito infelizes. Negra e pobre. Viúva desde cedo. Sem filhos. Atormentando a vida das mulheres casadas.

Essa fase, porém, não me afeta mais. Conto-a, para que tirem as conclusões relativas à lei de causas e consequências.

Após a aprendizagem das primeiras letras, pus-me em contacto com meus pais na qualidade de protetora, tendo em vista estarem velhos e necessitarem de apoio espiritual, para compreenderem que o pós-túmulo é bem diferente do que prega a crença católica.

Logrei êxito com a ajuda de diversos companheiros, mesmo porque, quem tem origem africana, não se deixa iludir pelas balelas dos padres interessados nos rendimentos e não nas almas.

Para efeito de demonstrar que não estou levantando acusações descabidas ou rancorosas, posso dizer que me foi possível saber que muitos sacerdotes estão encarnados com a missão de superar as dificuldades sociais dos terrestres, tendo eles mesmos sido vítimas, em encarnações anteriores, da lei da força dos poderosos, havendo muitos que tinham pele negra. Encarnados, esquecem-se das promessas aos benignos protetores. Deus os ajude!

Como minha área de interesse se situa no campo dos *coloreds*, tenho tido oportunidade de entrar em contacto com muita gente iludida pela condição atual, no sentido de se sentirem inferiores ou superiores. Posso dizer que os piores são os que desejam, sendo negros, postar-se de maneira a suplantar a todos. Fazem-no por birra centenária, incrustada na personalidade.

Não tenho condições de medir os tópicos, segundo os critérios específicos para as mensagens habituais da turma. Por isso, pedi a José que me avise quando estiver na hora de parar. E ele está me afiançando que, se continuar, irei ultrapassar os limites da capacidade de reflexão.

Em todo caso, agradeço, comovida, esta oportunidade e peço um milhão de desculpas se ofendi a susceptibilidade de pessoas moralmente sãs mas desacostumadas com linguagem demasiado crua ou rústica. Aproveito, então, para dizer que, no etéreo, todas as sutilezas da humana malícia de caráter social caem por terra, perante a necessidade de crescimento no campo das virtudes evangélicas. É bom, assim, começarem,

desde já, a se preocupar com os argumentos que utilizam para desprestigiar o que lhes possa parecer perigoso para o crescimento moral, para a evolução.

Mais tarde, quando nos encontrarmos por aqui, poderemos *bater uma caixa legal* sobre os que lhes possa não ter ficado claro. Para mim, esta dissertação era tudo o que eu mais precisava, pois vejo que poderei atingir diretamente o público encarnado, através do conhecimento e da revelação de que tudo o que ocorre no plano material tem seu reflexo na conduta espiritual posterior.

Muito obrigada!

Aceitem o abraço carinhoso da Rosana e da Gisèle, personalidades que ainda lutam para integrarem-se numa só bondosa e adiantada criatura.

Fiquem com Deus!

ROBERTO

Desencarnei excessivamente cedo. Se o caro amigo esperava outra afirmativa, deve preparar-se para ler a repetição da frase até o final do livro, uma vez que, antes dos sessenta ou setenta anos, não há quem não considere a morte prematura.

Tinha doze anos e fui vítima de atropelamento, quando andava de bicicleta. Se estivesse muito doente, incurável, com câncer ou AIDS, por exemplo, mesmo assim diria: excessivamente cedo... excessivamente cedo...

Muitos humanos julgam que as mortes, antes de concluído o ciclo biológico, representam que os indivíduos tinham poucos débitos para purgar. Essa ideia servirá, talvez, para espíritos muito evoluídos, que desejaram, por iniciativa própria, volver um pouquinho mais ao plano da matéria. É deliberação que os da *Turma dos Primeiros Socorros* não estão em condições de avaliar.

Muito temos discutido a respeito do tema, evidentemente, por estarmos a repetir: excessivamente cedo...

Quando nos disseram que poderíamos estar necessitados de um pouquinho mais de dores carnis, até que suspiramos esperançosos. A totalidade, contudo, dos integrantes do grupo, depois de algum tempo, chegou à conclusão, à vista dos progressos nos estudos evangélicos, de que o caminho pela frente necessita de novas encarnações, de inumeráveis peregrinações pelo orbe terráqueo.

Aí, caiu por terra a presunção do adiantamento moral.

Por que, então, fomos retirados de circulação antecipadamente, uma vez que a maioria tinha meios de prosseguir crescendo na aquisição dos valores evangélicos e de ir ajudando os familiares?

É que a programação pode ser interrompida, a qualquer hora, por inúmeras razões, principalmente quando sofremos acidentes que nos tornariam aleijados ou paralisados, o que não se coadunaria com o projeto de vida, tanto no que concerne aos resgates, quanto aos aspectos missionários possíveis.

Vejamos o meu caso.

Sempre fui criança feliz. Tive as doenças comuns ao restante da humanidade e não me dava mal na escola, onde progredia regularmente. Tinha o aspecto intelectual muito

bem fornido de prendas socialmente valorizadas, como também era bom amigo dos que comigo conviviam.

Meus pais não eram abonados mas, comerciantes, me ofereciam todos os recursos para me estabelecer na sociedade, sem perspectivas desagradáveis. Éramos o que se denomina de burgueses ou de pessoas que conseguem usufruir regalias extraídas do capital acumulado. Era branco, o que me dava livre trânsito oficial. Era católico, o que me fornecia o passaporte para o Céu. Era equilibrado, o que me dava respeitabilidade e oportunidades. Era saudável, o que me permitia adentrar todos os ambientes.

Se tivesse continuado, iria perfazer os roteiros de vida, que incluíam a constituição de lar e a criação de filhos. Mas morri excessivamente cedo...

Como não tivera tempo de explorar ninguém, ao menos conscientemente, como não fora testado pelos princípios canônicos das leis maiores, como era tão só aprendiz, não poderia sofrer acusações conscienciais. Deveria ir diretamente para o Céu dos anjinhos.

Esse *Céu dos anjinhos* existe, figuradamente. Trata-se de lar-escola, onde pessoal especializado recebe os espíritos perturbados pelo ideário infantil e os leva a se compenetrarem das principais leis, incluindo a do sistema de reencarnação, para que se interessem pelas vidas anteriores, o que irá, aos poucos, devolvendo às criaturas o sentimento da anterior personalidade.

Para que se evitem especulações, devo afirmar que o período desse despertar é muitíssimo variável, demorando mais para se aceitarem como seres adultos os que se ligaram aos pais afetivamente além da conta, impedindo-se de crescerem, para que não percam os carinhos intensificados pela morte prematura. Há quem fique nessa condição infantil até a chegada dos progenitores, muitos anos mais tarde, os quais se tornam importantes para a reeducação dos infelizes.

Não sei se estou demasiado didático ou técnico neste roteiro, cuja intenção manifesta é a de desiludir os pais que perderam filhos excessivamente cedo de vir a encontrá-los no etéreo ainda infantes. Se isso, por acaso, ocorrer, o que demonstramos não ser impossível, é bom saber que não é o fato mais natural e corriqueiro. Sempre que se lembrarem dos pimpolhos extraviados da vida, rezem com muita fé em que se desembarquem dos liames da idade, para que possam continuar aprendendo e trabalhando em prol dos entes amados e da comunidade espiritual de que participam.

Quase todos os amigos da classe têm esse problema em relação aos que deixaram encarnados. Poucos são capazes de receber a compreensão lúcida dos pais, irmãos e avós. Há até quem tenha tios e primos enleados nos sofrimentos morais advenientes do passamento antecipado. Isso nos torna preocupados pela falta de perspectiva de entendimento da realidade, o que nos faz pressupor que a luta para o encaminhamento doutrinário deles irá estender-se por tempo muito longo. E quando dizemos, nesse sentido, *muito longo*, estamos incluindo a necessidade de vários retornos ao mundo da carne. É sofrimento adicional que simples leitura de textos como o presente resolveria com facilidade, se se acreditasse na veracidade dos mensageiros.

Caberia discorrer sobre a importância de nos demonstrarmos sérios e argutos, bem diferentes das crianças e adolescentes da lembrança dos que ficaram. Contudo, estaríamos falando com a voz da razão para quem está imerso nos fluidos sentimentais, preponderantemente. Assim, quem, em sã consciência, admitiria que esta comunicação

pudesse ter sido redigida por púbere, cujo interesse nas diversões ficou declarado, embora com lampejos de clarividência intelectual, mas nunca filosófica, pelo respeito que tive pela religião católica?

Fez a turma questão de determinar a alguém sem preocupações pessoais, dada a mínima experiência no campo da regeneração pela dor, que desenvolvesse o tópico da consciência da possibilidade de sermos acusados de incongruentes, de falsos, de maliciosos ou, simplesmente, de mentirosos.

Fique o presente desenvolvimento para a meditação dos que não mergulharam na leitura dos textos da codificação kardequiana.

Aos irmãos espíritas, deixamos a sugestão de que o texto possa receber tratamento mais adequado para as mentes infantis, dado que os roteiros das aulas para a Mocidade Espírita incluem discussões sobre quem veio para cá excessivamente cedo.

Resta configurar o auxílio mediúnico pessoal para quem desejar resolver questões com as quais não atinamos. Para isso, basta concentração idônea, confiante e sem agressividade, dado que muitos destes elementos que estamos passando aos terrenos podem provocar surpresas desagradáveis, mediante os preconceitos suprarreferidos.

Fiquem na paz do Senhor!

CLAUDOMIRO

Recentemente, estive a ponto de provocar um fiasco nas transmissões impecáveis junto a esta mesa. São tamanhos os cuidados dos organizadores das reuniões que não se deu o caso de fracassar um único dia de serviço. Sendo assim, o meu temor foi infundado e perdi a oportunidade de me ver trabalhando sob coação. De qualquer maneira, volto hoje, sem preocupações pessoais pueris.

Em vida, fui pedreiro. Melhor dizendo, cheguei a meio oficial, tendo iniciado muito cedo a ajudar meu pai, na qualidade de servente. Quando estava tocando a minha primeira obra, na companhia de pessoa mais velha, que me misturava o reboco, sofri um acidente, bati com a cabeça num tijolo e adquiri um coágulo, do qual não me livrei mais, vindo a falecer dois meses depois.

Assim que cheguei a este lado, virei-me contra o corpo médico que me dera assistência, julgando que não tiveram os devidos cuidados para comigo, desprovido que era de recursos para pagamento de hospital mais categorizado.

Meu pobre pai é que custeou as despesas e precisou empenhar os bens para os pagamentos em dia. Preocupe-me com esse aspecto, pois era o que me fora dado observar, ou seja, a aflição de meu honesto pai, que se lamentava por me ter permitido aceitar o serviço que resultou em minha morte.

Depois de algum tempo, quando percebi que a atuação junto aos vivos não surtia os efeitos desejados, uma vez que papai não melhorava nem os médicos se sentiam culpados, procurei um velho tio, falecido dois anos antes, a quem era muito apegado. Felizmente, estava em condições de me atender. Não confiava em ninguém mais, para conduzir-me a esta colônia nem a nenhuma outra, dentre tantas que aqui existem.

A bem da verdade, devo dizer que faz mais de vinte anos que cheguei, tempo suficiente para me dar este traquejo com as palavras, embora me emocione com muita facilidade, mercê de ter lamentado o passamento antecipado, quando fazia planos para o casamento.

Se quiserem saber, o que mais me afetou foi exatamente o fato de não ter podido acompanhar a noiva em seus posteriores desenvolvimentos sentimentais. Como julgara, em vida, que fôramos feitos um para o outro, tive a tendência de motivá-la ao suicídio, para que se juntasse a mim. Ideia infeliz de ignorante das leis cármicas, evidentemente.

Quando soube que a ex se casara, não me desesperei. Vinha estudando as diretrizes evangélicas e reencarnacionistas e caí em outra triste ilusão de quem não sabe direito as coisas: desejei ardentemente reencarnar como filho daquele casal, sem preparação e sem...

Deixo aos bondosos amigos que completem, com dizeres técnicos, o que não me passa pelo burilamento intelectual.

Volto a escrever, depois de ter sido atendido pelo pessoal da equipe, pois recebi da consciência forte influxo vibratório negativo, no sentido de me fazer mais responsável pelos dizeres do que, realmente, se consideram os pupilos destas turmas de primeiras socorros.

José me vem há tempos incentivando, para que vença a timidez, a fim de me postar ao lado dos demais, que não sou assim tão despreparado quanto venho julgando-me. Por outro lado, recomenda-me que me utilize dos recursos linguísticos do médium, no desfalecimento da memória. Em lugar de dizer exatamente o que desejo, sugiro e o mediador veste os pensamentos com palavras adequadas.

Não sei se estou sendo vaidoso, mas o sistema não me parece o mais propício para revelar os sentimentos que envolvem as ideias. Em todo caso, por várias vezes, necessitei do médium e fui atendido. Muito obrigado.

O restante da comunicação preparada visava a considerações na área dos que não têm estudos acadêmicos, trabalhadores braçais que demandam o etéreo mais cedo, faltos, inclusive, do apanágio da experiência.

Entretanto, à vista dos titubeios e dos trechos improvisados para a coloração sentimental do comunicador que se emociona, quando não deveria nem poderia, pretendo não estender-me muito mais, resumindo os conceitos na necessidade de os leitores se habituarem com desenvolvimentos bem compassados, bem organizados, lúcidos e surpreendentes, tendo em vista que a herança cultural do encarne acaba não valendo como diretriz programática.

Todos têm uma história e uma inteligência. Quando se inicia a apreciação evangélica do ponto de vista da aplicação das virtudes à vida quotidiana, o aprendizado se torna rapidíssimo, aproximando-se os fatores exemplificativos e elucidativos, a ponto de se constituírem em verdadeiros dicionários, por se abrir a mente para as noções mal apanhadas mas que agora precisam fixar-se.

Não é preciso ser muito esperto para avaliar que não serei eu o melhor autor para tratar de semelhante tese, mais propriamente filosófica do que doutrinária, dado que não tenho todos os elementos e me baseio em conjecturas, em suposições plausíveis e em vestígios de verossimilhanças.

Esta minha tendência é muito bem estudada pelas turmas iniciais da **Escolinha de Evangelização**, com a finalidade de despertar os alunos para a falácia das conclusões precipitadas. Se acabei não desenvolvendo o tópico com sabedoria, é certo que o texto acabou resultando no exemplo prático de maior evidência de que quem não tem competência não se estabelece.

Eis que a dissertação, além da demonstração dos prejuízos provocados pela emoção fora de controle, também serviu para evidenciar os méritos dos companheiros que

conseguem, com brilhantismo, superar as deficiências culturais, expondo com facilidade e elegância.

É muito interessante constatar que tenho todas as palavras. O difícil é dar-lhes conjunto que possa provocar a meditação, encaminhando os leitores para a solução dos problemas que costumam levantar, quando são apresentadas teses pouco comuns, no âmbito dos conhecimentos doutrinários.

Agradeço muitíssimo a todos que permitiram que a comunicação, afinal de contas, tomasse corpo e não se desperdiçasse o dia, conforme de início ressaltai. Se assim não estiver parecendo a alguns, peço-lhes, humildemente, que me perdoem a ousadia de ter suscitado o contrário. Pelo menos para mim, a tarde terminou sendo utilíssima, tanto que estou embalado, escrevendo com muita rapidez, à medida que os pensamentos se formam e se transformam no contexto da realidade em que estamos imersos, neste momento mediúnico.

Amo a todos vocês. Muito obrigado.

EPAMINONDAS

Sempre tive muito orgulho de meu sonoro nome. Quando soube o que significava para a história da humanidade, ainda mais me apeguei de amores a ele. No entanto, foi causa de imensas arrelias pela criação dos arredores e também da escola. O *Nondinho* da mamãe virou o *Ondas* do bulício e, daí para a frente, atormentei-me além da conta.

Esse dado pareceria irrelevante, não fosse a única lembrança sumamente desagradável de minha curta permanência na Terra. O mais são recordações amorosas, de constante desfilar de alegrias, na serena conquista de todos os atributos sociais de vulto.

Aos treze anos, mercê de estúpida brincadeira, morri eletrocutado, em cima do telhado, tendo resvalado para a alta tensão a vara com que tirava a *capucheta* dos fios. Meu corpo ficou preso e mais três pessoas, na ânsia de me acudir, também se viram despachadas, de repente, para cá.

A tragédia abalou a comunidade e saiu estampada nos jornais, notícia de primeira página, na mórbida exemplificação do que a juventude não pode fazer ou na tácita reprimenda aos pais invigilantes.

Se tivesse vindo sozinho, penso que teria muito pouco para contar. Entretanto, os companheiros de infortúnio, nem bem se reconheceram defuntos, acusaram-me de ter-lhes facilitado a transferência, em momento absolutamente impróprio, inoportuno, antecipado.

Como eram pessoas mais velhas, deveriam ter compreendido que sua incompetência na previsão do choque fora mais grave do que a minha. Eu não tinha contraído outros débitos, além dos sopapos por causa dos apelidos, e fiquei meio atarantado com a violência contra a ignorância interpretativa dos fatos da realidade espiritual.

Sei, agora, que estava fortemente amparado pelos protetores e que só fui assediado, à medida que os ataques pudessem representar atitudes ou atividades de injustiça explícita. Essa correria infeliz redundou no esquecimento, de minha parte, de ter sido tragado pela morte muito cedo. Tão preocupado fiquei em acalmar pela explicação da imprevidência, que não me lembrei de que a vida se perdera, tendo em vista a extraordinária organização corpórea que adquirira.

Dois anos passei nessa atribulação. Quando completaria quinze anos, mocinho, portanto, que meu corpo perispiritual se desenvolvera como se encarnado estivera, atinei

com o problema de ter de me haver com os atributos masculinos, inúteis para a psicologia do lugar.

Foi só então que o transe da morte me atingiu em cheio. O encantamento da alienação se desfez e os três perseguidores vieram postar-se ao meu lado, para o regozijo da conscientização.

Tivera tempo e reproduziria aqui as longas tertúlias, onde a flutuação temperamental era o que de mais interessante havia para a análise das peripécias dos silogismos. Em suma, somente quando chegamos a raciocinar em termos religiosos, esperando que o Pai nos respondesse, com clareza, em que situação estávamos metidos, é que José, o bom José, se fez presente, convidando-nos para o ingresso na *Escolinha*.

Hoje estamos separados, cada qual buscando realizar objetivo mais próximo de cada personalidade.

Eu tinha cinco irmãos, o que, de certa forma, pôs consolo nas dores paternas. Fora avisado de que havia perigo de morte naqueles fios. Tinha inteligência para saber que, ao tocá-los, iria esturricar. Fora obediente todo o tempo, jamais tendo dado motivo de preocupação, por atos irrefletidos, sem contar, naturalmente, os atritos por causa das alcunhas... Enfim, não valeria a pena ir dar assistência aos pais pelo transtorno da morte. Nem aos irmãos, que logo se esqueceram da ocorrência, interessados em levar avante as próprias vidas, pois quem fica remoendo o passado...

Reconheço, preso no próprio anzol, que a longa narrativa tende a esconder a falta do que trazer de positivo para a meditação dos leitores. Na verdade, a exemplificação que me coube foi a menos dramática das quarenta. O despertar se deu através da sutileza acima mencionada e o mais foi a recuperação paulatina, nos últimos sete anos, da antiga conformação psíquica, acrescida das experiências dolorosas dos amigos que me acompanharam.

Estou em plena campanha para reatar os laços rompidos com os que se envolveram comigo, na mesma programação, tanto nos compromissos de recomposição de abalados elos de amizade, como nos da assistência a parentes carentes.

Pode parecer que a peregrinação seja unicamente informativa, ou seja, encontro-me com os encarnados durante o sono ou com os espíritos na Colônia ou no Umbral e lhes digo que estou desencarnado e que, portanto, não devem contar comigo para a realização do que havia sido ajustado.

Nada disso.

Tenho a obrigação de discutir longamente os projetos substitutivos, para a garantia de que os serviços prometidos passarão apenas por novas etapas, até que se completem, conforme as leis cármicas.

Através do aprendizado junto aos amigos da *Turma dos Primeiros Socorros*, tenho aplicado os conceitos evangélicos nos relacionamentos, satisfazendo, desde já, muitas das premissas dos companheiros e dos adversários, dando-lhes melhor compreensão de quem fui e de quem sou, de forma que possam refazer a postura emocional perante minha pessoa. É, em suma, a realização, em outro plano, de muitas das tarefas a que deveria dedicar-me, se prosseguisse vivo.

Não preciso dizer que estou satisfeítíssimo, tanto que o pessoal me chama normalmente por *Ondas* e eu atendo, sem notar que o hipocóristico se tornou

verdadeiramente afetivo. Se os amigos leitores se interessarem por saber de outras minúcias desse trabalho, poderão ligar-se nestas minhas *ondas*, que terei imensa satisfação em atender.

Apenas para terminar, devo dizer que, curiosamente, a eletricidade que me tirou a vida parece ter deixado resíduo no cérebro, pois me considero *elétrico* como nunca na existência, tanto que esta redação foi considerada a mais rápida, a mais completa e a mais tranquila, ao mesmo tempo, como se tudo se enfeixasse num cabo, mente a mente, com o médium.

Pede-me José que explique aos encarnados que a brincadeira teve sucesso entre os desencarnados, dado que lhes é possível visualizar como se dá a transmissão através da energia cósmica. Essa lição há de ficar para outrem.

Muito agradecido. Fiquem com Deus!

EUGÊNIO

Quando adquiri a noção das coisas e meu pai me contava histórias, fiquei extremamente intrigado com o Gênio da Lâmpada, de Aladim. Aproximei meu nome da personagem e, espírito infantil, queria satisfazer os maravilhosos desejos das pessoas, em passes de mágica.

Parece história da carochinha, sem efeito programático na vida responsável de pessoa integrada à matéria, com a destinação de melhoria de comportamento em todos os setores capengas da formação evangélica.

Sintam o efeito que produz a inconsistência da fantasia, em relação às demandas da realidade.

Pois bem, essa sensação desagradável de algo que ficou sem perspectiva de realização atinge todos os amigos da *Turma dos Primeiros Socorros*, em virtude de termos chegado ao etéreo com aspecto de criança ou de adolescente.

Torna-se problemática a adaptação, ou melhor, readaptação aos processos existenciais, quando não se exerce domínio pleno sobre o poder de raciocinar e sobre as sub-reptícias infiltrações das emoções. Em outras palavras, debelar a infantilidade exige tempo, cuidado, assistência e compreensão.

Mas a fantasia pode ser utilizada inteligentemente pelos mentores, para o efeito visado de restauração perispiritual, como ocorreu comigo.

Deixei a carne bem cedinho, aos oito anos, quando mal principiava o segundo ano primário.

Penso que seja o único da classe que voltou na companhia dos pais, embora impossibilitados de atendimento ao filho, por razões que não importa esmiuçar. Fique a pista de que ambos se encontram, após dez anos, perlustrando o Umbral, em perseguições recíprocas, acrescidas do problema de que meu pai foi culpado do acidente que nos tirou a vida.

Eu era totalmente dependente deles e não poderia compreender, de imediato, que lhes perdera a assistência, devendo ficar nas mãos de outras criaturas. Aí, os recursos das transformações fisionômicas entraram em ação e dois abnegados protetores, meus tios de outras jornadas, assumiram a fictícia paternidade, dando-me a necessária cobertura emocional para o enfrentamento da nova e trágica situação.

Tenho muitos débitos no passivo, os quais resgatarei em tempo hábil. Mas a devolução de meu espírito ao etéreo não poderia punir-me, o que se explica pela lei da *carga suportável* ou da lei *a cada qual segundo as obras*. Também a antecipação não há de redundar em privilégios, como se esse fato anulasse todos os compromissos cármicos. O que recebi dos benfeitores foi a complacência do aguardo da compreensão.

Por outro lado, por acréscimo de misericórdia, para apressarem a conscientização do afilhado, brincaram comigo, dando-me poderes de concentração energética para concretizar desejos mágicos, à medida que as histórias que me contavam necessitavam de personagens que me possibilitassem entender, paulatinamente, os fatos da vida e os fenômenos naturais.

Quero, nesta altura da dissertação, esclarecer que a coincidência do nome *Eugênio* com a história de Aladim foi casual, senão vão pensar que tudo estava escrito e que se sabia, de antemão, que iria sofrer o desastre, que meus pais iriam perder-se nas trevas, que seria despertado através da magia lúdica da psicologia aplicada etc. Há forte tendência, entre os que estudam mal o Espiritismo, de que o futuro existe como realidade, oculto num biombo de tempo, que uma figuração mágica qualquer acaba revelando. Não é assim. A previsibilidade dos acontecimentos se estabelece a partir do estudo dos fatores atuais, o que nos leva a considerar o conhecimento prévio como lotérico, dado que há interferências insuspeitas em todos as pequeninas ações, o que produz alterações significativas naqueles fatores, que continuam, constantemente, em estado de atualização, obrigando a novas conjecturas. A extensão deste raciocínio, estabelecido o padrão-limite para a realização dos eventos sobre os quais nos dizemos aptos ao conhecimento, vai esclarecer-nos que, quando o momento do futuro aprazado chegar, estará, definitivamente, dando certo, tantas foram as pequenas mudanças que se fizeram nas previsões, a ponto de descaracterizar o vaticínio inicial.

Antes de escrever o presente parágrafo, imaginei que, ao chegar ao fim, talvez não desse a noção exata de todas as intuições e certezas que adquiri no estudo do tema. E não poderia ser diferente, pois o assunto é complexo e caberia, tranquilamente, em tratado sobre o tempo e sobre o espaço, como resultantes da transformação da energia em trabalho, de acordo com as apreciações da Física e da Matemática. Não é assim que pensa o amigo leitor, muito mais interessado nos aspectos psíquicos dos espíritos infantis de volta ao etéreo do que nos tópicos filosóficos existenciais, sobre que não se poderia supor que uma criança de oito anos de idade viesse discorrer?

Fiz de propósito desenvolver o raciocínio complicado, para demonstrar o quanto progredi desde que aqui cheguei pelas mãos de José, depois de haver descoberto, sem drama, que meus pais haviam sido substituídos amoravelmente pelos beneméritos guardiães. E também para induzir à consideração de que meus pais, com certeza envolvidos em problemas sentimentais agudos, estão inutilizando esta fase da existência, sem aprendizados tão valiosos quanto os meus.

A bem da verdade, acumulo conhecimentos, no sagrado intuito de buscar ajudá-los em breve, para o que estou arquitetando a sutileza de plano mágico, pretendendo apresentar-me a eles na condição em que deixei a vida, sem a terrível desfiguração, é claro, do acidente. Será simples passe de mágica, na vertente da bondade que nasce da misericórdia divina.

Enquanto isso não ocorre, vou dedicando-me ao aperfeiçoamento das qualidades intelectuais que descobri em mim, pois, ao destacar sílabas de meu nome, acabei por dizer *eu-gênio*, e me atribuí condições mentais superiores, com as quais pretendo assimilar os conhecimentos possíveis da Física, da Química, da Matemática, da Botânica, da Filosofia, da Religião, como expressão mística superior da criatura, da Linguagem, da Medicina, da Engenharia, da Cultura Terrestre, como nutriz das Civilizações, causa-efeito do Espírito Encarnado sobre a Matéria e sobre a Evolução... Preciso prosseguir relacionando, para entendimento do nível das aspirações?

E se não tiver chegado sequer a imaginar todas as matéria desse extenso currículo e receber o apelo de meus pais, na compreensão, afinal, da necessidade de auxílio? Darei graças a Deus, pois nada há de mais importante para mim do que juntar de novo a família, em torno dos cânones cristãos.

Posso perguntar aos amigos se me consideram no caminho certo do Reino de Deus? Então, vamos abraçar-nos neste ideal enlace de amor e extasiemo-nos juntos com o esplendor da Justiça Universal, que nos possibilita buscar sermos irmãos pelas palavras energizadas que perpassam pelo etéreo, se fixam na matéria e se resguardam na memória dos sentimentos superiores do homem, como ser puro, assim provindo das mãos criadoras do Pai.

De certo modo, estou estendendo minhas mãos mágicas para alcançar o presente da leitura dos irmãos de boa vontade, que me tomam como um dos mensageiros da ***Escolinha de Evangelização*** encarregados do desvelamento da realidade factual do mundo imediatamente superior ao da carne.

Juntemo-nos para a prece dominical e estabeleçamos, a partir do instante em que os amigos se compenetrarem de minha presença ao seu lado, forte corrente de amor, para o agradecimento dos recursos intelectuais e afetivos, na firme determinação de que o futuro que construiremos acolherá a ideia da fraternidade universal aos pés do Senhor, sob a inspiração da doutrina de Kardec.

Até já e até sempre, no seio da Verdade, pela Eternidade, com Deus!

Jesus nos abençoe, proteja e ilumine em todos os projetos! Assim seja!

CLIVANIR

Não tenho muita habilidade com as palavras. Gosto de ir diretamente ao assunto e, por isso, temo não estar preparada para esta tarde de comunicações. Mas vou tentar, sob o incentivo do Mestre José e dos colegas amigos.

Desencarnei aos sete anos, vítima de doença pulmonar. Faz tempo isso, quando não tínhamos os recursos dos antibióticos e a penicilina estava em experimentação.

Coloco tais dados, para demonstrar que não tiveram culpa de meu passamento os meus pais nem os amáveis médicos, que de mim cuidaram com desvelo e preocupação, tão importante era minha família. Mas não houve jeito e todos se resignaram com a sorte. Naquela época, doenças, como a que me trouxe para cá, tornavam os pais transtornados muito mais com o sofrimento consciente do futuro, porque o paciente tinha a certeza da morte, do que com a morte em si, inevitável.

Existem pessoas, em circunstâncias gravíssimas de sobrevivência, que veem na morte a saída melhor, para que as criaturas não sofram. Eu não presenciei, mas alguns companheiros me disseram que, ao adentrarem nos campos de concentração, os pais preferiam ver os filhos desde logo ir para a câmara de gás, pois a fome e os horrores do cativeiro eram muito piores. Se acrescentarmos ao espírito de comiseração a fé na misericórdia e no poder de justiça do Pai, compreenderemos mais facilmente a que desejo chegar.

Resta saber o que faço neste grupo de recém-desencarnados, tanto tempo faz que deixei a miserável carcaça entregue aos vermes.

Não gostaria de me fazer de vítima, perante o público encarnado, mas a verdade é que, ao nascer, carregava comigo pesados fardos e compromissos muito importantes. Minha existência não havia sido pautada por atos de caridade e sim por supremo egoísmo. Ao retornar muito cedo, não me foi dado obter assistência, a não ser no sentido de me fazer reassumir a personalidade o quanto antes.

Uma vez dona de meu caráter, acrescentei o fardo dos arremessos contra a justiça de Deus, pois me via credora de benefícios e honras por ter sofrido tantas horas amargas e por ter provado a tristeza dos pais, irmãos e avós. Aqueles seis longos meses de depravação física, até a agonia, me pareceram suficientes para compensar todos os malfeitos. Até entender que os seis anos e meio anteriores foram de sossego, uma vez que, se estivesse no etéreo, estaria em loucas correrias através da escuridão, demorei muitos anos, tempo suficiente para que meus avós, meus pais e meus irmãos viessem para cá.

Como julgava que me deviam os favores da criação e da educação combinados antes do encarne, quis aparecer-lhes na condição de menininha em idade escolar.

A história dessa reaproximação daria para um livro. Houve quem não me admitisse no grupo. Houve quem me protegesse dos assédios dos malvados. Houve quem não tivesse acreditado em que não houvesse eu crescido moralmente. Houve quem, simplesmente, se afastasse dos demais.

Esses fatos não ocorreram em conjunto. Conforme a parentela vinha chegando, cada qual oferecia reação diferente, de sorte que pude ir observando como é que as coisas iam dando-se. Mas o meu ponto de vista, uma vez que não progredira, estava muito prejudicado pelas sensações infantis da primeira hora. A minha mente era uma balbúrdia. Os pensamentos antigos se sobrepunham, evidentemente, mas assumiam a conformação da recente maneira de pensar, de modo que, aos olhos não argutos dos parentes, eu era um pequeno monstro, nem mais, nem menos.

Foi minha mãe quem me amparou, na lembrança do amor que me dedicara em vida. Era a criatura mais evoluída do grupo e me fez ver que estava perdendo precioso tempo.

Se estivesse chegando agora, por exemplo, não poderia oferecer-me a esta *Turma dos Primeiros Socorros*, tão atrasada estaria. Enquanto muitos aqui conseguem ir em apoio dos que estão no Orbe Terrestre, vaguei sem destino, durante muitos anos. Por isso, posso vir partilhar dos trabalhos, depois de me ter convencido de que os males da desventura se acresceram de distúrbios que poderia ter contornado, se não tivesse rejeitado o auxílio dos protetores.

Mas estou bem e livre para afirmar que não lamento mais tudo quanto passei. Se a compreensão me chegou mais demorada, ainda bem que chegou. Estou preparando-me para ajudar meus irmãos (não todos), que se têm na conta de injustiçados e vagam, como eu mesma, pelas trevas conscienciais.

Para que os amigos leitores possam entender a extensão dos problemas, apesar de termos constituído família muito abonada na Terra, reunimo-nos sob a bandeira das usurpações, montando considerável cadeia de bancos, enriquecendo-nos sobremodo, o que ampliou o espectro dos vícios e dos pecados relativos à ganância e à exploração das pessoas. Para cúmulo dos percalços de pós-túmulo, desde há muito, a família não tem admitido o ingresso de outras pessoas no clã espiritual, exercendo vigilância forte relativamente aos que se programam para as encarnações junto a nós.

Atualmente, os que estão na Terra estão merecendo dos que conseguiram amealhar *riquezas no Céu* os cuidados possíveis, para que se *salvem* de si mesmos. Mas a tarefa exige discernimento superior.

Não sei se caracterizei, essencialmente, o grande passo que estou dando, após tanta cabeçada. Às vezes, me ponho a chorar, lembrando-me do que era há apenas cinquenta anos atrás. Comparo o tratamento da pneumonia nas duas épocas e me vejo a progredir. Se contraísse hoje a doença, com certeza, teria sido salva. Se tivesse os conhecimentos evangélicos que possuo, não teria tido o desvario que me condenou ao martírio e aos horrores do Umbral.

Sei que não deveria, mas peço, ao menos, aos que se fizeram sábios a ponto de respeitarem a doutrina dos espíritos resumida por Allan Kardec, que não se deem como

totalmente aptos a chegar ao etéreo e principiar, desde logo, a trabalhar. Comecem a fazê-lo agora e para sempre, sem esmorecimentos, sem titubeios, sem desconfianças, com o coração na mão, no interesse das pessoas. Se vocês tiverem empresa para administrar, banco, indústria, casa de comércio do tipo hipermercado, em suma, se estiverem ganhando muito dinheiro, analisem os parentes e vejam neles seres necessitados de amparo espiritual, no mais puro sentido do amor evangélico. Se possível (e sempre há meios de consegui-lo), mostrem interesse nos pontos das descrições de como os relacionamentos persistem depois da morte, para a evidência de que o importante é o amor, para o que todas as ações devem tender, inexoravelmente.

Disse que gostaria de ir diretamente ao ponto. Sei que dei muitas voltas. Fiquem, assim, com a frase final e vivam o Cristianismo Redivivo com a disposição renovada, para que cheguem ao etéreo prevenidos contra as armadilhas dos desejos materialistas. Deixem de lado a ideia de que tenham vivido uma boa vida, quando usufruíram o de melhor. Não é preciso que se façam sacrifícios, como os eremitas, mas se não tiverem feito tudo pelos irmãos, em cada circunstância de vida, vão ter de fazê-lo em condições bem ruins, para as quais não estão preparados.

José me acena para encerrar. Peço-lhe que me afiance que não tenha extrapolado os justos limites da turma. Ergue-me o dedo em sinal de *positivo*. Ainda bem, que estava ficando preocupadíssima com o *sermão*, cuja iniciativa se deveu ao fato de me considerar a irmã mais velha da turma. Perdoem-me os que me lerem.

Muito obrigada! Que Jesus nos receba as preces com muito carinho! Fiquem com Deus!

GISLANE

Também poderia ter dado o nome de Gilberto. Dentre todos os do grupo, o único que se lembra de duas encarnações seguidas, com sexos diferentes, sou eu. Veja que complicou a forma de tratamento: devo dizer *único* ou *única*? Se tivesse tendências homossexuais, de acordo com a última encarnação, preferiria ser chamada de Gilberto. E se as tendências fossem da penúltima encarnação, seria Gislane.

Pediram-me para vir relatar as experiências desagradáveis, a partir do momento em que não soube caracterizar a personalidade, segundo os princípios físicos ou genéticos, exclusivamente. Trata-se de tema muitíssimo melindroso, o qual, entretanto, deixei para trás, após alguns anos de estudos do que ocorria comigo, no âmbito das realizações afetivas.

A história da minha existência dista a milênios, o que não deve constituir-se em ponto de admiração para ninguém, pois não há ser humano que não tenha tido experiências desde épocas muitíssimo mais longínquas.

Mas não há nada de muito escabroso nos meus relacionamentos, afora o fato de me haver desviado do rumo projetado pelos mentores, para o derradeiro encarne. Terminei a vida sem que desse curso ao desejo mundano, se assim puder chamar a ânsia de me entregar todinha à prática libidinosa com as mulheres, mais especificamente, as primas e vizinhas.

Quase sempre, nesses casos, os desvios da personalidade têm origem na superestrutura familiar, onde os pais não conseguem administrar a afetividade convenientemente, distribuindo mal os carinhos pelos filhos ou maltratando o cônjuge do sexo oposto ao da criança. Minha mãe não se dizia feliz e punha meu pai em aflição, toda vez que desconfiava de que estivesse sendo traída. Eu ouvia as lamúrias paternas e me voltava contra minha mãe, até que surpreendi meu pai em pleno desempenho sexual com uma das minhas irmãs.

Não queria chegar ao extremo da revelação. Perdoem-me por isso e orem sentida prece de conforto energético para compensar os possíveis fluidos de sentido negativo que possam ter emitido contra tais pessoas.

A verdade é que, a partir daí, passei a compreender as atitudes de mamãe e a detestar meu pai. Isso se dava da boca para fora, pois, conforme verifiquei depois, se ele

me tivesse convidado, era quase certo que aceitaria, tanto o admirava. Mas o escândalo arruinou de vez o relacionamento já abalado e o lar se desfez, para sempre.

Dispersaram-se os membros da família e fui morar com minha tia. Mamãe me acusava por não ter tido contemplação com os sentimentos dela, pelo fato de ter perdido a fonte econômico-financeira, já que nunca precisara trabalhar. Sozinha, teve de arrumar emprego, sendo muito difícil o ajustamento à nova situação. Depois de haver dado algumas cabeçadas, cujo conhecimento só obtive muito depois de ter vindo para cá, amasiou-se com um primo distante, o que considereei, desde logo, incestuoso.

Eu mesma passei a cortejar a priminha com quem fui viver. Mas isso perdurou por pouco mais de um ano, pois logo sofri o acidente que me tirou a vida, explosão de gás, inadvertida e tola. Levantei de manhã, acendi a luz e bum!, vim para o lado de cá, imediatamente. Estava com treze anos de idade.

Aqui, logo me encontrei com parentes distantes de que mal e mal ouvira falar. Eram seres que renovavam a amizade ou que se reaproximavam de antiga inimiga (*inimigo*, para ser mais exata, pois aí entra a personalidade masculina).

Penso que tenha sugerido as pistas para a estranha confusão afetiva, em relação à última encarnação. Quando busquei as raízes dessas tendências homossexuais no Gilberto da precedente encarnação, fiquei estarelecida, pois me vi companheiro fiel de uma mulher, até a morte. Ela é que não soubera corresponder ao amor, terminando assassinada pelo marido alucinado (eu), ao descobrir-lhe as peripécias extraconjugais.

Não há como amenizar o drama. A vida prega dessas peças, que mais parecem o produto da fantasia ou da imaginação dos teatrólogos sensacionalistas. Há ainda outras informações aparentemente estapafúrdias, não fosse a seriedade com que tudo se deve encarar, em função dos deveres e responsabilidades dos seres que se aproximam afetivamente.

Aquela pessoa que amei e executei, nesta última peregrinação, é minha mãe, por quem nutri repulsa e que terminou afastando-se de mim, depois de haver prometido dar-me a oportunidade da reconciliação, devedora e credora ao mesmo tempo.

Muito meditei a respeito dos vínculos cármicos entre as diversas personagens desse melodrama. Meu pai fora o amante dela, quando esposa de Gilberto. Minha irmã, a pivô da separação, fora a esposa rejeitada. A prima a quem dedicava afeto irresponsável fora amante de Gilberto, antes do matrimônio, e que o tentara durante muitos anos, sem sucesso.

Todos esses relacionamentos sexualmente concretizados em experiências de vidas sucessivas servem para o estabelecimento das causas das frustrações amorosas, mas apenas quando não se completam em amor, permanecendo mesclados com ódios, rancores, ímpetos de vingança.

Se me fosse dado conhecer, à época do reencarne, o que hoje sei, sem dúvida não iria aceitar volver tão depressa ao seio da família, mesmo pejada por crime de sangue e sob a consideração superior da vítima. Quando as feridas estão mal curadas, é preferível curtir a tristeza da separação, em angústias de saudade, para que o sentimento oposto não venha a frutificar, na inconsciência da cobrança dos débitos.

Tudo o que acima disse não importa. O que deve ser levado em conta é o fato de que o amor deve purificar-se, deve santificar-se, mesmo que haja debilidades psíquicas, a

conduzir os desejos para áreas contrárias aos anseios próprios da natureza física ou material.

Talvez a morte tão cedo e repentina tenha tido o efeito inesperado de me fazer pensar, enquanto me recompunha, para o enfrentamento dos resgates necessários, a partir dos elementos projetados para a vida e que se impediram de concretizar. Com certeza, envolvida no redemoinho turbulento das paixões, iria ver-me diante de situações em que a tendência da alma me teria conduzido, fatalmente, a novos débitos.

Mas essa constatação não deve servir-me de conforto. É que o simples fato de me conhecer melhor, não me autoriza a dar-me por quite com todos os credores. Para a perfeição do entendimento e para a refacção dos elos sentimentais rompidos, somente o tratamento de choque de outra encarnação, talvez sob condições mais propensas ao deslize.

Quanta gente não deve estar odiando-me por não oferecer a mitigação do sofrimento, a partir da compreensão das leis cármicas e dos defeitos e correspondentes virtudes. Eu mesma gostaria de poder afirmar que estou tranquila, feliz, preparada para o auxílio aos que continuam encarnados, aliás todas as personagens do drama, mais velhas e mais sofridas por percalços ulteriores ao meu desaparecimento, cujas personalidades necessitam de amparo para evoluírem, evangelicamente.

Quem sabe, por acréscimo de misericórdia, o Pai possibilite que esta página caia nas mãos desses parentes e que, à vista dos indícios narrativos, se reconheçam e se justifiquem perante a existência, mudando o rumo dos interesses subalternos, para a ampliação do amor e da bondade...

Para encerrar, a minha palavra de santa advertência aos homossexuais, não os que suspeitam de que os atuais relacionamentos tenham tido origem semelhante aos de minha conduta, mas a todos os que pretendem terem sido sempre do sexo oposto, nas anteriores encarnações. Para esses, a luta será redobrada, se não quiserem sofrer após o desencarne, mesmo quando se julguem plenamente realizados na vida. É que o corpo carnal, quando não corresponde ao corpo espiritual, deve ser respeitado, pois se trata de teste que a gente mesmo se permitiu, para a superação de deficiências insuspeitas presentemente.

Ir avante nas considerações será tão somente conjecturar a respeito da verdade desse tipo de estrutura cármica. Aceitem-me como sou, limitada e atrevida, mas confiante de que lhes tenha trazido informações verdadeiras sobre que refletir com ponderação e sabedoria.

Fiquem com Deus!

GERALDO

Normalmente, os seres que se apresentam para os ditados chegam muito temerosos ou desassossegados. É que se assustam facilmente com a possibilidade de fracasso, embora tenham estudado a história das realizações dos médiuns e saibam muito bem do que são capazes, em função das mensagens a serem transmitidas.

Eu mesmo não tive sossego, enquanto não presenciei imensa série de eventos dessa natureza, com diversos companheiros, em muitos centros espíritas, onde fui adaptando-me ao trabalho, primeiramente no sentido da percepção de como se dão as transmissões do ponto de vista técnico, depois na ajuda da preparação e da sustentação fluídica ou magnética, até chegar a passar diversos textos menores, recheados de conhecimentos diretamente extraídos do evangelho e de outras obras consagradas do Espiritismo.

Pela primeira vez, estou tendo a oportunidade de falar a respeito de minha experiência existencial, com o duplo objetivo de avançar no cumprimento do programa escolar e para ajudar na elaboração de compêndio de esclarecimentos úteis, em relação a diversos aspectos em que se podem encontrar as pessoas falecidas em plena juventude.

O preâmbulo servirá para elucidações posteriores, à vista das atividades como encarnado.

Amanheci, no etéreo, após ter vivido quinze anos. Apesar disso, não posso dizer que não tenha tido oportunidade de me considerar quase adulto, tantas e tão variadas foram as experiências de vida, tendo, inclusive, casado, prematuramente, é claro, e visto nascer rechonchuda criança, meu filho da época dos amores clandestinos.

De pais espíritas, não tive dificuldades em compreender a doutrina, que me foi ensinada desde a mais tenra idade. Quando apareci com a novidade da gravidez da colega e namorada, ninguém me recriminou. Surpreendi, é verdade, mamãe chorando escondida, mas dei-lhe o meu afeto, pois entendi que me houvera feito inúmeros planos, os quais poderiam ficar prejudicados, ao assumir as graves responsabilidades do casamento.

A minha morte foi estúpida, brutal e não provocada. Estava voltando do trabalho, em ônibus apinhado, quando anunciaram assalto. Ninguém reagiu, mas os indivíduos estavam dopados e entenderam que estavam sendo desrespeitados. Deram três tiros a esmo, absolutamente ao acaso, dois dos quais me atingiram mortalmente. Morri em seguida, sem tempo para qualquer ajuda médica.

Atualmente, estou buscando entender a psique das pessoas alucinadas pelos vícios, que se expõem a toda espécie de crime para a satisfação dos sentidos. Devo dizer que não

adiantei muito nesse encaminhar dos estudos, mais preocupado em dar assistência aos familiares, que desejam entrar em contacto comigo.

Como disse acima, tenho buscado entender os processos da mecânica mediúnicamente mas não tenho logrado sucesso, no sentido de obter alvará dos que me protegem para a comunicação direta aos progenitores. Como não quero precipitar a hora mais oportuna, vou levando a existência com extrema dedicação aos estudos, compreendendo que razões devam existir, para que não me seja dada a regalia.

Da minha parte, não tenho colocado obstáculos morais, tanto que um dos desafetos (hesito em empregar esse termo, pois não reconheço nos assassinos ninguém dos antigos relacionamentos) já foi encaminhado para o Umbral, onde fui visitá-lo diversas vezes, para lhe passar a impressão de que não me deve nada, ou, ao menos, de que nada lhe vou cobrar, deixando o débito por conta da divina justiça.

Esses indivíduos receberam incondicional perdão de meus pais e de minha sofrida esposa, que, até hoje, passados três anos dos trágicos eventos, não se recuperou para a vida dos relacionamentos afetivos, a não ser nos cuidados com que trata do filhinho, cada dia mais esperto e mais parecido com minha antiga estrutura física.

Meu maior medo é de que o assassinato estúpido do pai possa refletir-se de maneira por demais onerosa para a frágil criatura, quando adquirir consciência da maldade que lhe fizeram. Tenho feito considerável esforço para me encontrar com pessoas nas condições do petiz, para não lhe permitir considerar os inimigos sociais como seres necessitados de corretivos físicos, tão somente. Ou, o que é bem pior, de sofrimentos originados no espírito de vingança, na consideração de que a justiça deva ser humana e não divina.

Como gostaria de passar a filosofia espírita, mais ainda, cristã, aos corações dos homens, para lhes evidenciar o quanto é superior a atitude gerada pelo amor ao Pai, em primeiro lugar, e a todas as pessoas, indiscriminadamente, depois!

Estou impedido de ir mais longe neste tipo de considerações, para o que recomendo a leitura de Allan Kardec e das obras que a incansável pena do Médiun de Uberaba, o querido Francisco Cândido Xavier, há quase setenta anos vem assinalando. Admira-me no bom velhinho a facilidade com que percebe a identidade de muitos mensageiros despreparados mas absolutamente envolvidos com os parentes queridos, a ponto de elaborarem comunicações pessoais de muito conforto e de muita luz evangélica.

Quando me propus a ir procurá-lo, José me perguntou se a iniciativa iria fazer crescer a fé espírita dos familiares. A pergunta era insidiosa e me remeteu a considerações sobre a convicção que os verdadeiros espíritas devem demonstrar, sem exigências de ordem pessoal, uma vez que a organização vital independe dessa correspondência, na consecução de todos os objetivos da encarnação.

Fui obrigado a reconhecer que meus pais não precisam deste tipo de informação, tão preparados intelectual e sentimentalmente deveriam estar. Se houve aqodamento para esse tipo de contacto, isso se deu também da minha parte, ávido por confirmar todas as noções superiores que me foram passadas, desde que me conheci por gente.

Quanto à esposa, Olga, desde logo entendi que não deveria assediá-la com extremos de ternura, para dar-lhe oportunidade de crescer nas experiências da vida. É lógico que, nos primeiros tempos, estive imerso em lágrimas pungentes, arrelhando a idade

prematura do desencarne. Mas os protetores e, posteriormente, o Mestre José me fizeram ver que quem ama não prejudica. Futuramente, se estiver em condições de socorrer o filhinho e a esposa, em momentos de aflição, isento emocionalmente para a condução equilibrada dos fluidos cósmicos, poderão contar comigo.

Faço questão de registrar a disposição de pôr-me a serviço do bem e do amor, pois, assim, os leitores poderão avaliar como é que os espíritos se organizam para a assistência mais valiosa, de acordo com os resultados visados pelos beneméritos guardiães individuais ou familiares.

De maneira geral, hei de convidar a todos para as preces em prol dos que perderam parentes e amigos em golpes do destino, sem provocação e sem objetivos espirituais. O que se faz melhor no etéreo, segundo o que me foi dado presenciar, é o aproveitamento do trágico, para reverter em ensinamento evangélico da melhor categoria.

Eu mesmo me considero fruto desse labor elevado dos protetores e colegas, tanto que me deram a incumbência de falar sobre o tema, para esclarecimento dos mais preconceituosos, pois muitos espíritas existem que falam em tragédias, quando a morte apenas resulta da própria condição da vida. Num momento se está encarnado; no seguinte, na companhia dos espíritos amigos. Não seria bom se sempre fosse assim? O trágico, aí sim, está na desesperação, nas trevas, na lamentação, no choro convulso, como se a obra de Deus merecesse reparos.

Oh! Como gostaria de me fazer entendido por todos!

Obrigado, amigos. Fiquem com Deus!

PAULINHO

Todos os do grupo gostariam de ser tratados pelo diminutivo. Isso acontece no início do desencarne, quando as lembranças são infantis e os espíritos permanecem em nuvem rósea de esquecimento.

Não fugi à regra mas fui apaniguado com a perspectiva de ser recebido pelo apelido familiar, mercê de me encontrar com a vovozinha, que me antecedeu de uns poucos meses. Se a sua morte fora motivo de profunda tristeza, a presença aqui glorificou-me a reentrada no etéreo, conquanto não me pudesse dizer feliz, já que senti muito a ausência de meus pais, especialmente da mamãezinha querida.

Como se pode facilmente observar, não tenho tido grandes dificuldades de adaptação às novas amizades, apesar de apenas quatro anos de permanência na Terra. É que volvia aos braços afetuosos de quem já me agasalhara duas outras vezes, no limite, portanto, do amor materno.

A história dessas reencarnações levar-me-ia a considerações de caráter filosófico, muito mais do que existencial, do ponto de vista das reflexões sobre o episódico. É que, da mesma forma que regressei prematuramente da última feita, nas duas vezes anteriores, também não cheguei a completar o ciclo biológico das vidas que me haviam sido organizadas para uns poucos resgates e para a aquisição de certas virtudes necessárias para o crescimento evangélico.

Não estou adequadamente informado sobre as peripécias dos últimos séculos, mas, pela amostragem de como tenho reagido aos malogros, devo dizer que tudo gira em torno de excessivo egoísmo, orgulho desmedido e vaidade avassaladora. Tenho a impressão, não a certeza, de que me dediquei a obras de arte no campo da pintura ou da escultura e me deixei embalar por sonhos muito grandiosos de imortalidade terrena.

Reajo muitíssimo mal quando me pretendem evidenciar que os encarnes visavam, antes e acima de tudo, ao meu próprio bem, sem considerações a respeito do desenvolvimento dos demais familiares, como se exercesse sobre eles determinado fascínio, pela superioridade intelectual ou pelas habilidades e facilidades através de que me destaquei.

A imagem do Sol arrastando pelo espaço os diversos planetas dará, na justa medida, a ideia do pretendi ser para os demais.

O pior de tudo é que essas impressões vão, aos poucos, confirmando-se pelas disposições morais em que ficaram os parentes, não só mamãe, mas papai, os avozinhos, os irmãos maiores, a irmãzinha querida. Até determinados coleguinhas de folguedos se

sentiram arrasados e cultuam a minha lembrança, pesarosos, com vontade diuturna de se reencontrarem comigo.

Paulinho é diminutivo que pretendi manter, para que me ajuste à ideia de que devo permanecer afetivamente relacionado às pessoas, não como a estrela-guia, que não sou, nem tenho competência imediata para vir a sê-lo, mas como afilhado querido, prestimoso serviçal, amante e amado de cada qual, no seio de Jesus.

Nesta derradeira peregrinação, tão cedo interrompida, carregava diversos problemas físicos, que desabrochariam em doenças congênitas, pela idade de trinta a trinta cinco anos. Armazenara-se no organismo a semente da moléstia, como recurso para a compenetração de que os deveres pessoais junto aos que cuidariam de mim deveriam sobrepor-se às conquistas sociais, já que não me permiti ficar inibido quanto ao intelecto. Queria jugo físico que me pusesse de bem com o sofrimento, para dar-me a oportunidade de reconhecer os méritos dos demais.

Infelizmente, os componentes energéticos estavam muito debilitados e fui atacado por fulminante vírus, antes que a consciência etérica (vamos chamar assim a capacidade que todos temos de evadir a cada noite do corpo denso para a reflexão espiritual junto aos mentores e protetores) se desse conta da extensão dos problemas.

Tenho deixado pistas estranhas, para quem está acostumado a pensar em que as crianças permanecem imantadas ao corpo não desenvolvido, de sorte que o espírito fica inibido também. Isso é verdadeiro para noventa por cento das criaturas. Mas existem os que, espiritualmente, alcançam o contacto esclarecido, de forma a permanecerem lúcidos quanto ao desempenho material.

Ao morrer acidentalmente, como eu, o indivíduo não desperta logo nos braços daqueles mesmos com quem *tertuliava* durante o sono. Acontece que as vibrações puramente corpóreas subsistem para a mente habituada aos reflexos da matéria, já que boa parte do perispírito estava mergulhado nos fluidos mais densos. Daqui a necessidade de período de *ressuscitamento* espiritual.

Se não houver crise moral de vulto causada pelo desespero do trespasse, a perturbação mental se supera em algumas semanas; mais rapidamente até, se houver quem cuide da criança, como foi o meu caso. Contudo, para quem esteja precisando de corretivos morais, a *nuvem rósea* se mantém durante muitos anos, enquanto se dá conhecimento ao desencarnado do evoluir das pessoas que permaneceram na Terra.

O que os protetores pretendem evitar é a interferência nas deliberações sentimentais, por força da tenaz vibratória de quem, despoticamente, exercia domínio psíquico sobre os companheiros. Em outros termos, impede-se a obsessão. E isso se dá com eficiência, quando são reconhecidos os laços afetivos como de alta virtude.

Pobre vovozinha, esta, sim, vem sofrendo com a desenvoltura do neto, acolhido junto à mesma instituição, em turma diferente. Em pouquíssimo tempo, após me haver consolado pelo distanciamento de mamãe, deu-se-me a compreensão de que o destino me havia reservado a surpresa desagradável, a qual poderia transformar-se em ganho moral de carácter superior, especialmente em relação ao conhecimento da personalidade. Meu crescimento se deu tão rapidamente, que ela não foi capaz de adaptar-se a essa circunstância peculiar ao meu espírito, sentindo-se frustrada, na incapacidade de restaurar as lembranças anteriores à última encarnação.

Eu a havia perdido na qualidade de neto. Perdeu-me ela, depois, na qualidade de protegido, de assistido, de discípulo.

Os da turma me ensinaram que o crescimento rumo ao patamar seguinte da escada existencial cada qual deve estabelecer através do entendimento das diretrizes evangélicas, o que vale dizer, divinas. Por isso, não abandonei minha protetora e, sempre que posso, vou até ela discutir os pontos da programação que tem de vencer, no curso em que se matriculou. Existem, porém, muitos escolhos que a estão atrapalhando, dados os preconceitos de todo tipo que se lhe infiltraram na mente, a partir dos anseios sociais e religiosos.

Para quem esteja concluindo, precipitadamente, que estejamos em fases diferentes da evolução, eu, mais adiantado, ela, atrasada, devo prevenir que a ocasião e os problemas é que são distintos. Contudo, não há nada que a impeça de perceber os entulhos mentais, eliminando-os rapidamente. Será o produto do bem que tiver praticado. Não lhes parece esclarecedor o fato de não haver permanecido no Umbral, tendo recebido, desde logo, a incumbência da orientação do neto recém-chegado? Pois, então?!

Por outro lado, assim que me reencarnar, despojar-me-ei dos atributos de que estou revestido no etéreo, podendo receber o influxo das influências deletérias, ajustando-as ao meu modo de ser, sem escoimar o que for ruim, o que me remeterá de vez contra os objetivos programados. A garantia do sucesso da encarnação não está presa ao que se sabe, mas ao que se consegue executar em prol dos companheiros, o que exige a contenção do egoísmo, do orgulho e da vaidade. Não lhes parece lógico?

Perdoem-me a loquacidade desordenada. Quis abranger diversos temas importantes, pelo menos no que se referem ao meu momento de desvelamento da personalidade, e me perdi um pouco na organização do texto. Nada que a boa vontade do leitor não possa superar. Valha a dissertação como o primeiro esboço de obra a que faltam os contornos definitivos.

Para mim, vai ser excelente que não me admirem pela capacidade oratória, para que não aumente o número dos que me incensam o *ego*, inadvertidos. Existem pessoas que o fazem de caso pensado para obterem favores pessoais, quando descobrem que as entidades se pavoneiam de *espíritos de luz*. Entretanto, a maioria, na humilde condição de quem se sabe inferior, por não sentir seu desempenho melhor que os dos parceiros, lançam o confete do elogio fácil, faltando somente erguer o pedestal onde entronizar o santo.

Pensemos em Jesus e o representemos como o filho dileto de Deus, para nos conformarmos com a sorte e para não enfatizarmos, desmedidamente, os méritos dos demais. E trabalhemos decididamente para saber onde se situam as nossas falhas e quais as atividades mais convenientes para eliminá-las. Por exemplo, se a frase está capenga, se as palavras não se ajustam, se os verbos não se colocam nos tempos e modos segundo a norma do idioma, por que não estudar a gramática? Se os atributos são mesquinhos, pois não somos capazes de fazer o bem a quem está na pior, por que não nos alistarmos junto a centro espírita, oferecendo o tempo disponível para as tarefas da benemerência?

Às vezes, fico pensando em que o fato de não estar melhorando se relaciona intimamente ao desejo de ser exalçado pelos parentes e amigos. Peguei o gosto da

vanglória e está difícil de entender que não progredirei, enquanto não me ajeitar no evangelho.

Que Jesus olhe por todos nós!

JOSÉ CARLOS

Eu sou o *Zé das Candongas* das brincadeiras dos rapazes da região. Era atrapalhado e não raciocinava direito, motivo pelo qual arrelivavam comigo, embora me estimassem por ser de boa índole.

Como melhorei tanto, tendo vivido quase dezessete anos, atabalhado e improdutivo, terminando por morrer afogado, incapaz de me movimentar na água pelo desespero da situação inusitada?

É história de difícil explicação.

Na vida anterior, fora correto no pensar, dedicando-me ao jornalismo. Sabia manter o interesse nos textos, tanto que me projetei internacionalmente. Mas não tive peias morais e me arrisquei em artigos em que denegri a personalidade de pessoas probas, no intuito de vender jornais por meios sensacionalistas.

É rocambolesco, reconheço, mas acabei solicitando para o encarne seguinte a modéstia intelectual dos despreziosos, para forçar-me a ver o mundo por ângulo em que a cobiça, a ganância e o poder não atuassem na linha de frente dos embates pela sobrevivência.

Não há como não reconhecer que, no íntimo, buscava vencer, empregando, sutilmente, os mesmos conceitos que desejava ver anulados no caráter. As coisas correm segundo a vontade do Pai, mesmo que à revelia dos arranjos imaginosos dos que pretendem desviar-se do enfrentamento, indo por ínvios caminhos, mas tranquilos e generosos. Em suma, desejava melhorar sem o ônus do trabalho. Um sujeito simples e sem problemas, um *Zé das Candongas* me serviria para o efeito da superação dos problemas.

Eis a falsidade posta em ação.

Ainda bem que o acaso encurtou a permanência nessa ilusão de engrandecimento sem esforços.

É de interesse informar aos leitores que, durante o sono, recuperava a lucidez e tratava exatamente desses temas com os diligentes e meticulosos orientadores, que me advertiam para a sagacidade da postura para a reencarnação. Perguntava-lhes por que me haviam facilitado o entrosamento da vida com a vontade distorcida do *intelectualoide* falido. E eles me apontavam para os resultados que ia obtendo, nas experiências como José Carlos, o trapalhão imbecilizado que me representara a figura da redenção.

Eu, acordado, vivia em plena felicidade mental e corpórea, sem noção dos valores em que me metera junto a sociedade estuante de vida e necessitada de almas fortes, para

o direcionar cristão. Alheara-me, na verdade, dos problemas da humanidade. Pensara estritamente em mim e pagava, na consciência desperta pelas elucidações noturnas, o pecado do egoísmo.

Durante algum tempo, suspeitei de que me havia atirado nas águas do rio de propósito, com o fito de suicidar-me. Não pela intenção da mente obnubilada do debilidade em que me transformara, pretensioso. Mas pela predisposição do espírito envergonhado de estar tão profundamente equivocado.

Essa ideia atormentou-me bastante, no entanto terminei concluindo que o pior suicídio fora o contrário, isto é, o fato de me haver imerso na carne sem os atributos que possuía em larga escala e que pretendia ocultar, para o efeito de receber a misericórdia do acréscimo.

Como pude errar tanto anteriormente, pela crítica que hoje faço? Será que terei, na justa medida, a concepção de que agora estou certo? O que me fez melhorar, a ponto de ser capaz de exame tão arguto do caráter e das ações morais em detrimento das virtudes que não adquiri e que reconheço como imprescindíveis?

Não posso dizer que tenha chegado até aqui sozinho. Fui apaniguado pela benemerência dos protetores, que me introduziram nesta instituição escolar, e pelo Mestre José, querido xará, que me tem dedicado largo tempo em explicações de transcendental valor evangélico. A bem da verdade, o que faz ele não é nada mais nada menos do que me comprovar que todos os ensinamentos de Jesus estão profundamente arraigados na memória, sob o entulho, diria melhor, sob os escombros de diversas vidas, em que os males do egoísmo se sobrepuseram à palavra aprendida na escolaridade superior de um seminário e de um pastoreio que se perderam pelos vícios.

Disse e repito que as explicações são complexas e rocambolescas. Que fique registrado, porém, que nem sempre os débeis mentais logram encarnações produtivas do ponto de vista moral. Ao contrário, a cada regresso ao etéreo, devem refazer todo o aprendizado anterior, para o aproveitamento mínimo de sacrifício quase sempre de tonalidade egoística, dado que sem proveito para a prática do bem e para o crescimento das virtudes.

Amemos profundamente quem se tenha arrojado a essa apresentação dolorosa perante o povo, dado que sempre existe humilhação para os *zés das candongas*, quando alvos dos motejos ridicularizantes da população não evangelizada. Mas respeitemos, também, os que têm o sofrimento introjetado pela vivência intelectualizada e que não percebem o mal que praticam, quando interesseiros e cobiçosos. Todos merecem a nossa oração mais sagrada, todos irmãos nossos a caminho da perfeição.

Jornalista que fui, sei que está na hora de encerrar a peroração, que o público se cansa, quando os dizeres começam a afetá-lo no sensível ponto dos reconhecimentos desfavoráveis. Contudo, seria pretensioso, se lhes pedisse para se considerarem filhos diletos de Deus e suficientemente esclarecidos para perceberem que ninguém é perfeito, ou não estariam nessa peregrinação na carne? Vamos contentar-nos com o que temos, se o que temos está profundamente enraizado nos ensinamentos do Mestre. Se não estiver, por que estamos lendo estes depoimentos sofridos? Uma pontinha de verdade evangélica poderá ser o início da caminhada com Jesus. Resignemo-nos, pois, a cumprir, daqui por diante, as obrigações cármicas, em nome de Deus. Não tivemos passado de dor, de vícios, de débitos,

se fizermos do presente a dádiva para a redenção e se estipularmos que o futuro será glorioso, na companhia dos sábios instrutores espirituais, que saberão guiar-nos, para a compreensão do que nos falta e para a aquisição de todas as virtudes.

Estava na hora de encerrar um parágrafo atrás. Se exorbito os limites do bom senso, se prejudico, por excesso, as belas páginas que se leram e que se lerão em seguida, se pretendo espicaçar um pouco mais o orgulho de quem não soube conter-se perante o destino, que exigia reparação e renúncia, faço-o no intuito de transformar os sentimentos de gratidão, de respeito, de admiração aos mestres e aos santos, em prece ao Pai, para que nos abençoe a todos e nos possibilite compreender a verdade, para a glória da criação. Assim seja.

ARMÊNIO

O meu nome foi muito comum há anos atrás. Sendo assim, não se pense que deverei ser descendente de árabes. Meus pais eram nordestinos e se encantaram com a sonoridade da palavra.

Não é difícil de compreender o que vim a ser, se disser que vim com eles para o Sul do país, tangidos pela seca.

Em São Paulo, a fome apertou, a criançada se dispersou, alguns foram trabalhar, outros, mendigar e um, eu, fui assaltar. Dei azar, peguei cadeia, embora menor, e ali terminaram meus dias, nas mãos de um sujeito que não queria compartilhar a cela com quem não lhe satisfizesse as vontades.

No etéreo, aos dezesseis anos, não me considerava jovem. Queria, na medida dos conhecimentos da personalidade nordestina, julgar-me adulto, já que tivera todas as impressões dos sentidos, no justo limite das possibilidades de quem é ignorante e bronco.

Mas as tias Clara e Josefa me obrigaram a ficar com elas, para não fosse arrastado para a escuridão. Ali havia passado uns tempos, nada que não pudesse suportar, conquanto presenciasse cenas estarrecedoras.

Hão de perguntar como é que um sujeito tão grosseiro na Terra possa vir dizer o que se passa do outro lado, dispondo de conhecimentos que me isentam da dor, da sofreguidão, do arremedo inconsequente das mensagens dos companheiros. É que tenho tido a felicidade de contar com a orientação das benfeitoras familiares, que me perdoaram os crimes contra a fazenda alheia e que me ensinaram que nem sempre a pessoa que pratica atos contra a sociedade seja exatamente má. Pode ser impelida pelos exemplos, que se tornam o que há de mais natural, especialmente quando a família está a passar fome, enquanto muitos nos parecem indiferentes, no gozo de todos os bens.

Não vim fazer pregação de sublevação social. Nem nunca me lembro ter sido revolucionário. Fui ladrãozinho muito *pé-de-chinelo*, crente de que iria ficar impune. Nem julgado fui. Os companheiros de cela liquidaram comigo. E pronto! Rebelar-me? Contra quê?

Encontro-me em fase muito boa de aprendizado e trabalho. Não me revoltei contra os que me entregaram à vida de crimes nem contra os que me acabaram com a vida. Iria me prejudicar, agora que vejo o mundo, a realidade, com olhos que já divisaram o

mistério? De forma alguma. Seria o mesmo que cuspir no prato em que se comeu. Seria injusto em relação à divina misericórdia.

Mas Clara e Josefa tiveram bastante trabalho para convencerem-me de que deveria participar do grupo de jovens. Explico por quê. Eu queria muito me tornar independente. Quando cheguei, observei que tudo tem horário e maneira certa. A disciplina é rígida. Meu pai, quando queria pôr ordem na casa, dava de relho. Eu era o mais velho e jamais fui tocado por ele. Era autônomo, se é que posso usar essa palavra. Minha mãe era submissa, mas dava opinião sobre todas as coisas. Ela não queria partir para o Sul, mas foi quem convenceu meu pai de que seria bem melhor, dado que estávamos sendo explorados.

Nessa época, eu tinha onze anos. Era analfabeto e trabalhava na lavoura, de sol a sol. Em São Paulo, a exploração era a mesma, embora mais sofisticada do ponto de vista da legalidade. Se, no Nordeste, o patrão mandava e desmandava, porque era ele quem queria assim, no Sul, o dinheiro a ser pago era estipulado conforme a vontade do patrão, que sempre tinha a quem dar o emprego, por aquele salário. Ninguém era obrigado a sujeitar-se, mas não havia outra oportunidade.

Aos doze anos, percebi que, se roubasse, iria obter muito mais. Minha mãe logo pôs os menorzinhos na rua, para estender a mão à caridade. E eles conseguiam muito mais que meu pai, na construção civil. A bebida rasgou o pano de fundo da moralidade e enegreceu a bílis do coitado, que se lamentava ao ver a família tão miserável.

Tudo o que roubei trouxe para casa, até que vi que de nada adiantava para o bom relacionamento das pessoas. Dos quatorze aos dezesseis anos, fiquei ao abandono das ruas. E é tudo o que posso afirmar para que entendam a razão de não aceitar vir a este grupo.

Foi preciso que minhas tias me levassem de volta ao lar terreno, para que compreendesse a brutalidade mental de todos, mesmo da mãezinha, que aceitava a situação e se especializava em preparar a criançada, para o efeito do peditório. Notei que havia economias guardadas no banco e pequena propriedade, totalmente quitada, mercê da mendicância. Como poderia considerar-me adulto, se não fora capaz de entender as transformações por que passavam aqueles espíritos?

Resignei-me à matrícula e adentrei a sala de aula muito desconfiado de tudo. Mestre José me chamou para dar explicações e me fez ver que os meus conhecimentos eram primaríssimos, quase naturais, a ponto de não saber sequer entender o que as palavras significavam. Era preciso partir do nível mais baixo da escolarização.

Quis saber qual fora a anterior encarnação, mas a memória não se abriu, como para a quase totalidade dos colegas. Estava na condição, mais ou menos, de quem se atreve a frequentar a escola noturna, verdadeiras aulas de alfabetização de adultos.

Mas o aprendizado foi veloz. Interessei-me por superar as dificuldades e me atirei com denodo para assimilar os temas. A visita ao lar terreno me desvinculou da família, no sentido de não ter o que lhes ofertar. Se quisesse passar-lhes a melhor orientação, deveria aprender a proceder evangelicamente.

Mesmo assistindo às aulas e cumprindo as obrigações com os colegas, não me desliguei de Josefa e de Clara, que me elucidaram quanto ao que poderia ter ocorrido comigo em outras circunstâncias. Não só inventávamos enredos de vida, como íamos

observar, sem outro interesse a não ser a avaliação da realidade, o que se passava, na Terra, com indivíduos de todas as camadas sociais, raças e credos religiosos.

Foi assim que pude entender que não é porque o sujeito está bem, em todos os sentidos, que irá realizar os ideais cristãos. Vi pessoas jovens desencarnarem, sem condições de serem imediatamente assistidas. Fiquei emocionadíssimo com o desencarne de banqueiros e capitães de indústria tragados imediatamente pelas trevas.

Se eu não aproveitasse a oportunidade, iria ter de bater a cabeça, desgraçadamente, não sei por quais paragens do submundo do mal.

Deveria extrair ensinamentos das experiências relatadas, mas estou fragilíssimo nesse sentido. Sei que devo trabalhar muitíssimo para chegar a elaborar mensagens completas. Por isso, vou terminar, rogando aos amigos para que me perdoem a pretensão de lhes vir trazer alguma lição. O melhor que todos sempre podemos fazer é pôr o destino nas mãos do Senhor, buscando fazer o bem, sem olhar a quem. Se tivermos regalias de vida, vamos levá-las aos que nada têm, mesmo que seja no sentido de lhes abrir os olhos para a realidade das leis cármicas. Jesus nos dará força para o trabalho solidário.

Graças a Deus!

ANGELINA

Depois que compreendi que não mais pertencia ao grupo dos vivos, foi muito fácil avançar nos conhecimentos da espiritualidade, mercê da proteção dos benfeitores familiares e da orientação segura do Irmão José.

Despreendi-me da carne bem cedo, na idade de quatro anos, vítima de tuberculose. Deram-me todas as doses da vacina BCG, durante as campanhas, e os médicos diagnosticaram pneumonia, talvez para não se alarmar a sociedade e não se desacreditar a vacinação.

A mim, pouco me importou o fato, à medida que pude ir inteirando-me dos sucessos anteriores à encarnação, até chegar a perلustrar três vidas, durante as quais me portei sempre bem, segundo o paradigma estabelecido para as mulheres burguesas, endinheiradas e patroas.

Todas as vezes, deixei larga prole, da qual cuidei carinhosa e, também, tiranicamente, exigindo de cada filho o cumprimento fiel das diretrizes católicas. As meninas deram excelentes mães de família e os rapazes souberam constituir lares saudáveis e harmoniosos. Entretanto, o mesmo nível de resultados positivos não consegui dos maridos, nunca o mesmo na nova encarnação. Creio que aí estivesse o maior problema cármico que devesse enfrentar.

Resumindo as peripécias morais, devo dizer que desleixava os matrimônios e não alcançava tornar os consortes fiéis, seres que me seguissem pelo etéreo, amorosamente, almas gêmeas, no entrosamento espiritual que deveria seguir-se depois de vida inteira de mútuas atenções. Parecia que o *até-que-a-morte-os-separe* se definia exatamente dessa maneira.

Se as vidas não foram atribuladas, o mesmo não posso dizer dos longos períodos no Umbral, onde me esfalfava, na busca dos que não souberam respeitar-me. Desejava vê-los excomungados e essa aspiração maldosa se traduzia na erraticidade dos anseios equivocados.

Ao morrer muito cedo, atendida pelos protetores, deixei de lado a pesquisa dos traidores para compreender a novíssima situação, qual seja, a de me deparar infantil do lado de cá, sem noção do local em que me encontrava.

Se não fosse excessivo sofrimento para os pais e avós, poderia conceber a ideia de que me extraíram antecipadamente do seio dos mortais, para que não me ocorresse outra queda matrimonial. Sempre que levanto esse tipo de problema, noto que as pessoas

desconversam, deixam para mais tarde, que a compreensão das leis há de fazer-se em tempo hábil, antes de seguirmos para a esfera subsequente, que Deus é pai de misericórdia e justiça etc. Sendo assim, não tenho condições de adiantar um passo na explicação de problema que reconheço ser motivo de muitas dúvidas entre os encarnados.

O cerimonial de ingresso na *Turma dos Primeiros Socorros* revestiu-se de lances interessantes, no sentido de me achar terrivelmente nova para a convivência com quem via mais adiantado. É que não me dera bem nos períodos de permissão entre os encarnados e conservava o medo de aparentar maturidade, para não descair na incessante busca dos antigos maridos. Foi preciso que os colegas se amoldassem de forma a lembrar a época da morte, para que me sentisse em casa. São atividades menores, quase diria impróprias para a seriedade da instituição que nos acolhe, mas profícua, no sentido de se estabilizarem as emoções em ponto de equilíbrio suportável, tanto por quem está impregnado de dúvidas e incertezas, como para os que se veem, de repente, na condição de orientadores de irmãozinhos desajustados.

Hoje em dia, acostumada com o contínuo exame das vidas, sou capaz de afastar-me para visitar os parentes na Crosta, sem receio algum de ser tomada pela vertigem da desforra. É esse crescimento espiritual que devo agradecer ao povo que me agasalhou e me ensinou as premissas da vida, segundo o ponto de vista evangélico. É a primeira vez que me desfaço dos preconceitos religiosos, acatando a possibilidade de existirem planos existenciais no etéreo que não sejam os do Céu, do Inferno e do Purgatório.

Gostaria de levar a notícia do estágio evolutivo diretamente aos familiares, mas não acredito que consiga a atenção de quem está imerso nas diretrizes do sacerdócio católico romano. Por isso, escrevo, junto com os amigos, esta série de depoimentos, para ver se despertamos o povo para aspectos da realidade espiritual, sobre que a mentalidade dos encarnados não se aplica.

Que farei quando me diplomar neste primeiro curso? Muito pouca coisa. Não pretendo, por exemplo, seguir o rastro dos cônjuges. Se cruzar com eles, irei contentar-me em relembrar os melhores lances das existências juntos, para forçar-nos a entender o que deu ou não certo, no aspecto da perpetuidade das promessas dos transbordamentos apaixonados.

Se, por outro lado, me encontrar com as criaturas pelas quais eles se interessaram, a ponto de se esquecerem da legítima esposa, irei pesquisar com elas, se me permitirem, os tópicos em que me enfraqueci e elas se fortaleceram. Futuramente, pretendo não falhar mais nesse aspecto.

Tenho colegas que insistem em que estou imaginando coisas, que os problemas não foram pessoais mas sociais e que as psiques resultantes dos momentos culturais se estruturaram conforme lhes foi dado fazê-lo. Em outras palavras, as pessoas não poderiam ter agido diferentemente, segundo os padrões que lhes foram ensinados, objetiva ou subjetivamente.

Não ponho de lado essa rica hipótese, mas não consigo divisar qual o ponto em que as lições evangélicas se ajustam a tais princípios. Estou tendente a crer em que o Cristo levava bem mais longe a visão da existência, para além da possibilidade do determinismo de época, de lugar e de raça, segundo a visão positivista de Taine.

Não quero exorbitar nas conclusões puramente filosóficas, para não cair na simplicidade argumentativa dos terrestres. Por isso, não avançarei na discussão dos pontos pelos quais venho interessando-me. Vali-me da citação para demonstrar que não estamos brincando em aula, como poderia fazer supor a idade do passamento. Também era preciso firmar a tese de que os ganhos morais devem embasar-se em conceitos cientificamente firmados.

Tenho de definir o que para nós passa por Ciência? É todo conhecimento com base na realidade tangível, segundo nossa capacidade de avaliação da Verdade. É tudo aquilo que não pode ser refutado com fundamento em verossimilhanças de ordem meramente especulativa. Em dizeres mais pragmáticos, a Ciência, como a entendemos, é toda razão (causa e efeito) dos atos que beneficiam o próximo, levando à compreensão de si mesmo e ao amor do Pai.

Terei motivos para afastar-me dos estudos, que me estão deleitando, na presunção que possa ser mais útil, se estiver ao lado dos que sofrem? Então, como explicar esta peroração, com alto grau de desprendimento, a ponto de oferecer-me em holocausto às intelectualidades superiores, encarnadas ou não? Há que se entender o justo sacrifício e a renúncia, para se perceber o quanto de amor reside nas mensagens simples ou complexas.

Daqui os reiterados agradecimentos à benevolência do Senhor, por nos permitir experimentar, rudimentarmente, embora, a enunciação de sublimes pensamentos, na intenção do favorecimento dos mais débeis e dos mais curiosos.

Fiquem em paz!

MARIA DO CARMO

Não gostaria de me tornar motivo de desconfianças da parte do leitor que toma as comunicações como meio de se divertirem os espíritos, à vista da ingenuidade do médium e da credence popular de que as almas dos mortos não têm muito o que fazer, dedicando-se a enfastiarem-se, em campos de paz transcendental, embora acostumados a bulício diuturno, durante a encarnação.

Nada mais injusto em relação aos que se esforçam para demonstrar que, sem conhecimentos de nível superior, não há como progredir rumo às esferas seguintes. Como adquirir a sabedoria, sem aplicar-se com denodo, com fé e com interesse aos estudos das matérias concernentes ao aparato de virtudes que se devem assimilar?

Na carne, desde a mais tenra infância (diríamos melhor: desde o ventre materno), todas as pessoas passam por etapas de crescimento, para as quais têm de preparar-se convenientemente. É o que vulgarmente se denomina de prontidão para o aprendizado. Para isso, o cabedal das estruturas potenciais vai desabrochando, segundo a necessidade. São fatos notórios que as criaturas mais lentas se atrasam e não adquirem as habilidades normais, e que há quem se destaque desde muito cedo, justamente por estarem melhor equipadas. De maneira geral, as crianças se aproveitam das heranças genéticas e vão desempenhando o papel que se espera delas, de maneira pessoal, típica, característica.

Por que, no etéreo, iria ser diferente? Somente a *herança genética* é substituída pelo acúmulo das experiências, seja qual for o campo em que se deu a vida do cidadão.

Eu vim para cá cedinho. Não me havia sequer dado a oportunidade de conhecer os parentes. Tinha alguns poucos meses de vida e pretendi eternizar essa condição alienada da realidade. É que deveria ter sofrido muito, em virtude de amplos resgates a executar, com pouca probabilidade de êxito, dado ter nascido em lar paupérrimo, tanto no sentido financeiro quanto no aspecto moral.

Aí, a consciência profunda quis fazer valer o direito de permanência no estágio de vigília, pelo menos durante seis ou sete anos, para o descanso a que tinha direito como reencarnanda.

Não preciso dizer que os protetores e amigos me despertaram, com dificuldade mas decididamente, pois não se compreenderia que me deixassem com a vontade soberana, quando deveria participar dos trabalhos seguintes, junto à comunidade familiar.

Para o efeito, prometeram-me proteção contra os arremessos dos sentimentos de culpa, dado que as recordações me levaram diretamente para a concepção dos projetos de vida, em função dos insucessos anteriores.

Tão bem exerceram o papel de beneméritos, que não percebi o quanto de dor deveria vir a sofrer, mediante a sobrecarga dos malfeitos. Essa condição de esquecimento moral nem sempre se alcança. Há que se movimentar grande equipe técnica, para a aplicação correta dos fluidos energizados por muito amor e benquerença. Graças a Deus, obtiveram êxito e me proporcionaram seis anos de trabalhos em equilíbrio espiritual, para a aquisição dos conhecimentos das principais leis, ignorante que eu era ao extremo.

A bem da verdade, esse acréscimo de misericórdia não irá desobrigar-me de cumprir todas as etapas planejadas, durante a vida subsequente. Contudo, não precisarei ficar à mercê dos acontecimentos fortuitos de organização familiar tão irregular quanto aquela que me enviou de volta tão cedo.

Tenho medo de relatar os fatos que originaram o meu trespasse, não pela hediondez dos sucessos, mas pela influência negativa que se poderá emanar contra a família, especialmente mamãe. Assim, chegados a este ponto da leitura, solicito aos amigos que destinem alguns minutinhos para uma prece em que roguem a ajuda dos protetores pessoais, para que não estabeleçam qualquer mau contacto com os que me agasalharam sem o amor mais corriqueiro.

Fui filha de mãe solteira. A pobre se viu tão atarantada com as recriminações dos pais, que, sem saber o que fazia, deu cabo do neném, jogando-me no poço. É tragédia comum na sociedade em que os valores repousam na maior ou menor capacidade das pessoas de arcarem com os ônus pesados da criação dos filhos. Mamãe deixara de trabalhar e o seu ganho modesto acabou por desequilibrar as economias de subsistência.

Não sei se deverei expandir a narrativa pelos campos da materialidade mais grosseira. A verdade é que vim para o etéreo bem mais cedo que o programado, já que ninguém foi capaz de imaginar que o desespero da jovem mãe chegasse ao ponto de desfazer-se da causa de seu malogro familiar.

Quando tomei conhecimento dessa situação muito especial, fiz questão de adiantar-me o mais que pude, para providenciar ajuda extraordinária para aquela criatura que me agasalhara no ventre.

Pergunto mais uma vez: será que tudo o que relatei levará os leitores a julgarem a vida nesta colônia como de *dolce far niente*? Se assim for, rogo a Deus que me dê a mesma certeza, para poder amenizar as ânsias de realização, que me trazem num cortado, tantas são as atribuições de que me revesti.

Apenas devo esclarecer que tanta tribulação não me afeta a calma, a ponderação e a tranquilidade com que desempenho todos os serviços, já que não me adiantaria afobar-me, errando as decisões que me cabem, o que me oneraria muito mais. O trabalho é muito mas os mentores velam para que não sejam excessivos. Por exemplo, para elaborar esta manifestação, deram-me alguns dias de folga, cuidando para que eu observasse como as tarefas inadiáveis iriam ser realizadas pelos substitutos. Se não fosse assim, tinham a certeza de que me recusaria, com a justa desculpa de que não escreveria peça condigna, como terminou sendo a expressão da verdade.

Modéstia à parte, fiz o que pude, prometendo desenvolver outras dissertações para apresentação em tempos mais apropriados, quando estiver a pique de ingressar na esfera seguinte. É promessa vã? Pois recomendo que os amigos também se esmerem para compreender o que se espera dos espíritos em vias de deixar o âmbito terrestre, o que os

obrigará à elaboração de várias peças técnicas ou literárias, senão para serem transmitidas mediunicamente, pelo menos para servir como exame íntimo da capacidade de discernimento entre o bem e o mal, no setor da intelectualidade.

O que se pediu à *Turma dos Primeiros Socorros* foi que não nos dedicássemos à reprodução dos depoimentos emocionados de quem está a sofrer com as consequências da desencarnação, mas que efetuássemos revelações de aspectos novos das peripécias dos que estão a descobrir a identidade *metafísica*. Se essa for a impressão dos leitores, dar-me-ei por realizada. Caso contrário, enviem-me vibrações, no sentido de me alertar para o que considerarem cediço. Não irei prometer refazer a mensagem, mas tentarei entrar em contacto pessoal, para os esclarecimentos que se fizerem precisos.

Que o Senhor nos abrigue a todos em seu reino de luz!

BRÍGIDA

Descendente de alemães, devo meu nome à santa da devoção familiar. Isto significa, necessariamente, que vivi na fé católica os doze anos em que permaneci encarnada.

Às vezes, o fato de ser católico ressoa na alma dos espíritas como verdadeira apostasia da doutrina de Kardec. No entanto, quando a pessoa é deveras crente, quando recebe em paz e confiança os sacramentos da comunhão e da confirmação, quando se constitui em baluarte da fé, pondo esperança em que o bem e a caridade que pratica e o amor do Cristo e dos santos conduzem ao Paraíso, por que duvidar de que a misericórdia divina irá agasalhá-la em seu doce regaço?

Quando aqui cheguei, consciente de que tudo fizera de acordo com as normas canônicas, tendo sido fiel filha de Maria, fui recebida por entidades sublimes, que me pareceram os anjos com que sonhara encontrar-me.

É certo que a imaginação ajudou a doirar o local das delícias em que me encontrei, sem rebeliões, sem tristeza e sem dor. Mas que outra seria a recepção se me tivesse dedicado à leitura das obras de Kardec, ao invés do catecismo e das histórias de santos?

Passsei três anos até adaptar-me à ideia de que o Céu não era bem aquele e que deveria aprender muitas outras coisas para merecer a companhia dos seres mais avançados em moralidade e poderes espirituais. Mas foram tempos alegres, em que os benfeitores me indicavam a juventude como de plena felicidade, cortada, enfim, pelo desastre que me ceifou a vida.

Após inteirar-me de que a fé católica me servira para avançar nos conhecimentos evangélicos, sem, contudo, me remeter à prometida Jerusalém espiritual, passei a entender as demais leis, como a da reencarnação e a de causa e efeito, para que pudesse progredir. Como praticara todo o bem que me fora possível naquela tenra idade, reconheci, na caridade, a real virtude da salvação.

Ao recuperar a lembrança da vida anterior, em que me via católica e mãe de família, desejei também saber como fora o retorno ao etéreo, pois desconfiava de que me havia revoltado, por não me encontrar com Jesus.

O Irmão José temeu que viesse a sofrer abalo emocional, dado que me vangloriava de ter sido católica e de ter rapidamente compreendido as leis cármicas. Passou a atender-me durante uma hora, todos os dias, para sentir se me preparava para suportar as

desagradáveis surpresas. Após três meses, deu por encerrada a fase de embasamento sentimental e me liberou as lembranças do período que me interessava.

Não me entristeci com o conhecimento da difícil situação, mas a verdade é que não chegara a entender o que se passava ao meu redor, apesar dos esforços dos protetores, tendo preferido supor que me haviam atirado no Purgatório, de onde sairia a qualquer momento, pelas mãos dos anjos. Depois de um tempo, que não soube definir, vieram espíritos amigos, reconhecidos imediatamente como antigos parentes, que me trouxeram para a colônia, onde permaneci internada durante largo período, até que me propuseram voltar ao mundo da carne.

O meu estado era muito próximo do catatônico, ou seja, não me afinava com aquela realidade e não admitia estudar nenhum dos pontos da doutrina que repudiara violentamente, na Terra.

A volta à carne foi pungente. Pude analisar todos os pensamentos da época, me vi insatisfeita e injustiçada e acabei concluindo que a manutenção em estado de semiconsciência foi benéfica, no sentido de não me liberar a vontade para a deflagração revolucionária contra as promessas que não se cumpriram.

Assim que terminei a revisão dessa desventura, pedi a José que me levasse à presença de outros seres em iguais condições, ou seja, católicos inconformados com o destino.

José julgou elucidativa a lição que obteria e me conduziu ao hospital, onde pude entrar em contacto telepático com muitos descrentes da realidade.

A primeira reação era supor que chegara o anjo que os conduziria para Céu. À primeira palavra, entretanto, logo percebiam que deveriam esforçar-se, de algum modo, para o entendimento da nova situação e rejeitavam-me, como se fora representante do Inferno, para a tentação. Ao falar em Jesus, nos santos ou em Deus, mais ainda se persignavam e rogavam por ajuda da Divindade ou dos padroeiros, para me afastarem.

Foi aí que me interessei por compreender esses espíritos, tendo partido da premissa de que não foram verdadeiros católicos, ou teriam resguardada a fé em que o Cristo não os enganaria em nenhum aspecto da vida espiritual que nos prometeu em seu evangelho de amor. Supunha que um católico integral emergiria no etéreo pronto para receber as bênçãos do Pai, o que se traduziria em qualquer atividade que não se transformasse em sofrimento, pela nostalgia da ventura de vida cristalizada na poesia paradisíaca dos sonhos de grandeza religiosa.

Desconfiei de que tais sofrendores se viram frustrados nas expectativas, por terem sido maliciosos, no sentido de investir na fé católica para usufruto das benemerências prometidas a quem partisse sob o manto do sacerdócio, em paz de consciência alcançada pela confissão e sacramentada pela comunhão. A consciência de haver recebido os óleos santos da Extrema Unção era a chave da porta do Reino, o que deixava São Pedro sem função.

Estou avançando na compreensão psíquica dos católicos e posso adiantar que são muitos os que chegam à colônia aptos a frequentarem as aulas de evangelização, para conhecimento das diretrizes cármicas, segundo a doutrina que, na Terra, recebeu o nome de Terceira Revelação.

Por outro lado, tenho estado na companhia de muitos espíritas convictos, que me têm demonstrado que muitos companheiros se perderam na viagem, caindo diretamente no Umbral, por terem superestimado os frágeis esforços de cumprimento das determinações kardequianas ou evangélicas.

Em suma, a redenção se alcançará mas somente quando o coração e a mente estiverem de acordo em que o bem e o amor ao próximo e ao Pai forem prioritários. Deus nos guardará pela eternidade em seu reino, assim que nos adiantarmos pelas esferas da angelitude.

Que Jesus nos ampare e nos anime, abrindo-nos o espírito para a Verdade e que nos dê força para vencermos as debilidades que nos retêm junto aos vícios, à malícia e à prepotência!

Que esta simples mensagem seja pequenina pétala de rosa a abafar um espinho de sua estrada e me considerarei feliz!

Fiquem com Deus!

ADELAIDE

Desde que aqui cheguei, na idade de seis anos, tenho trabalhado em prol dos familiares. Primeiramente, dei-lhes notícias através do médium de Uberaba, o querido Chico Xavier, precisando, depois, afastar-me, por causa dos transtornos psíquicos causados pelas informações.

Na verdade, meus paizinhos queriam que eu estivesse no Céu e não em colônia em que me atribuíam tarefas próprias aos seres mais experientes. Não concebiam que alguém, desencarnando aos seis anos, pudesse ter o espírito adiantado.

Infelizmente, na pressa do contacto patrocinado pelos intercessores amigos, precisei passar-lhes informações incompatíveis com a idade. Pensavam que minha escolaridade fosse pré-primária e não entenderam direito os termos mais adultos, embora me tivesse esforçado por anunciar-lhes o auxílio dos protetores.

No início, julgaram-se apaniguados por extrema felicidade, ao terem a certeza de que a vida prossegue no etéreo, como se não houvesse interrupção, no caso de estarem os recém-desencarnados sob o manto da misericórdia do Pai, uma vez que não se expuseram a erros ou a vícios. Em seguida, começaram a desconfiar de que não fora eu quem lhes respondera às questões, algumas bem específicas. Passaram a suspeitar de que os parentes que cuidavam de mim é que deram sequência à comunicação. Finalmente, preferiram acreditar que foram iludidos e que eu estaria no Céu, sob a custódia direta de Jesus, nos braços de Deus, como lhes disseram os sacerdotes da igreja onde eu fora batizada.

Tanto esforço mediúnico para nada!

Agora mesmo, está a sobrar outra desconfiança séria, qual seja, a de que tudo o que disse, por falta da comprovação dos nomes e dos sobrenomes, também possa estar sendo falsa, nos mínimos pormenores, na tentativa espúria dos espíritos de enganar a quem prefira supor que Deus é pais de mais ampla misericórdia do que a de oferecer tão somente oportunidades de trabalho e de assistência, quando bem poderia dar o Paraíso.

Não vou relembrar as leis principais. Vou ater-me ao fato de que é preferível receber com serenidade a lógica das recompensas segundo as obras. Por que mereceria eu a angelitude? Por ter passado uns poucos anos na Terra? Só por isso, sem ter realizado nenhum ato de bondade, em favor das pessoas que me amavam? Se fosse assim, por que Deus não limitou a vida a uns poucos anos, até que a pessoa fosse capaz de criar um filho, para depois levá-lo diretamente ao seu Reino de Amor? Melhor ainda: por que o Pai não

nos fez perfeitíssimos, a ponto de ocuparmos lugar ao seu lado, se é que estivesse sentindo a solidão de ser único no Universo?

Como se pode notar, a argumentação por absurdo nos levará aos argumentos que Kardec refutou desde a Codificação Espírita. Nem é preciso ir tão longe, basta ter o bom senso de perceber que Deus não tem necessidades, ou não seria Deus, segundo os atributos que não lhes podem faltar, os da onipotência, onisciência e onipresença.

Agora, pensem comigo se seria possível a uma filhinha de seis anos apresentar aos pais tais razões metafísicas ou teológicas, para discordar da postura perante a existência transcendental. E se lhes disser que tenho toda a vivência das outras vidas, nas quais fui estudante atenciosa dos princípios cármicos, segundo o ponto de vista espírita, não estarei sendo intolerante para com sua falta de acuidade espiritual?

Às vezes, a verdade nua e crua fere as susceptibilidades dos menos afeitos às necessidades de progresso do ponto de vista moral, intelectual, espiritual. E olhem que meus queridos paizinhos estavam estudando as obras espíritas, tendo lido, enquanto eu era viva, *Nosso Lar*, de André Luís, e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

Mas o meu passamento causou-lhes mal-estar psíquico. Não lhes bastaram os relatos de outras crianças. Quiseram a confirmação da minha existência em continuidade e foram em busca de consolação em Uberaba. Contudo, apesar de terem sido recebidos com muito amor e carinho, como acima disse, refugaram os dizeres muito sisudos para minha pouca idade e me puseram a manifestação na berlinda.

Se é para a frente que devemos pensar, cabe-me interrogar o nobre leitor a respeito de sua crença. Perante estas assertivas, como teria reagido, ao receber a minha cartinha pelas mãos de luz do médium poderoso? E se fosse pela voz de uma preta velha, em terreiro de Umbanda, incorporando o seu Orixá e dando notícia da pequenina, que não era tão pequenina no plano espiritual? Como está aceitando esta longa peroração, cheia de argumentos profundamente meditados, porque frutos das discussões com os colegas e da orientação do Mestre José?

Aos poucos, o quadro de informações que o grupo arquitetou vai montando-se, em benefício da elucidação dos que desejam enfronhar-se neste roteiro de temas não facilmente contraditórios na literatura espírita. Dado que estamos observando como reagem as pessoas, não acreditamos que haverá muitas surpresas de caráter filosófico, pois preferem os encarnados acreditar em que noventa por cento do que se escreve mediunicamente não está correto, porque não se apõe o sinete dos espíritos de luz. Quando o grupo se denomina neófito, jovem, de primeiras letras, ou, simplesmente, *Turma dos Primeiros Socorros*, a tendência a menosprezar a sapiência dos informantes ou a consistência dos informes se acentua.

Vamos, pacientemente, aguardar que os escritos sob a epígrafe de *Escolinha de Evangelização* ganhem foros de cidadania entre os encarnados, para começarmos a colher os frutos das sementes que vimos plantando no árido terreno doutrinal, onde a fé se deixa obstruir pelos preconceitos, mesmo entre os que se denominam de espíritas kardecistas.

Muitos haverão de nos contradizer, afirmando-nos que teria sido melhor que nos dedicássemos somente aos temas e não às reflexões a respeito das reações dos humanos.

Pois, se for assim, teremos de discordar. O que estamos esforçando-nos para comprovar é que o comodismo das informações, como ocorreu com meus pais, é causa de

irreflexão, dado ser muito mais fácil de aceitar-se o que vem consagrado pelos nomes famosos ou pela responsabilidade de quem se revestiu de poderes temporais, quer dentro das religiões, quer das seitas de caráter espírita ou mediúnico. No caso de meus progenitores, inclusive, nem os nomes de Kardec, de André Luís ou de Chico Xavier surtiram o efeito da autoridade. Que se dirá, então, se a coitadinha se disser chamar, tão simplesmente, Adelaide?

Compreenderam o sentido que desejei dar ao texto?

Então, fiquem com Deus, meditando profundamente na vida, na morte e na existência etérea!

DORIVAL

Adotei o nome da penúltima encarnação, porque a última não valeu. Nasci, permaneci dois dias entre os mortais e desencarnei. Nem nome realmente me foi dado. A mãezinha desejava que me chamasse Gabriel, mas nem me registrou nem me batizou. Se valesse a tese católica, deveria permanecer no Limbo, região trevosa, em que não seria nem feliz nem sofredor. Ainda bem que não vale.

De que me serviu essa rapidíssima peregrinação? Para bem pouca coisa, conquanto me desse um tempinho para refletir sobre as peripécias da existência pregressa e sobre os débitos que deveria resgatar.

O mais certo seria volver ao estágio anterior, sem acrescentamentos ou diminuições. Contudo, todo o sofrimento pela perda da possibilidade do reencarne, toda a frustração de caráter emocional e físico, embora semiconsciente ou não inteiramente lúcido, me deixaram em estado de euforia, como se fosse merecer explicações superiores, pois me interessei muitíssimo pelo desenvolvimento dos fatos, já que me não lembrava de absolutamente nada sequer semelhante ao que me ocorrera.

Com o passar dos dias, revelou-se-me que outras ocasiões tivera de mortes prematuras, inclusive de ser abortado. A diferença essencial estava em que, desta última vez, não dinamizei a vontade de colocar os adversários em cheque, caindo, portanto, nas mãos dos benfeitores espirituais, que me resgataram do espírito de vingança.

Devo agradecer-lhes a interferência psíquica, sobretudo porque restabeleci os paradigmas da personalidade e pude refletir que me prejudicara, e muito, nas frustrações de reencarnação.

Quem está habituado aos temas espíritas sabe que existem rejeições fortíssimas, a ponto de se impedirem os nascimentos. Não é por estagiar como embrião ou feto no ventre da mãe que as criaturas não possuam poderes em relação às vibrações energéticas que emitem, ou que não estejam sujeitos à influência prejudicial dos que não desejam o nascituro na família.

Dessa forma, não preciso elucidar que estava nascendo em lares adversos, como forma de pagar tributo ao mal que praticara, como também de propiciar a quem me ferira condições de suplantar as deficiências cármicas relativas à minha pessoa.

Hoje, vejo todo o processo de maneira extremamente clara, pois pude estudar os fatores do desenvolvimento em clima adverso, verificando o que se passa em lares onde antigos desafetos se encontram.

Posso dizer que vi de tudo. Há quem aproveite, como há quem perca a oportunidade de reconciliação. Há quem provoque conflitos, como há quem não dê margem a que os maus instintos prevaleçam. As circunstâncias não determinam os procedimentos, mas a vontade íntima expandida na carne, em atos de amor ou de ódio.

No meu caso, a rejeição foi integral e recíproca, conquanto estivesse preparadíssimo para enfrentar as ondas negativas que me atingiriam, conforme fora fartamente prevenido. Enquanto me mantive isento de má reação, os protetores conseguiram anular o poderio exterior. Um dia, deixei-me abalar por certas palavras, estando meus pais no plano da espiritualidade, durante o sono, e isso foi suficiente para me expor aos dardos mortíferos.

Meus pais haviam refletido muitíssimo antes de me aceitarem na família. Ao me virem tão perto, entretanto, arrependeram-se e criaram os embaraços. Infelizmente para todos nós, voltamos à estaca zero do relacionamento. O que nos valerá é esta minha estadia inédita na colônia, para onde vim trazido pelas mãos maravilhosas do ilustre professor José.

Consciente de como se passam as coisas no âmbito das repulsas, não insistirei em me apresentar de novo para o reencarne, conquanto a jovem que me daria à luz esteja buscando engravidar. Só o fato de me perder já a deixou atormentada. Não quero acrescentar outra desilusão, pois me sinto impotente perante minha voluntariedade no campo dos desajustes morais.

Tenho medo, se é essa a explicação mais plausível ou mais compreensível, posto interfiram no processo muitos fatores cármicos. Se for possível, irei propor-me, futuramente, como neto, caso a benevolência divina permita. Caso contrário, dependendo dos anos que teremos até o retorno de ambos ao etéreo, estarei estudando para recebê-los sem titubeios, com o coração na mão. Até lá, examinarei inúmeros casos semelhantes e me esforçarei ao máximo para estar sob o amparo dos amigos e colegas, os quais me sustentarão fluidicamente, para não resvalar de novo para o negrume das inconsequências sentimentais.

Mas não será fácil. Estou ensaiando subir o primeiro degrau dessa longa escada. E esse primeiro passo parece bastante seguro, por estar fundamentado nos raciocínios frios de quem não vem sendo atingido pelos influxos energéticos negativos dos inimigos, entretidos com recentes sofrimentos. Além disso, tenho estado resguardado pelas providências dos protetores da colônia, que impedem que os internos sofram o assédio dos litigantes, quando demonstram que desejam progredir nos estudos.

Não quero deixar para o leitor a dedução de que estou na corda bamba das deliberações mais agudas. Estou mesmo, e isso é para fazer o amigo pensar.

A pergunta mais provável se fará em torno da clarividência da situação. Como é possível que alguém tão certo do que se passa consigo mesmo e com os outros possa temer vir a falhar?

É porque o domínio que se exerce sobre o inconsciente é precário ou artificial. Uma vez em contacto com as vicissitudes do mundo objetivo, a pessoa passa a agir

coerentemente com os impulsos mais fortes. Se o ódio estiver predominando, apesar da compreensão de que não se deve dar curso ao mal, mesmo subjetivamente, acabamos por favorecer que nuvens negras e inquietantes nos envolvam, impedindo-nos de visualizar o bem como norma superior evangélica.

Terei de passar por rigoroso treinamento de autocontrole emocional, para o que deverei investigar meus processos de comportamento, desde remotas eras, até caracterizar o que mais me afeta, para progredir na eliminação dos maus hábitos. Enquanto isso não ocorrer, farei longos exercícios com os amigos, refletindo à exaustão sobre todos os procedimentos negativos e positivos, tentando decifrar o que faz dos santos espíritos superiores.

O teor do discurso faz pressupor que tenha habilidades para alcançar esses conhecimentos com facilidade? Ledo engano. O procedimento intelectualizado, como disse acima, faculta passar essa impressão, que as palavras se compõem para o efeito. No momento da ação, a memória, desabituada às boas reações, tende a despertar os instintos adormecidos. É como aprender a dirigir automóvel. O treinamento deve educar as reações espontâneas, para que se eliminem os maus pendores.

Esta insistência nos pontos fundamentais visa a dar ao leitor o hábito de refletir sobre os temas da espiritualidade. Sendo assim, não se canse conosco e insista, todo dia, em pensar sobre como irá enfrentar a consciência, se não estiver satisfeito com os resultados de suas ações evangélicas.

Lamentavelmente, a tendência à orientação transparece muitas vezes, provocando o Irmão José, que nos pede ponderação e equilíbrio. De qualquer forma, essas pontas de *iceberg* servem para alertar para a montanha que se situa debaixo do nível temático.

Graças a Deus, aqui temos a augusta oportunidade de aprender e isso é bem inalienável. De minha parte, não me lembra jamais ter estado tão perto das lições de Jesus, não como aprendizado jovem do catecismo, mas como meditação adulta sobre o carma e sobre o Universo. Se conseguir ser agradecido ao Senhor, tenho a certeza de que poderei vir a obter sucesso, quando empreender a luta contra a maldade incrustada na mente, para juntar-me em amor com os adversários.

Reze por mim!

CLÓVIS

Sempre gostei de meu nome. Ao ler a história do rei e guerreiro, me ufanei por meus pais me terem concedido essa honraria.

Já se viu que um dos colegas também se orgulhava do próprio nome. Posso dizer que há outros, talvez a maior parte, que detestam os apelidos, por lembrarem coisas muito ruins. É como se se estivesse estigmatizado por mau destino resultante de vidas em atrito com pessoas da família ou com adversários casuais. Caso se pudesse escolher, por certo muitos nomes seriam trocados no ato, como se exercessem influência deletéria.

Aos quinze anos de idade, deixei a companhia agradabilíssima dos meus pais e avós e parti para a viagem definitiva. Vi-os muito tristes, lamentando não me terem dado oportunidade de conhecimento do mundo, uma vez que minha doença, naquela época incurável, não me destruiu de repente. A leucemia vai minando as resistências, de forma que o paciente pode ir fazendo tudo o que estiver desejando, como últimas vontades.

Tomei conhecimento da enfermidade aos doze anos, tendo vivido os últimos três com a impressão, dia a dia, de que seria o último. Isso contribuiu para que meus pais e avós fossem acostumando-se com a ideia do falecimento, preparando-se psicologicamente. No último dia, não foi surpresa alguma e não houve cenas de desespero. Pela derradeira vez, meu pai me lembrou a heroicidade e a religiosidade de Clóvis e me deu os conselhos de praxe, para que despertasse nos braços de Jesus. O padre veio dar-me a comunhão, pobre rapazelho sem pecados, acrescentando a extrema-unção. Creio que estava verdadeiramente emocionado, pois suas vibrações perduraram por muito tempo depois de ter chegado ao lado de cá, onde fui recebido por extraordinária figura de anjo, já que deveria sentir-me seguro e amparado.

Nem todos os amigos do grupo consideram necessário fantasiar a realidade, quando são recolhidos os espíritos pelos protetores. Dizem que o artifício, também empregado pelos infelizes do Umbral ou das Trevas, peca por falta de verdade. Outros, contudo, por terem presenciado estremecimentos sérios quando da revelação das condições reais do desencarnante, julgam que há muito de generosidade e de respeito humano, no tratamento subjetivo.

Não estou gratuitamente fazendo considerações a respeito das atividades dos socorristas. Levo ao conhecimento do leitor a necessidade de meditar sobre a forma que julga a melhor de ser recebido. Se o amigo estiver temeroso de que a recepção não vá ser das mais agradáveis, ore com muito afeto ao protetor, para que o ampare da melhor maneira possível, mesmo que seja para sustentá-lo, por algum tempo, crente de que está

sendo recebido diretamente por Jesus. Ao se saber apaniguado pelo benfeitor espiritual, você, certamente, terá palavras de agradecimento, já que não tremeu a ponto de atrair os que desejariam vê-lo sofrer.

Após, naturalmente, muitos anos de convivência com textos mediúnicos, haverá motivos de sobra para se almejar recepção verdadeira, na declaração dos direitos espirituais de quem tiver praticado somente o bem, consciente de que não haveria maneira de realizar trabalhos mais substanciosos. Mas não venha esse amigo presunçoso de que haverá festa ou bimbalar de sinos. O normal, no caso de espíritas convictos e trabalhadores, é serem recebidos pelos parentes e amigos, em lágrimas de felicidade e, imediatamente, encaminhados para as câmaras de recomposição espiritual, para reabsorção das habilidades específicas do plano etéreo, como seja a da transmissão telepática dos pensamentos, da volitação, da energização fluídica para efeito de cura, da magnetização, no ato mediúnico, da restauração da memória, pelo menos imediatamente anterior à encarnação, etc.

Estamos preocupados em trazer notícias que redundem em reflexões positivas, para aproveitamento pragmático. Entretanto, é preciso advertir para o fato de que todas as atividades devem encontrar embasamento nas leis cármicas, segundo as premissas evangélicas, o que significa conhecer e vivenciar os ensinamentos de Jesus e de Kardec, nessa ordem de prioridade.

De que adiantará, apenas para exemplificar, a pessoa aqui chegar trazendo decorados todos os textos espíritas, se não deu vazão aos sentimentos, esmerando-se por considerar todos os seres humanos como irmãos e todos os demais seres como criados por Deus? Assim, a prática e a gramática devem dar-se as mãos, em íntimo relacionamento, como se mente e coração pulsassem uniformemente, pelo comando de augusta vontade, na certeza de que Deus é pai de infinita misericórdia.

Em suma, quando se pede o aperfeiçoamento espiritual, não se pode fugir da enfadonha repetição das normas evangélicas: eliminação dos vícios e aquisição das virtudes, tudo realizado conscientemente, segundo o preceito de que fora da caridade não há salvação e de que o primeiro mandamento é o amor ao Pai e o segundo é o amor ao próximo, devendo considerar-se a reconciliação com os inimigos como de transformação em amizade.

Eis as lições que precisei aprender, o que fiz em curtíssimo tempo, dado que amava profundamente aqueles seres que me deram guarida na carne e que reconheci como familiares, na companhia de quem venho realizando as conquistas espirituais, desde há vários séculos.

Resta considerar o caráter cármico da moléstia que me trouxe de volta à espiritualidade.

Enquanto encarnado, ninguém da família, muito menos eu, poderíamos saber que fora por livre deliberação minha que me foi facultado sofrer a aspereza desse embate vital, em época muito precoce. Pude reviver, no etéreo, as longas palestras entre os familiares, até que todos concordassem em perpassar pela crise da perda gradual e, em seguida, definitiva, de pessoa integrada no seio da comunidade.

Se meus parentes estivessem habituados ao refletir espírita, receberiam as informações de molde a se tornarem conscientes de que a dor e as lágrimas deveriam

constar do roteiro regenerador próprio do Planeta. Como católicos, necessitavam tornar mais arraigada a fé em que Deus é só justiça, na esperança de que me reencontrariam plenamente feliz, no Reino do Amor, a morada final.

Depois dos doze anos, desejei estudar em casa, lendo os livros mais interessantes a respeito do Mundo e de sua História. Como meus pais não tinham posses para me levarem a conhecer os lugares, compraram projetor de filmes e me deram a conhecer inúmeros locais e pessoas. Isso perdurou por dois anos, até que me vi por demais enfraquecido, ainda porque os medicamentos afetavam secundariamente quase todos os órgãos.

Atualmente, tenho visitado hospitais em que os pequenos são curados da doença que me matou e tenho conversado com muitos deles, durante o sono, para reconhecer-lhes a vontade de viver ou de morrer com honra. São poucos os que escolheram esse destino, de forma que devo prevenir o leitor para não generalizar o pensamento de que todas as crianças e adolescentes com câncer estejam concordes com a sorte. Cada pessoa tem reação própria, de acordo com a personalidade, o que vale para todas as circunstâncias da vida.

O mesmo se pode afirmar quanto à AIDS, que muitos espíritas, à vista da fatalidade da morte, estão considerando cármica, ou seja, predestinada para a purgação dos defeitos e dos vícios. Não. Na verdade, a picada da cobra ou da aranha peçonhentas é tão acidental como a aquisição dessa terrível infestação microbiana. Há que se lembrar de que Kardec discorreu a respeito do cólera, fazendo considerações preciosas, para o entendimento do quanto pode haver de predestinação na aquisição dos micro-organismos. Não é verdade que a tuberculose e a hanseníase estão sendo tratadas eficazmente, com cem por cento de cura, quando não senhoras de órgãos vitais? Um dia ou outro, a AIDS será melhor compreendida e poderá vir a ser extinta, como a poliomielite. Aí haverá outras pragas, epidemias, endemias, já que o homem, desde algum tempo, se vê livre das pestes. Ou está fazendo por merecer mais alguma?

Que esta última perquirição seja levada às últimas consequências, no pensamento investigante do amigo leitor.

Fique com Deus!

SÁVIO

Fui sempre exageradamente cuidadoso com tudo. Essa qualidade poderia ter superior sentido, se não onerasse demasiadamente as pessoas.

Antes de incorporar-me à matéria, azucrinei a paciência dos estruturantes cromossômicos, pois desejava perfeito o aparelho físico, capaz de aguentar o suplício de vida centenária. E me desejava lúcido até o fim.

O fato de pertencer a esta turma está a indicar que dei com os burros n'água, na saborosa expressão portuguesa. Ao atingir o quinto ano de vida, caí do muro e espatifei o crânio. Se não conhecesse a proverbial atenção dos dignos protetores e a misericordiosa justiça divina, poderia pensar que o castigo chegara *a cavalo*.

Até meu nome incluí na lista das pretensões e quis que os progenitores me dessem o nome de Sábio. Não me entenderam ou o mais próximo era Sávio, de forma que acabei ficando com o nome adulterado.

Hoje, respeito o apelido e gosto de ser lembrado como Savinho, que era como mamãe me chamava, desde bebê. Quando ora por mim e me chama carinhosamente, enterneço-me e lhe mando todas as vibrações amorosas de que sou capaz.

Não tenho muitos assuntos para desenvolver, uma vez que, ao reingressar no etéreo, vim muitíssimo envergonhado pela redução do tempo de vida. A primeira reação foi querer saber quem me deu o *trança-pé*, posto não admitisse que meu anjo da guarda não estivesse atento. Depois, vim a compreender, com muito esforço da parte dos bisavós, que toda criança é traquinas e se sente atraída pela aventura, para o natural teste da capacidade de desafio.

Fora eu quem subira no muro. Devo dizer que à revelia de todos os assistentes da espiritualidade. Quando refiz o fatídico dia, presenciei o filme mais bonito que tive oportunidade de reverenciar no plano do socorrismo aos encarnados.

Estava determinado a copiar o que vira um primo fazer. Chamara-me de covarde, por ter tido medo de trepar no muro. Quando me pilhei sozinho, quis me aventurar, sem medo, para comprovar a mim mesmo que iria subir na vida às próprias custas. Não utilizava esses termos ou esses pensamentos, mas a personalidade voluntariosa só poderia levar-me a esse tipo de reação espontânea.

Bem que ouvia vozinha na consciência, pedindo-me para ser atento e prudente. Na reprodução das lembranças, percebi que os protetores afastaram todos os seres que me

poderiam induzir ao tentâmen desastrado. Por outro lado, os familiares foram insistentemente chamados, mas eu me aproveitara do fato de haver visitas em casa, de sorte que mamãe se envolvera em conversa muito absorvente, relegando os avisos do etéreo para o campo das suspeitas que se abafam por improváveis. Por duas ou três vezes, desejou saber onde eu estava e me chamou, preventivamente. Respondi que estava brincando, disfarçando a intenção fatal.

O mais, qualquer um poderá supor.

Deixei a pobre mãezinha absolutamente sensibilizada. Deu-se culpa pelo descuido, mais ainda com a crise matrimonial adveniente das acusações de papai, que não a perdoou. Mas essa é outra história, pois havia seis anos que se casaram e estavam passando por difícil fase do relacionamento matrimonial. O desenrolar dos acontecimentos os separou, definitivamente.

Essa questão esteve a pique de me inquietar para além do que seria de minha responsabilidade. Ao compreender, um ano depois, que a culpa pelo acidente se deveria atribuir unicamente ao meu modo normal de reagir aos estímulos exteriores, quis assumir o papel de pivô, no entrechoque entre meus pais.

O ano seguinte passei sob forte narcótico, que me impediu de sair da colônia para a desesperação. Havia recobrado a idade adulta e me imputava inúmeros crimes, dando-lhes feição muito mais dramática e pungente. Queria a perfeição em todos os atos, por que não haveria de suspeitar de que minha criminalidade fosse superior?

Como os beneméritos auxiliares do Irmão José e meus bisavôs estavam cômicos da fraqueza, revezaram-se durante todo o tempo, para me insinuarem, telepaticamente, do modo que se faz quando as pessoas estão hipnotizadas, as normas evangélicas superiores, especialmente a do perdão, que o Pai nos dá se formos capazes de perdoarmo-nos a nós mesmos.

Não cheguei a lamentar os dois primeiros anos de sofreguidão após o desencarne. Na verdade, bastou que me inteirasse dos sofrimentos da maioria arremessada ao caos umbrático, para me ver apaniguado por especial deferência socorrista.

O que lhes posso dizer a mais é que, se me tivesse mantido com o espírito alucinado pela ânsia da perfeição, iriam deparar-se com exaustiva reprodução de todos os fatos, em dissertação que não iria dispensar o descritivismo e o narrado, para além das conveniências e dos limites estabelecidos para cada membro do grupo.

Atualmente, estou dedicando-me aos estudos das causas prováveis do litígio familiar. Decidi que deverei tornar-me auxiliar dos benfeitores paternos, mas não quero precipitar-me em tarefa superior aos conhecimentos. Sei que o amor supriria muito da ignorância, pois quem age sob o influxo da boa vontade alcança sucesso, ainda mais sob a vigilância de pessoal mais experiente. Mas, como meus pais estão em boas mãos, acredito que os estudos e as investigações práticas me darão definitivas normas de conduta em tais circunstâncias, podendo adaptar-me às condições específicas dos progenitores, sob a orientação segura dos companheiros e mentores.

Se forem argutos, os bons amigos deverão estar concluindo que estou tentando usufruir a vantagem de conhecer a forte tendência às minúcias para aplicar-me, com sagacidade, aos trabalhos determinados para a *Turma dos Primeiros Socorros*. Antes, tudo fazia de maneira torpe, inconsequente, impensada; agora, pretendo tornar as atividades

banhadas pela luz de precavida inteligência, no aproveitamento integral do recente sofrimento cármico.

Não estará aí a *dica* para futuras meditações dos amigos?

Para finalizar, devo advertir que não desconheço os percalços materiais dos encarnados, de modo que não estou sugerindo a imediata aplicação de tão novas orientações no campo filosófico ou teleológico. Como sei que a memória registra indelevelmente todas as impressões que se obtêm na vida, haverá um dia, depois do trespasse, em que considerarão os amigos a possibilidade de estar certo aquele espírito empolado da mensagem que se pretendia sábia. Aí, poderão fazer valer estas noções, na descoberta da própria personalidade e na maneira mais adequada para se vencerem as eventuais dificuldades.

Oremos ao Pai, com fervor, para que a previsão esteja errada, no sentido de que todos os bons leitores regressem à espiritualidade perfeitamente conscientes do alto valor de suas atuações, em benefício de seu próprio progresso.

Valha-nos Jesus!

SAMUEL

Nem sei como foi que cheguei à colônia. Devido à origem judaica da família, da parte de pai, com a devida conversão de mamãe, deveria ter sido resgatado, assim que cheguei, pelos representantes israelitas, que mantêm muitas colônias sob a estrela de Davi, onde estudam a Tora, o Talmude e a Bíblia, preparando os reencarnados com zelo e disciplina.

Como sei? Lembro-me perfeitamente de ter frequentado os estudos ali, antes da última peregrinação à carne.

Como vim a me inteirar depois, existe convênio entre as diferentes instituições no etéreo, segundo o qual cinco por cento das entidades devem passar pelo aprendizado elementar em outro educandário. Firmou-se o contrato, visando a criar individualidades capazes de interpretar as leis cármicas, segundo pontos de vistas diferentes, com o duplo intuito de adaptar as diretrizes e cânones à verdade cósmica, como também para a formação de lideranças positivas, no reconhecimento elementar de que ninguém é perfeito e de que todos devem buscar incessante aperfeiçoamento espiritual.

Dentre os escolhidos para o intercâmbio, dá-se preferência aos que morrem jovens, pois se predispõem rapidamente à recuperação da consciência perispiritual (se não estiver ofendendo os princípios kardecistas), de sorte a se enfronharem nos conceitos novos, com a desenvoltura dos cérebros infantis, ou seja, mais facilmente impressionáveis, para a aquisição das noções desconhecidas.

Claro está que nem todos os desencarnados jovens estão aptos a essa novidade conceitual. Será preciso estabelecer, primeiro, que tenham desenvolvimento considerável no campo da moralidade, para não ficarem pendentes de resgates coercitivos, o que os obrigaria a voltar-se para os familiares ou para os adversários.

Todas estas considerações estão sendo propostas a partir das aulas a que assisti recentemente, já que cheguei muito ignorante das teses do Espiritismo, preso que sempre estive, de acordo com a memória despertada, aos clãs hebraicos.

Apesar de tudo, não tenho saudade acendrada dos antigos companheiros, tendo estabelecido como premissa, para que concordasse com a estadia aqui, que deveria visitar os parentes encarnados e os amigos da outra colônia. Mas não precisava preocupar-me,

que os tópicos constam do contrato e se constituem em deveres e não direitos, propriamente ditos.

Essa liberdade de ir e vir nos põe à vontade para o enfrentamento das adversidades conceituais, já que, se tivermos necessidade de frequentar as antigas companhias, imediatamente recebemos a escolta mais conveniente e nos pomos a caminho.

No primeiro mês, voltei duas vezes a encontrar-me com os velhos conhecidos. Faz, entretanto, mais de ano que não peregrino para fora da colônia, perfeitamente entrosado com os colegas, na área de estudos e trabalhos.

Talvez sinta certa nostalgia dos folguedos tradicionais israelitas, os mais ligados ao espírito de religiosidade da gente (se é que posso falar assim, diante da tese de que todos somos irmãos), mas vou levando, sem sacrifícios, os compromissos, para não desestimular os *bolsistas* e para corresponder aos anseios dos venerandos rabinos.

Talvez a informação de como se deu a transposição para o etéreo possa adquirir utilidade. Vim através de cirurgia mal programada, vítima de choque anafilático. Foi, portanto, inteiramente acidental, do ponto de vista terrestre. Mas não descarto a possibilidade de estar sendo muito mais importante para mim e, quem sabe futuramente, para o meu pessoal, esta transição pelo nordeamento kardequiano.

Haverá quem, muito acima, em esferas de adiantamento espiritual superior, esteja a manipular os cordões do destino, para facultar aos seres ignorantes oportunidades de crescimento que eles mesmos não se dariam, por desconhecimento das possibilidades?

Fique a perquirição para que se especule a respeito, já que não tenho qualquer comprovação de que o fato seja verdadeiro. Sobre o que me interrogo, constantemente, é quanto à presunção de livre-arbítrio. Como, porém, sempre pertenci a grupo muito fechado em torno de ideais comuns, aceito, com muito mais facilidade do que os da turma, que se possa avançar na existência, através de padronização de procedimentos estabelecida em nível angélico.

Fique claro para o leitor que estas apreciações estão a demonstrar que não se me inibiu o desejo de compreensão da verdade e que respeito e acato as deliberações das entidades que, presumivelmente, estão a me guiar rumo à casa do Senhor. Sei, por toda a experiência que carrego, que, sem assimilar os pontos essenciais da verdade, não caminharei para a esfera seguinte. E isso só será atingido por quem firmar os princípios das leis mosaicas como normas integradas à personalidade.

Eis que se me revela a necessidade de estabelecer o que é perene nos regulamentos do judaísmo, a partir do decálogo. Sob esse aspecto, minha estadia está sendo preciosíssima, pois absorvo as noções proclamadas por Jesus e as trazidas pelo Espírito de Verdade, confrontando-as com a sabedoria do **Velho Testamento**.

Sei que estou apenas raspando de leve a primeira camadinha de gelo de imenso *iceberg*. O tema da mensagem daria para preencher muitos tratados, na inevitável exegese de todos os aspectos existenciais, segundo a ordem de importância, em cada roteiro canônico ou doutrinário. Como, entretanto, a intenção é de mostrar como se dão os estudos da turma, com o fito de preparar os encarnados para o enfrentamento das futuras tarefas, penso ter realizado a contento a demonstração.

A certeza que se adquire, após algum tempo de estudo em colônia diferente, é que o passo seguinte conduzirá a todos ao mesmo círculo evolutivo, o que desfará as seitas, as

raças, as culturas e todos os princípios que possam diferenciar os seres, nesta esfera tão próxima da Terra. Isso nos faz pensar no quanto atrasados estamos, embora sejamos capazes de pensamentos sublimes e de atos humanitários de caráter superior.

Que estas simples manifestações, tão pueris quanto bem intencionadas, venham a provocar, no espírito dos leitores, reações agradáveis do ponto de vista da deflagração de estudos e atividades em que as virtudes da fé, da esperança e da caridade sejam as molas propulsoras. Se fosse possível colocar, em passe de mágica, sob os olhos dos amigos, materializadamente, o intenso desejo da turma de ser útil, de ser digna, de ser convincente, haveríamos de fazê-lo, com total boa vontade, para que pudesse haver melhoria moral, paz, amor, solidariedade, fraternidade, alegria, cooperação entre todos.

Qualquer dia, chegaremos lá!

Felicidades, irmãos!

PAULA

Filha de tradicional família mineira, demorei bastante tempo para integrar-me nas fileiras desta *Turma dos Primeiros Socorros*, crente de que deveria merecer melhor sorte, qual seja, a imediata inclusão entre os monitores, suspeitando de que me caberia o título de professora. E isso se dava porque, na idade de quinze anos, tinha poesias publicadas e começara a redigir um romance, cujos primeiros capítulos haviam sido bem acolhidos pelos familiares.

Fiel devota de Nossa Senhora, não admitia que alguém pudesse desencarnar virgem, sem ser encaminhada diretamente ao Paraíso, local das eternas delícias, onde me seriam permitidos todos os gozos superiores.

A bem da verdade, não sabia o que eram os tais *gozos superiores*, nem me dava ao trabalho de buscar compreender o Empíreo. Queria porque queria e era tudo.

Foi com extraordinária paciência que o Irmão José me conduziu por diversos recantos mais adiantados da colônia, para demonstrar-me que os espíritos ali sediados desempenham funções técnicas de alta sofisticação, para a aquisição das quais me desfiaram os atributos curriculares, em cursos especializados, após terem vencido as dificuldades de adaptação.

Estariam os brilhantes trabalhadores contentes com a situação cármica? Perguntei a cada um, como se fosse essa a contestação que desejava patentear, de alguma forma, aos mentores encarregados da administração da colônia. Todos me disseram estar *gozando* de excelente saúde mental e sentimental, o que equivalia a dizer que estavam de posse do supremo bem possível. Quando insistiam em continuar discursando, para me evidenciar que estavam esmerando-se nos conhecimentos e nas tarefas, para alcançarem postos mais importantes, eu desconversava, no temor de que me revelassem o quanto era inferior.

Essa era tolice das maiores, uma vez que me impedia de conhecer os percalços e os meios de eliminar as deficiências de caráter.

Mas tanto insistiu o querido mentor que conseguiu que lhe pedisse para me manter junto aos parceiros do grupo, onde procuraria estudar com generoso afinco, o que era o mesmo que dizer que lhe demonstraria que bastavam alguns dias para que pudesse ser reconhecida como ser superior, colocada entre os de mais baixa extração intelectual. Na verdade, eram restolhos dos preconceitos carnisais, quando me via muitíssimo melhor dotada que todas as outras criaturas, mesmo quando me expunham boletins mensais com

resultados melhores. Não havia meio de me convencer menos capacitada e encontrava desculpas para justificar as notas menos altas.

Pelo teor da comunicação, os amigos devem ter percebido o quanto estou arrependida de tudo o que fiz, tanto que me dedico a indicar os erros de interpretação da vida e da morte, tão somente, sem trazer conhecimentos aprofundados sobre tema específico.

Após as frustrações iniciais, pois não conseguia vencer os trabalhos que me eram determinados, já que, em lugar de estudar, me punha a imaginar soluções, tive de me confessar a menos apaniguada de todos, naquilo que justamente me considerava perfeita, ou seja, a sensibilidade e a inteligência de externar a sutileza poética das coisas.

Viva, cantei o amor, em todas as formas. Deveria ter-me dedicado ao egoísmo, pois o sentimento que se introjeta na alma deve ter um sujeito como causa. Eu não tinha ninguém e isso acabei caracterizando como a mais profunda infantilidade.

Resumindo, estive por mais de três anos nesse vaivém improdutivo, sem crescer espiritualmente, embora sem sofrimentos pungentes. É que não descobria a pior das condições: o orgulho, o desejo de me ver acima das pessoas.

Um dia, após a leitura de uma das mensagens-teste dos colegas, me vi examinando o texto com olhos de ver, isto é, buscando entender o que fizera o autor considerar importante aquelas expressões, ao invés de outras. Até então, as comunicações apenas me levavam a analisar o linguajar e a gramática, para configurar a fragilidade do escritor. Naquela maravilhosa oportunidade, entretanto, pus-me diante do espelho dos problemas, compreendendo que eu mesma necessitava de passar por semelhante crivo, para merecer a crítica dos amigos e dos professores, o que só seria viável, se me dispusesse a enfrentar os sentimentos inferiores que se despertariam.

O resultado foi que o Irmão José me deu o direito de me ver encarnada no século passado, para vasculhar a personalidade anterior, já que não pudera, na última encarnação, usufruir a desenvoltura da mentalidade, em função do aperfeiçoamento das virtudes, por ter desencarnado cedo.

Sendo sincera (e aqui não se pede outra coisa), poderia desenvolver outros temas com competência, dado que superei os pendores para me julgar mais e melhor. Fá-lo-ia com desembaraço, sem dúvida, mas sem emoção, pois lhes daria tratamento científico. Por isso, preferi dar tonalidade sentimental a esta modestíssima peça, admitindo que a falha mais corriqueira dos recém-chegados é a consideração de que suas vidas estiveram impecáveis.

Nesse sentido, é muito triste observar que os criminosos mais perversos também trazem a mesma impressão, uma vez que têm desculpa para todos os atos, quando não partem diretamente para as acusações de injustiça da parte do Pai ou dos protetores.

Por outro lado, dizem-me os amigos que pouco adiantará que me esfalfe na argumentação da perfídia maliciosa dos encarnados, pois são pouquíssimos os que lerão o texto com agrado, sem se sentirem magoados com as insinuações de perversão espiritual. Aliás, esses mesmos não terão nada para corrigir, pois, naturalmente, estão vacinados contra as incontinências mentais e morais.

Vim para repetir o que a consciência de cada um já sabe, tanto que...

Adeus, amigos! Fiquem na paz do Senhor!

SEVERINO

Não quero gracejar fazendo sotaque baiano, de Ilhéus. É porque me criei lá até que morri, aos nove anos.

Aqui aportando, não me detive nas ranzinzices, precisando o Irmãozinho José vir em meu socorro, para que não me afogasse em mágoas, que nas águas do mar já havia deixado a vida.

Vim com minha mãe e com meu pai, mas me perdi deles e precisei dos recursos dos protetores, que me acolheram e trataram de mim com muito apego e afeição.

Neste tempo em que estamos ditando, já me olvidei da malícia das lamúrias, para trazer de volta a quem mais queria. Tenho estado com eles, mas não me dão a mesma alegria, pois não me querem lá, local de muito sofrimento, impedindo-me de auxiliá-los com palavras de muita fé na misericórdia de Deus.

Eu sofro um pouquinho, mas não me deixo abater, porque fiquei sabendo que todos nós merecemos as dores que nos acometem, jamais tendo de aguentar nada que não represente a justa medida das estrepolias e desassossegos provocados nas outras pessoas.

Enquanto vivi, meus pais não brigaram nunca. Agora, não param de se bater e não conseguem separar-se. No começo, achei muito estranho, tanto que me interpus como mediador, para o ajuste evangélico das contas. Durante o tempo em que fiquei com eles, resignaram-se a respeitar minha presença. Quando voltei, presenciei outra cena de profunda agonia, dadas as mútuas acusações acerbadas, como se houvesse inimizade transcendente da derradeira encarnação.

Perguntei aos protetores em que me equivocara ao julgar o casal em harmonia durante a vida. Responderam-me que estavam presos pelas conveniências sociais, pois os homens fazem leis que determinam submissão e respeito. Servem para manter as pessoas unidas, muitas vezes precariamente, até que se acostumem umas às outras. No caso de meus pais, inimigos antigos reunidos para a tentativa de reconciliação, a vida lhes tinha sido cortada cerce, quando não haviam ultrapassado o período dos conhecimentos íntimos. Por outra, haviam acirrado os ânimos ainda mais, pois a fase por que passavam quando morreram era por demais melindrosa.

Para chegar até o local em que se encontram os litigantes, vou percorrendo diversos lares igualmente estremecidos. Estarrece-me verificar que muita gente existe que não consegue desgarrar-se do companheiro infeliz, como se se imantassem pela eternidade. É situação de penúria e de desgraça tais que, se as pessoas no mundo soubessem disso, correriam para fazer as pazes com todos os que se desgostaram delas e por quem nutrem antipatia.

Ultimamente, tenho levado colegas comigo, para me ajudarem a impressionar meus pais, de forma que venham a respeitar as palavras de Jesus, que repetimos, revestidas de carinho, de afeto e de boa vontade. Sabemos que não dão ouvidos à verdade evangélica ou teriam abandonado o lar desfeito e miserável, para aceitarem vir conosco. Mas tal como aqui, vamos repetindo os avisos *ad nauseam*, para vencer pelo cansaço.

Como fico exageradamente abatido sempre que retorno das visitas, sou obrigado a me desmagnetizar através da meditação sobre os textos bíblicos e outros produzidos pelos mentores da ***Escolinha de Evangelização***, os quais, invariavelmente, terminam em belíssimas preces, em prol do crescimento moral das pessoas das quais cuidamos.

Não sei se foi importante informar que nem sempre os pais estão mais adiantados que os filhos, mesmo quando estes desencarnam em idade muito baixa. Mas a verdade é que estou avançando nos estudos, enquanto eles marcam passo, como se o progredir não atravessasse suas cogitações.

O interessante é que deve ser realmente isso. Certa vez, apresentei-me, inadvertidamente, com o aspecto que teria se permanecesse encarnado, puxando, é claro, para a fisionomia da vida anterior, e eles não me aceitaram como filho. Enquanto não me transformei naquela criança que o mar engoliu, não me levaram em consideração.

Existe pormenor nas discussões que me deixa imensamente aborrecido. Quando querem ferir um ao outro, lembram-se de mim, para se acusarem de me terem matado, uma vez que a viagem fora acordada por ambos, embora eu batesse o pé, recusando-me a mudar. Tivera a presciência da tragédia ou, simplesmente, estava apegado ao local, sem interesse em abandonar os amigos? Sei que chorei muito e essas lágrimas estão indelevelmente impressas nas lembranças de meus pais, para incremento das dores.

Não estranhem se meu *causo* é de candidez e ignorância. Estou entre estes amigos talvez por engano, que não me desenvolvi o suficiente para revelar a sequência ou o encadear dos elementos que deram origem a esta situação do grupelho familiar. Meus dois irmãos, que se salvaram, vivem muito bem com os tios, embora isso seja desconhecido de meus pais, que se impedem de sair do casebre malcheiroso em que se batem, dia e noite.

Às vezes, fico a imaginar a razão de não me ter salvado também, porque as crianças pequenas tiveram a regalia de permanecer num bote com algumas mulheres. Aí, penso que tenha sido melhor assim, pois o que não avancei na face da Terra, tenho progredido aqui, podendo imaginar a próxima encarnação muito mais adequada para a aquisição dos fatores evangélicos que me faltam.

Em duas ocasiões, pude conversar com meus manos, durante a noite, quando fiquei sabendo que a perda dos pais lhes foi sumamente desagradável. Ao lhes relatar o que se passava comigo, ou seja, que tinha e, ao mesmo tempo, não tinha a companhia deles, ficaram extremamente aborrecidos. Como nada podem fazer, já que, acordados, quase não

se lembram dos familiares acidentados, rezam de maneira muito geral, abrandando as ânsias e reconhecendo-se felizes por estarem vivos. Antes assim.

Fiz questão de demonstrar que me encontro fortemente impregnado pelo trespasse doloroso e pela condição dos pais, para evidenciar que isso tudo me perturba quanto aos estudos, o que onera sobremodo os companheiros, que gastam um colosso de tempo comigo, para me fazerem entender como é que a existência se desenvolve.

Agradeço muitíssimo, pois, a eles e aos bondosos leitores, que me darão a certeza de que este tempo destinado à confecção e à transmissão da mensagem não tenha sido inutilmente roubado da assistência que devo aos parentes.

Fiquem nos braços de Jesus! Muito obrigado!

CHARLES

Não estranhe o meu nome, por favor. Foi dado ao filho por ferrenho admirador do gênio cinematográfico, Carlitos. No carnaval, no sexto aniversário, vestiram-me como o vagabundo das telas e saí ostentando os andrajos, como se fossem as coisas mais sagradas do mundo.

Mas pouco tempo sobrevivi à glória infantil. Vim a ser despejado da vida por terrível locomotiva, que me triturou completamente o físico.

Vocês podem imaginar a dor dos pais e dos avozinhos. Eu mesmo fiquei entediado, por algum tempo, como se algo me faltasse. Mais tarde, identifiquei a ânsia como o destino biológico impresso no perispírito e que não mais se realizaria.

Como as lembranças da vida foram extremamente deleitosas, pedi e consegui dos benfeitores manter-me em contacto permanente com os encarnados, para usufruir as vibrações de muito amor.

Nos primeiros tempos, as tremendas saudades me transtornavam, mas fui acostumando-me com a ideia de que o sofrimento purga os pecados e enobrece a alma, de forma que vibrava por todos, com muito carinho, buscando incentivá-los ao culto da realidade transcendente, qual seja, a de que a vida na carne é transitória e frágil, enquanto o espírito se fortalece cada vez mais, para a busca sempiterna da perfeição.

Aconteceu-me curioso fenômeno psíquico, pois não recobrei inteiramente a personalidade habitual, deixando-me fortemente imantado à infância perdida, durante mais de três anos, enquanto dava atendimento vibratório aos familiares. Ao cabo desse tempo, comecei a notar que era preciso afastar-me do ambiente doméstico, pois minha presença contribuía vigorosamente para manter as tristes lembranças, impedindo os mais velhos de prosseguirem na caminhada redentora. Eu como que os amarrava a mim, inconscientemente, pretextando dar-lhes conforto e segurança cármica.

Foi por essa época que se apresentou a mim o Irmão José, trazido pelos protetores da família. Foi ele quem me convenceu de que os encarnados têm obrigações para com o futuro e não podem ficar presos pelos transtornos do passado. Por mais significativa tenha sido a perda, sempre haveria tempo para os reencontros no etéreo. Acrescentava que era eu muito ignorante e que, se frequentasse as aulas na colônia, iria poder auxiliar bem mais, com conhecimentos especializados e com treinamento específico. O argumento que me

convenceu, finalmente, foi o de que nem bem era criança nem era adulto, para a ilusão da permanência no lar.

Hoje, tenho tido progressos consideráveis. Por influência do nome, desejei acompanhar o desenvolvimento da carreira do ilustre artista inglês, tendo-lhe visto quase todas as obras. A ternura com que os pobres são retratados e a inteligência que se atribui a todas as personagens extraídas do meio ambiente serviram-me para entender as leis cármicas, utilizando-me do reverso da medalha para as observações. Assim, a condenação do emprego da força e da grosseria adveniente da riqueza adquirida através da exploração dos semelhantes, fiz relacionar com os diversos sermões de Jesus, contra os fariseus, os escribas e os pecadores.

Forcei um pouco a interpretação mas consegui encaixar nas películas todo o arsenal evangélico, inclusive a lei do perdão e da reconciliação. Neste ponto do exame, parei, para suspeitar de que houvera ele dado permissão a que certas ânsias do público se imiscuissem na contextura psicológica das personagens ou na estrutura dramática do texto. Por recomendação dos colegas, tive de reverter para a preponderância do *Evangelho*, ou acabaria dando às ideias do xará valor acima do conveniente, já que algumas passagens dos filmes não eram, como diríamos em *modernês*, *carmicamente corretas*.

O resultado final, aparentemente, poderia fazer com que me desiludisse com as peças. A verdade, porém, é que não me senti capacitado a reproduzir, na vida, na ficção ou na existência no etéreo, as magníficas produções do cineasta. Daí a concluir pelas minhas deficiências em relação às leis e mandamentos evangélicos foi pequenino passo.

Cheguei, pois, ao ápice da demonstração a que vim determinado, ou seja, a de registrar, inequívoco, meu desempenho como falho, na consideração dos meios de influenciar o crescimento espiritual dos parentes.

Preciso revelar que, em certo momento, me pareceu a morte como bênção divina, para que o sofrimento dos familiares lhes possibilitasse a compreensão da divina justiça? Vejam que tomava o pião na unha e que desejava pôr e dispor ao meu alvedrio, como se tudo na existência fosse passível de domínio.

Agora, estou cômico de que devemos lutar tenazmente para conseguirmos os objetivos próprios dos seres em ascensão moral. As coisas não caem do Céu. O Pai abençoará, sim, os esforços para a compreensão da Verdade, mas somente se esse sacrifício envolver a assistência lúcida e amorosa dos que se amarguram nesse vale de lágrimas. De que adianta ficar lamentando em conjunto, como se tudo se perdesse com o desaparecimento de alguém muito querido? Era o que fazia eu, acreditando estar dando ânimo novo aos que se lembravam de mim com extrema amargura.

Tornei bem mais raras as visitas aos pais e parentela. Deixei aos protetores a vigilância, para que ninguém viesse a descair nas malhas do desespero, e pus-me a rogar por compreensão, para elucidar de vez quais as provas que cada qual deveria enfrentar, como tributo inalienável pela prática odiosa das ações contra os semelhantes. Espesso véu se interpõe, impedindo-me de conhecer as causas das dores alheias, porém, me foi dado recapitular a última encarnação, na qual me vi devedor empedernido de diversas entidades, cuja identificação atual não foi desvendada.

Acredito que, no momento em que me sentir apto a desenvolver ações mentais e físicas ao nível de elevação das de Charles Chaplin, a caminho de entender a prática

superior da moralidade do Cristo, todas as barreiras ruirão e poderei agir em consonância com o desejo que sinto de amar ao próximo como a mim mesmo.

Valham-me os subidos exemplos dos filmes, os quais guardo carinhosamente na memória!

VLADIMIR

Quero ressaltar, desde logo, que minha personalidade é muitíssimo diferente da do mediador. Digo isto para que se evitem confusões, uma vez que os encarnados, principalmente os espíritas cujas noções a respeito de mediunidade roçam pela impropriedade, o mínimo que fazem é suspeitar de que haja animismo ou fraude nas comunicações.

Não vamos exagerar na assertiva de que tudo o que se registra sob a denominação *mediúnico* o seja, na realidade. Entretanto, temos seguido as transmissões da turma e podemos afirmar que muito pouco se deve à vontade consciente ou inconsciente do mediador.

O restante do mundo é o Mundo...

Vim de lar abonado e, por isso, apto a frequentar os cursos da ***Escolinha de Evangelização***, no aspecto intelectual, já que a escolaridade foi primorosa. Quanto a redigir a mensagem, isso é outro *departamento*, que aqui se exigem discernimento, facilidade, fluência, conhecimentos e certa elegância no trajar os dizeres, de forma a torná-los apresentáveis.

Minha morte foi terrível. Caí, porta afora, de veículo em alta velocidade. Era o acompanhante. Comigo faleceram mais dois, no desastre que se seguiu, havendo o motorista escapado vivo. Coisas da juventude e da sorte (ou azar).

Estava com dezenove anos.

Meus pais me recriminaram o desafio ao destino e se consternaram sinceramente, sofrendo-me a perda com fortes emoções, tanto que mamãe não se restabeleceu mais completamente do choque e papai ficou com a seqüela de grave deficiência cardíaca.

Ao contrário da maioria dos colegas, me vi tendente à lamúria, ao choro convulso e ao desespero, nessa ordem. Começava por ficar pensando nos compromissos cármicos, na saudade da *gata*, no sofrimento da *trempe*, nos gozos perdidos da felicidade corpórea e principiava a lamentação. Quando me lembrava do planejamento de reencarnação, dava murros no ar, querendo a todo custo fazer volver o tempo, como se isso pudesse fazer-se. Punha-me a chorar, inconsolável. Aí vinha a recordação de tempos anteriores, a caracterização das debilidades morais, a necessidade da reconciliação, no resgate que se daria, conforme o projeto que arquitetara, e assumia a irresponsabilidade da loucura das acusações agudas, como se nada mais pudesse vir a ser feito, para contornar o acidente.

Foi num desses depressivos ataques conscienciais que o Irmão José se apresentou, para me falar, mansamente, a respeito do poder misericordioso de Deus, lembrando-me encarnação pregressa, em que perdi completamente as estribeiras e tirei a vida de dois desafetos, perfeitamente cômico do mal que estava praticando. Claro que cego para as consequências cármicas. E essas desavenças estavam plenamente resgatadas, pelo trabalho que executara posteriormente, tanto que merecera volver à matéria em condições absolutamente favoráveis à conquista de diversas virtudes imprescindíveis ao progresso.

Não posso dizer que despertei para a verdade das explicações de uma hora para outra. Levei tempo demais para me compenetrar da inutilidade da desesperação. Enfim, como tudo na existência, houve glorioso momento em que a luz se fez, durante visita patrocinada pelos protetores ao lar terreno, em que me deram a conhecer quem tinham sido, na aludida encarnação, os meus pais e o colega sobrevivente.

Eram pessoas que tinham feito jus às preocupações que as perturbavam. Pelo amor e respeito com que as procurei, aguentei firme, suportando a angústia da revelação, prometendo intimamente que lhes daria sossego, o que as vibrações que vinha emitindo não estavam permitindo.

Meu pensamento era livrar-me do fantasma de ter sido o instrumento da justiça universal aplicada aos antigos desafetos. Do pouco que entendia a respeito dos valores evangélicos, não achava certo constituir-me em pedra de tropeço. Reconhecia que o escândalo adviera, sem que me visse consciente dele. Melhor ainda, alegrei-me por perceber, *a posteriori*, que não fora culpado diretamente pelas dores da perda, já que não dirigia o carro, embora houvesse incentivado a velocidade, tocado pelos eflúvios alcoólicos da festa de embalo daquela fatídica madrugada.

O que me deixa satisfeito, relendo a composição, é não conter muitos dos vezos do vestibulando que fora um ano antes do desencarne. Pelo menos nisso, é flagrante a evolução, graças a Deus! Haverá aí, com certeza a mão do escrevente? Não acreditem nisso ou irão esbarrar com sérios problemas, quando chegar a sua vez de elaborar e transmitir mensagens ao mundo dos vivos.

Atualmente, tenho estado investigando as causas imediatas dos sofrimentos provocados pelo acidente, para adquirir os conceitos das relações entre acaso e necessidade cármica. A conclusão óbvia é que não existiria sofrimento, se houvesse compreensão universal ou cósmica dos fatos. Melhor dizendo, se firmássemos fé na divina misericórdia ou na providência inalienável, segundo a qual o conhecimento dos eventos futuros como resultantes naturais dos circuitos impressos em nossos seres nos darão a segurança de que tudo se supera, pelo contínuo esforço de compreensão.

Quem mandou adentrar em aspectos filosóficos para os quais não me preparei?! Agora, criei a necessidade de explicitar as ideias, para não dar a impressão de que esteja ficando louco. Mas a verdade é essa mesma. Estou meditando muito a respeito da interferência dos sentimentos defeituosos nos resultados das ações que redundariam em benefício, apesar de extremamente desagradáveis. E tenho tido a felicidade de perceber que o crescimento espiritual deve muito à paz com que enfrentamos todas as situações adversas, embora não devamos abster-nos de nos emocionar com as dificuldades e sofrimentos alheios.

Querem palavras mais condizentes com o ideário cristão? Então, amem a Deus sobre todas as coisas e ao próximo, quem quer que seja ele, da mesma forma que amam a si mesmos.

Se meu xará escrevente tem as mesmas dificuldades de expressão que eu, não terá futuro neste *métier*. Era o que tinha para dizer, ao iniciar minha participação junto a esta mesa. (Não se assustem. É apenas uma brincadeirinha! Tenho a exata consciência do muito que deverei prosseguir estudando, bem como da fragilidade do texto.)

Fiquem nas mãos de Jesus!

WALKYRIA

Desde bem pequenina, quando aprendi a soletrar as letras do nome, fiquei apaixonada pelo estranho, pelo desusado, já que as letras que compunham a benquista palavra não se contavam entre as comuns, as corriqueiras, as *nacionais*. Encaixei-me no exótico, às maravilhas, e tomei-me de amores pelos contos de fadas e príncipes, belos e misteriosos, com as amadas, loiras e sulfurosas.

Esse empenho pelo esquisito não era gratuito. Pela pesquisa levada a efeito recentemente, pude constatar que, na anterior encarnação, fora mulher apaixonada e queixosa, por não correspondida, tendo-me encastelado em torre de marfim, onde erigi mundo particular, fugindo das urdiduras da carne.

Era romântica, não como fruto da nostálgica escola literária, mas por me haver retirado da vida mundana, onde não conseguira atuar positivamente, tendo perdido o entusiasmo pelas realizações sociais.

Quando regressei à carne, a personalidade não poderia alterar-se significativamente, de uma hora para outra. Era preciso que vivesse muito tempo sob o domínio da matéria, eivada de graves problemas de sobrevivência corpórea e moral, lutando contra as adversidades circunstanciais, que o plano de vida se armara para me fazer resgatar a vontade de participação.

O meu nome dei como indício de que a psicologia infantil estava tendente a manter o tônus sentimentalóide da vida anterior, tônus profundamente incrustado na psique, a ponto de me fazer indolente e indócil.

Aos oito anos, vim a falecer, vitimada por projétil perdido, que a *bandidagem* do bairro se impunha aos cidadãos e aos policiais. Pela referência a tais fatos, pode-se deduzir que foi há pouco tempo que deixei o plano terrestre, ou seja, há oito anos, de modo que os parentes todos se encontram encarnados, sofrendo, é claro, o poderio da força e da estupidez humana.

Vejam o contraste violentíssimo entre os parâmetros da personalidade sutil e esvoaçante da ninfa etérea, com a grosseria dos elementos que me haveriam de forçar para a reflexão do aqui e agora da realidade premente.

O balázio não estava programado mas teve o efeito de sessenta anos de miséria e dor, sem fantasias atenuantes das premissas da necessidade de efetuar projetos simples de vida, para me manter íntegra.

Cheguei tonta, absolutamente cega para a verdade dos fatos, inconsciente da morte e da vida, querendo reaver os brinquedos, querendo soletrar o nome, querendo agasalhar-me nos braços poderosos do paizinho querido.

Houve quem relatasse que os protetores se fingem de encarnados, colocando a máscara dos parentes, para o efeito bondoso da manutenção do equilíbrio mental, durante certo tempo, indo, aos poucos e com total responsabilidade, desvendando a verdade. Comigo não se passou assim.

De repente, eis-me diante do caixãozinho branco, tendo o corpo carregado pelos coleguinhas. Para quem vivia a sonhar, o banho de realidade teria de efetuar o violento choque que me remeteria de vez para as agruras do planejamento inconcluso. Só não enlouqueci porque os protetores haviam armado sistema socorrista sofisticadíssimo, no qual se incluía a obrigatoriedade dos sedativos leves e do acompanhamento por espírito de luz. Estava nas mãos sagradas de meu anjo de guarda.

Que fizera para merecer a especial atenção?

Poderia considerar-me, verdadeiramente, aquele anjinho que deixa a Terra prematuramente, sem culpa, sem ódio, sem temor. Era inocente de espírito, inocência que deveria, inclusive, perder, na infantilidade das reações da vida pregressa, para transformá-la em humildade, prudência e pureza de intenções, na adulta evangelizada.

Se me dissesse apaniguada por essas virtudes, mentiria. Estou caminhando, sob o amparo sublime de Jesus, representado na colônia pelos mentores e professores, perlustrando a longa estrada das descobertas dos componentes psíquicos da personalidade. E tenho de vencer os percalços advenientes da perda de duas vidas, embora, de certa forma, ambas pela contingência da força exercida pelo campo externo, contra os desejos de progresso inscritos na alma.

Todas estas informações compõem emaranhado de causas e efeitos, cujo fio condutor não assimilei com nitidez.

Mencionei o fato aos colegas e ao Irmão José, que me aconselharam, porém, a redigir a mensagem sob o influxo das incertezas, porque iria facultar aos leitores a avaliação de momento importante da fase de descobertas espirituais e de fixação de diretrizes para a aquisição de diversos tópicos evangélicos, como o do interesse pela objetividade da ciência, pois viver de sonhos terá sido bom, no sentido de não sofrer demasiadamente, para além da possibilidade de suportar. Aqui e agora, entretanto, a existência se ergue à minha frente, como a Esfinge a propor-me a decifração do mistério, caso contrário, me devorará.

Tem o irmão médium questionado o vocabulário que lhe disponho como necessário e me afirma que sente nuances românticas muito fortes, como se a assertiva de que não me envolvera pelos ideais do Romantismo tivesse sido forma de escamoteação da realidade.

Devo esclarecer que tenho muita leitura desses textos, sim, reforçada pelas histórias infantis, a que também me referi, na somatória das duas encarnações. Além disso, domino fluentemente o idioma, tendo em vista que tais conhecimentos se encontram fixados na mente e são de pronto despertados pela memória. O que não sei, exatamente, é de onde se originaram, pois há portas fechadas no corredor da existência.

Essa capacidade verborreica me deixa surpresa e me põe de sobreaviso para possíveis atrevimentos literários, em épocas remotas. Talvez o interesse pelos W, K e Y seja referendado por lucubrações imagéticas mais profundas e interessantes. Para lá chegar, deverei suplantar os aspectos negativos da hipersensibilidade, que é o que venho tentando alcançar junto à *Turma dos Primeiros Socorros*.

Sei que o próximo passo será dar assistência aos familiares, mas tenho colocado resistência a essa perspectiva, de acordo com a maneira habitual de reagir. Contudo, deverei resolver-me para muito breve ou acabarei perdendo a magnífica oportunidade de resgatar os aspectos práticos das ações. Pelo menos, a redação está concluída, pelo que agradeço profundamente a todos que me auxiliaram no campo da imantação e da tradução para os feixes vibratórios do médium.

Fiquem na paz do Senhor!

RENATO

Nome *remarquable* pela *entropia* da personalidade, à vista das premonições de meu pai, *Renato* não me foi atribuído por concepções espiritistas, mas porque me sentiria como patrão perante os inúmeros empregados antigos, pois, imitação do nome do avô, serviria para restaurar o prestígio familiar, bastante arruinado pela liderança negativa de papai, perdulário e burro, na ideia do populacho. E rico, riquíssimo, sem dúvida, que a fortuna herdada não...

Sinto-me afoito na descrição e não pretendo dar tal impressão no momento em que estiver transmitindo o inteiro teor da mensagem. Sendo assim, foi preciso determinar todas as nuances emocionais deste momento, para que não se pense que todos somos absolutamente frios e distantes.

A *Turma dos Primeiros Socorros* passou-me a responsabilidade e esforço-me para condensar o tema do respeito filial, em pequenos exemplos de maledicência e de contido nervosismo.

Vamos aos fatos.

Se desejo retratar fielmente quem foi meu pai, ou melhor, quem é meu pai, ainda encarnado, apesar dos noventa e tantos anos, devo esclarecer que para cá vim aos dezoito anos de idade, há mais de trinta, tendo perambulado pela Crosta até cansar, errático e tonto, buscando saber qual a razão de não ter tido a sorte de receber o amor paterno.

No entanto, as recentes pesquisas me têm apontado como o ente mais querido e mais ansiado, uma vez que não fui recusado no ventre de mamãe. Ao contrário, quando se soube que o rebento mais velho e único da família era do sexo masculino, aí as alegrias se expandiram em ruidosas comemorações.

Eu era são mas não saudável. Devo esclarecer. Tinha a cabeça no lugar e o corpo não estranhava os exercícios pesados a que o submetia. Mas desejava alcançar sucesso em tudo, bem acima dos concorrentes, porque companheiros não possuía em lugar algum.

A descrição seguiria por essa linha para caracterizar que, chegada a idade das estrepolias, fui o pior de todos, sem me dar conta de que iria afogar-me em mágoas, se caísse em desgraça carnal, o que aconteceu, quando, desprevenido, acabei ateando fogo nas cobertas, inchado o fígado de álcool, já que, precocemente, me dava o direito atroz das bebidas.

Queria experimentar todas as boas coisas da vida. Terminei quase suicida, ou melhor, suicida inconsciente, dado que as coisas não se passaram comigo como com os demais que se apresentaram até agora.

Não estou inteiramente lúcido mas renasci para o mundo etéreo, quando o Irmão José me foi buscar, ardendo internamente pelo fogo das paixões ignóbeis, muito mais do que o esturricar da pele, que me marcava, *remarquable*, o perispírito, como se pudesse sangrar pela eternidade.

Sobre mim foram depositados tenuíssimos fios de ouro, cuja textura e natureza não sou capaz de deslindar, que me introduziram na paz e na serenidade dos inconscientes absolutos.

Sei porque me disseram que, durante a ausência existencial, me ministraram noções de moral e princípios cármicos, sobre os quais jamais me debruçara.

Quando me trouxeram para o grupo, notei que muitos se consideraram bem melhor, porque eu estava em estado deprimente. Houve um ou outro que se sentiu mal, desejando compreender com o que poderia este pobre ser contribuir para o avanço dos demais. Melhores que eu, devo reconhecer, existem muitos no Umbral e, iguais, nas Trevas. E eles não se haviam diplomado em Socorrismo, para o atendimento do sofredor impenitente.

Superei a antipatia, quando me reconheci agradecido ao Professor, tendo observado que a turminha era muito atraente, procurando passar a ideia de que me havia despercebido das reações ruins, mas dando a entender que sabia reconhecer o que era bom. Não precisei esperar muito para receber os pedidos de desculpas mais doloridos, já que busquei, na amizade dos que se deixaram atrair desde logo, o bem do companheirismo de todos.

Atualmente, sofro a desdita de não me haver afinado com uma meia dúzia, não por malquerença deles, mas por completa má vontade minha. Sou assim, mas não sou acintoso. Se devo falar a verdade, falo. Por isso, comecei a análise da existência pelo desprezo que senti por meu pai, que me queria apenas para herdeiro do nome de vovô, para dar continuidade a essa tola fantasia humana, como se os sobrenomes sobrevivessem à matéria, para formar aqui a grande confraria dos Toledos e dos Alcântaras.

Tenho lido obras espíritas, não muitas, mas há quem se ufane de registrar o sobrenome, como se a família fosse perdurar na esfera seguinte:

— *Atenção! Está de partida mais um Sousa, acompanhado de Oliveira e Silva e de...*

Pedi, mas não me foi concedido, que, ao retornar à carne, deveria ser enjeitado por mãe e pai, para não ter nome nem sobrenome. Não quero ser herdeiro, se possível, nem de herança genética, filho de geração espontânea, para não lamentar, depois, compromissos de que não me regozijaria.

Peço perdão a todos pelo sutil arremedo de obra de arte, já que busquei enfatizar os problemas para além da possibilidade da existência real de personalidade tão bronca, tão estúpida. Saí, como se percebe, a meu pai e não me restabeleci da péssima influência dele.

Agora, pergunto:

— *Deveria apresentar-me ao progenitor, acompanhado da mamãezinha, cujo paradeiro desconheço, para dizer-lhe que existo plenamente, que a morte apenas separa as*

esferas ou círculos, que trago as coisas no peito sem sentido, como se percebeu, afinal, depois de algum tempo de eu ter morrido, pela leitura de algumas páginas de um diabólico diário em que registrei os xingamentos que não disse?

Se alguém estiver pensando que meu estilo está afetado e que, sóbrio, diria a mensagem de maneira mais conveniente e mais clara, *vá tirando o cavalinho da chuva...* Estou fazendo o melhor que posso e olhem que venho amparado pelos melhores colegas, para que tudo possa ser transmitido conforme o original aprovado. Este que está aqui está por inteiro e, como disse, frio, enquanto estiver ditando, e absurdamente cômico dos problemas conscienciais, enquanto escrevo.

Passo o texto como foi preparado, de modo que até este pedaço fui capaz de imaginar previamente, supondo que, pelo que observei, em relação aos companheiros, no momento da transmissão, estarei isento de emotividade, controlado pela energização do ambiente e submisso pela necessidade de não me esconder perante os mortais, que o que se passa no âmbito da equipe deve ficar demonstrado, para que se não pense que tudo tenha, durante os trabalhos, o viço dos textos acabados.

Finalmente, devo informar que não me deram oportunidade para improvisar, porque, talvez, não me definisse quanto a dar a meu pai os atributos que lhes reconheço existentes.

Trago muito ódio no coração? Nem resquício. Sinto-me, sim, desamparado da benquerença do velho, que, se reler as páginas surradas e rotas do caderno, poderá ver o nível da frustração que me causou e irá rezar por mim e me perdoar o fato de tê-lo deixado sem herdeiro e sem fortuna familiar perenizada.

Muito obrigado a todos. Espero que acreditem em mim e pensem muitas vezes, antes de fazerem as mesmas bobagens que fiz.

DELMIRA

Meu nome foi Adelaide. Por haver xará no grupo, vou registrar o apelido da ulterior romagem carnal.

Não tenho graves preocupações existenciais. Tudo para mim sempre foi muito bom, mesmo ter vindo bastante cedo de volta, já que faleci aos treze anos de idade, vitimada por atropelamento, na via pública.

Tão pacífico é meu espírito que a maior vicissitude que senti foi saber se o motorista do caminhão estava sofrendo muito com a imprudência ou a imperícia, bem como se papai e mamãe tinham ficado transtornados.

Quando os protetores da família me atenderam, permitiram-me, desde logo, ir para perto das pessoas, para vibrações positivas por melhoria e tranquilidade.

Aí, ocorreu-me o tolo pensamento de que poderia estar sendo por demais simplória, já que não houve correrias pelas trevas nem lágrimas de desesperação. Lembrei-me das santas de que tanto ouvira falar no colégio de freiras e suspeitei de que pudesse estar prestes a ser canonizada. Imaginei-me representada por linda imagem, em diversos altares, especialmente na basílica que levaria meu nome, Santa Adelaide, sem dúvida, apesar de saber da existência de divina criatura com esse apanágio.

Recolhi-me em meditação a respeito da sutil reivindicação e me veio a intuição de que deveria providenciar milagres, ou os sacerdotes não me reverenciariam a memória. Lembrei-me de Santa Goretti, a italianinha vilmente atacada na praia, e não pude me aproximar de nada que fosse sequer semelhante. Era pura como Nossa Senhora, sem, entretanto, ter tido nenhum filho na condição de virgindade. Outras santas me passaram pela mente, todas relacionadas aos conventos, à vida de sacrifícios, à dedicação aos infelizes, pobres e doentes. Quis estabelecer meu próprio padrão, mas não atinei com nada que se relacionasse à vida material. Definitivamente, minha pureza era toda espiritual.

Durante alguns anos, vaguei pela Terra, procurando efetuar milagres. Consegui convencer algumas juvenzinhas a desistirem, na última hora, a cederem a seus namorados. Ficaram, inclusive, com a impressão de que tinham ouvido vozes, como afirmava Santa Joana D'Arc. Mas a minha influência era anônima, nada que ligasse a intercessão à pobrezinha atropelada.

Voltei ao lar paterno, a ver se ali fazia algo que me consagrasse a santidade. Nada de monta. Lembravam-se perfeitamente de mim e oravam com devoção ao padroeiro do bairro, Santo Inácio. Nada mais. Era doce lembrança de menininha apagada e carente de proteção, sem vontade própria, sem rancores ou ardores. Cheguei à conclusão de que os meus me consideravam emocionalmente débil, sem força para instar pelo cumprimento das promessas que se adiavam, sem insistências para a aquisição dos bens pelos quais manifestara desejo.

Às vezes, mamãe, à vista da voluntariedade de minha irmãzinha, irritada, dizia, entre dentes, que teria sido melhor que eu tivesse ficado e a outra ido. Depois, corria a confessar-se ao Padre Agenor, meu assistente espiritual, desde a época da primeira comunhão.

Esse indivíduo me causou o maior espanto. Quando intentei enfronhar-me em seu aparato de memória, para levantar a minha imagem, dei com estranho vazio. Pareceu-me nunca ter frequentado aquele cérebro, nem jamais ter impresso qualquer sensação naqueles sentidos. Era inútil zero à esquerda. Mesmo quando mamãe falava a meu respeito, repetia, monótono, que deveria rezar a Jesus, que a filhinha deveria estar no Céu, tão purinha e ingênua, que nunca me houvera dado mais de três ave-marias de penitência. Também, o pecado maior que lhe contava era de que estava enciumada de minha irmã ou que desejava comungar sem confissão, porque não sabia o que contar. Bem que me perguntava ele a respeito dos diversos pecados, seguindo o roteiro tradicional dos sete pecados capitais, mas não havia gula, sexo ou ofensa moral de que me lembrasse.

Um dia, em que vistoriava pela décima vez aquele medonho esquecimento, perguntei-me se não me estava deixando dominar por insinuante orgulho, vaidade ou egoísmo. Será que não me estava fazendo de mártir, para a entronização pretendida?

A pergunta me envolveu. Fiquei por mais de quinze dias em estado verdadeiramente abúlico. Santa, eu? Do pau oco, com certeza.

Nesse momento é que surgiu o Irmão José, perguntando-me se não queria acompanhá-lo. Vestia o hábito dominicano e me fez reconhecer-lhe a aura azulada, para a influência religiosa da qual tinha a maior certeza.

Pergunto-me se me teria recusado a segui-lo, se o visse como se apresenta a nós na classe. Acredito que sim, que muitos convites ouvira, sem ter prestado a mínima atenção. O do Professor chegou na horinha certa.

Sinto-me apreensiva com esta descrição psicológica, já que pode haver alguém desavisado que me considere santa, realmente, pela pureza de alma, mesmo que tivesse corrido o risco da imodéstia. Para evitar essa precipitação de julgamento, volto à vida anterior, onde, como Delmira, não fui tão imaculada, tendo sofrido reveses consideráveis no aspecto moral. Como Adelaide, não tive tempo de desabrochar para o mundo dos relacionamentos, tendo ficado presa a triste colégio religioso, onde os deveres para com os santos se sobrepunham a tudo. Teria tido condições de prosseguir segura no caminho da santificação?

Não pretendo responder. Contei o que se passou comigo em lapso de tempo restrito. Atualmente, apenas a curiosidade me excita a perquirir a respeito do que me teria levado a tal procedimento. Penso que o amor acendrado a meus pais (gostaria de citar-lhes

os nomes, mas estou sendo impedida por razões que respeito e acato) é que me tenha facultado esse condicionamento psíquico.

O mais que poderia revelar é que me sinto muitíssimo bem, calma, em paz com todos, sem grandes aspirações, desde que compreendi que, para ser santa, devo dignificar as virtudes, domesticando-as para aplicação em todas as circunstâncias existenciais. E devo estudar muito, pois o caso que narrei está a demonstrar que sou verdadeiramente ignorante das leis superiores, que considero difíceis demais para o entendimento atual.

Os dias em que me esfalfei, concentrando-me para a influência dos terrenos, me deram a oportunidade de entender como se trabalha com as vibrações sutis das energias cósmicas. Seguirei com esses estudos em caráter opcional, ou seja, como matéria extracurricular, que estou começando a perceber que levo jeito para atuar como magnetizadora nas sessões mediúnicas. Só não sei a nomenclatura das diferentes ações e reações, conforme as ondas se deixam reunir ou dispersar. Nunca estudei física, senão passaria certas analogias elementares, o que se encontra, segundo ouço, em livros de fácil aquisição.

Desconfio que o grande avanço da última peregrinação terrestre se deu no campo das preces, pois aprendi a pedir pelos outros, esquecendo-me de mim mesma. Não é verdadeiramente surpreendente que me tenha imaginado beatificada ou canonizada? Resolvam o mistério e terão encontrado a chave para superarem inúmeros aspectos desprezíveis das reações meramente materiais das entidades encarnadas.

Fiquem na paz do Senhor!

HONORINA

Detestei o meu nome, porque me chamavam de *Heroína*, o que não arreliava muito, até que completei os quinze anos e passei a ouvir um terrível *Cocaína*. Não pensem que algo tive de ver com o vício. Desastrada fui, mas na via pública, arrebetada por caminhão em alta velocidade. Eu e mais três companheiros, quando voltávamos de uma festinha de aniversário.

Os dados são os mais rotineiros. A Polícia achou e autuou o assassino. A Justiça o libertou. O processo não progrediu. E tudo deu em nada, que a impunidade no Brasil raia pela loucura do *quem-pode-mais-chora-menos*.

Perdi contacto com os rapazes, tendo encontrado a moça diversas vezes, arreliada e triste, desejando voltar atrás no tempo, para reingressar na carne. É uma coitada que não teve a mesma facilidade que eu, correndo atrás de fantasias sexuais e outras, chamando-me, raivosa, de *Cocaína*, querendo pôr a culpa em mim, por ter querido sair naquela hora da festa.

Não vou esmiuçar a realidade da colega, que não me foi dado conhecimento suficiente para esclarecer as razões por que está há tanto tempo (mais de três anos) perambulando à toa pela face do Globo.

Eu cá estive atarantada, durante certo tempo, até que me vieram avisar de que poderia inscrever-me nesta turma, se obtivesse conselheiro que por mim se responsabilizasse, quanto a não agredir os demais ou a trazer problemas para as reuniões.

Estou colocando nestes termos, pois muitos parceiros de grupo passaram pelos mesmos procedimentos, só que *doiraram a pílula*, por assim dizer, tendo informado que para cá foram trazidos pelos *protetores*. A verdade, porém, é que eles assinam, como fiadores, o contrato de matrícula, para serem chamados, em caso de dissidência ou molecagem.

Também preciso dizer, já que estou sendo crua na descrição, que a única criatura da equipe que deu trabalho aos mentores fui eu mesma, quando entrei em desavença com a antiga colega, pelas acusações de leviandade que me fez. Tudo foi contornado a contento e hoje aguardo, ansiosa, o momento da reconciliação, pois me foi explicado que não devo manter rancor nem mágoa. Afinal de contas, a briga foi por muito pouca coisa.

Não devo esquecer-me de dizer que foi um parente longe quem se atreveu a me amparar, talvez necessitado de possuir algum assistido, para merecer as regalias do tempo extraordinário, para isentar-se das duras tarefas dos estudos.

Tal como eu, muitos estudantes litigam contra os quefazerem e não se contentam, por afastarem-se do bulício das ruas e da alegria dos jovens encarnados. Por isso, são poucos os que se integram em turmas como estas, para o dedicado estudo das leis e atribuições cármicas de que se investem os que desejam evoluir, sob a graça do Senhor.

Não estranhem quando emprego palavras que não me caberiam no vocabulário tacanho da adolescente não escolarizada. Esta terminologia vou aprendendo aqui mesmo, nas palestras dos professores, nas leituras obrigatórias, no carinho atencioso com que sou acompanhada pelos parceiros, que me abrem o dicionário, sempre que não atino com o significado de alguma palavra ou expressão. Isto também haverá de explicar o fato de não estar totalmente respeitando a premissa da linguagem *castiça*. Não é por desrespeito à norma. É mais por autenticidade de quem não recebeu todos os conhecimentos à altura da *Turma dos Primeiros Socorros*. Estou *verde* para esta missão, mas não me permitiram fugir dela. Do contrário, a equipe iria ter de ficar *marcando passo*, até que deliberasse enfrentar a tarefa. Assim é que é neste ambiente de paz e fidalguia.

Sabem o que me fez ficar cordata e me ajeitar num cantinho junto aos demais? Foi a raiva que passava, toda vez que ia visitar os que deixei na Crosta, porque me chamavam de *Heroína* e de *Cocaína*, meus pais e colegas. Aqui, não. Aqui, todos me chamam pelo nome, e Honorina sou, até com certa satisfação.

Irmão José me chamou de lado e me fez ver que heroína até poderia ser, se suportasse com denodo os embates da antipatia. Lembrou-me, também, que Honorina é nome muito bonito, pois costumamos atribuir a honra e a glória ao nome do Senhor. Não são razões fortes, nem para estabelecer vínculos de amizade e respeito, mas para mim foram *quentíssimas*, na contingência de ter morrido sem lágrimas.

Não vou lançar o leitor contra meus pais, mas a verdade é que pouco os ajudava em casa, preferindo sair, frequentando todos os bailecos do bairro. Meus oito irmãos davam reforço para encherem os corações de meus pais, de forma que mais uma ou menos uma não fez muita diferença.

Se não tiverem motivo para levar avante a leitura, insossa apresentação de dramazinho corriqueiro, sem grandeza de caráter e sem lições evangélicas, pelo menos se ponham a pensar no que estou fazendo junto a estes estudantes da *élite* da ***Escolinha de Evangelização***, pois todos estamos recebendo mensagens bastante avançadas, quanto às interpretações cármicas das últimas existências corpóreas.

Não estarei aqui para colocar o sistema *de pernas para o ar*? Ou para causar ojeriza quanto ao enquadramento dos boçais na categoria dos *irmãos*, já que todos somos filhos de Deus?

De qualquer maneira, não burilei o estilo para disfarçar a irreverência contra a hipocrisia dos que se querem fazer passar por santos. E isto não estou escrevendo em relação aos depoimentos dos colegas, mas quanto a muitos dos espiritistas que não desejam sujar a ponta dos dedos ao folhearem estas páginas, sem que se lembrem de que Jesus cuspiu no barro e esfregava nos olhos dos cegos...

Vamos *pôr a mão na massa* para, *no frigidar dos ovos*, chegarmos à conclusão de que todos teremos de passar pela mesma porta estreita do conhecimento consciencial dos males que praticamos e dos bens que deixamos de executar.

Se dispuserem de boa vontade, irão perceber que a pobre *Cacaína* (variante sórdida de *Cocaína*) não poderia vir até este posto para desfeitear impunemente os leitores mais saudáveis. É a advertência que me escuda, perante o mal-estar que poderei estar provocando. Mas, como *está cheio o Inferno de bem intencionados*, vou ter de suspender a exortação. Peço, apenas, para que reflitam bastante sobre tudo o que têm lido neste opúsculo.

O perdão é divino, uma vez que o erro é humano e a reiteração dele, diabólica.

Fiquem nas graças do Senhor!

CLAUDETE

Desde muito pequena me achei superiormente dotada. Até o nome estrangeiro me proporcionava ambientação em clima de diplomacia e austeridade, cujos significados não sabia, mas que me ressoavam na mente como de muita importância e interesse.

Foi só no etéreo que fiquei sabendo que *claudicare*, verbo latino que se liga à raiz de meu nome, quer dizer *mancar, puxar por uma perna*. Saber que eu era a *manquinha*, mesmo à francesa, não foi agradável.

Entretanto, depois de muito meditar, considerei o apelido bastante conveniente, pelos malfeitos das anteriores passagens pela carne, o que me deixa temerosa de recordar, pelo sofrimento adicional com que se sobrecarrega a sensibilidade, quando se é impotente para ultrapassar as fases mais negras e perversas da existência.

Passei a amar o nome, com renovada intensidade, quando soube que havia muitas pessoas carentes assistidas por tantas Cláudias e Claudetes que se perdia a conta. Por que deveria sobrecarregar-me de susceptibilidades por causa da coincidência entre más atitudes e nome transitório, o qual se perde na memória dos tempos?...

Quero chegar ao ponto da dissertação, qual seja, o de que só as boas recordações devem apaniguar o aparato da memória dos santos e demais seres angelicais e puros. Se não for assim, que vantagem haverá em progredir e, ao mesmo tempo, ficar amarrado aos terríveis acontecimentos que nos ligaram a outros seres através do ódio, da dor e do sofrimento? De que adianta ser humilde, se a lembrança das épocas do egoísmo, do orgulho e da vaidade nos aporrinha a paciência? De que serve ser paciente, se nos esfalfamos nas turbulências de outras épocas, revividas com minúcias, na torturante condição de que tudo deve ficar impresso indelevelmente na mente espiritual, pela eternidade? E assim por diante...

Chegaremos ao cúmulo de entender o perdão, de aceitar que as pessoas evoluam e de estabelecer todos os padrões de comportamento, mediante a aplicação rigorosa e globalizada da lei de causa e efeito, mas ficaremos à mercê das intempéries da vontade, que nos levará ao supremo gozo de todas as virtudes e ao cataclismo de todos os vícios, defeitos e *pecados*.

Quando sabemos que o ser encarnado fica imune às lembranças dolorosas de outras encarnações ou dos campos de torturas das Trevas, ficamos ansiosos para ouvir dos

mestres que as mesmas recordações não nos atormentarão mais, quando estivermos trabalhando em prol dos irmãos, na superação desejável de todas as dores e de todos os *castigos*.

Quero estabelecer o nexo do raciocínio através da necessidade de se assinalarem os termos *pecados* e *castigos* em itálico, para determinar que tais conceitos não devam ser rigorosamente encarados com os sentidos tradicionais, porque envolvem filosofia religiosa muitíssimo diferente da kardecista. É como se os espíritas resolvessem esquecer os significados antigos, para buscar novas expressões ou termos mais condizentes com os cânones da Doutrina.

É essa a analogia que pretendi estabelecer com a vontade que se exerce sobre os sentimentos despertados pelas recordações rebarbativas. Evidentemente, se a memória tem o dom da eternidade, a vontade esclarecida deve exercer-se soberana sobre os influxos sentimentais, que também se reacenderiam. Assim, não haverá necessidade de serem lembrados os atos impróprios, pela só razão de que não se repetirão.

Por outro lado, haverá um momento em que toda a assistência aos sofredores de todos os níveis será exercida por entidades carentes de prestar esse auxílio, para o devido crescimento nas áreas em que estejam ainda fracas, pelo desenvolvimento parcial das qualidades. Nesse instante, seres mais evoluídos não poderão considerar-se ligados ao exercício das benemerências, para não tirarem o mérito da prestação de serviço dos demais.

Se quiserem imaginar que essa cadeia de assistência é infinita, tudo bem. Mas terão de concordar que haverá um momento em que uns seres estarão mais próximos da bem-aventurança do que os da escala imediatamente inferior.

Vejam com que insegurança estou a desenvolver os tópicos, preocupadíssima em comprovar uma tese cuja realidade está longe de mim e dos leitores, tanto que não podemos sequer suspeitar de quantos são os círculos de angelitude. Pois bem, deverá haver um momento (essa questão de tempo deverá passar por revisão) em que o passo seguinte não deve constituir-se em nenhuma preocupação, ou nunca será dado. De repente, desprendido de todos os problemas, o ser apaniguado pelo superior desempenho se verá no Reino do Pai, apto a exercer a plenitude existencial do amor, que é o máximo que consigo pensar em termos de felicidade transcendental. Eis a quinta-essência do saber aplicado a todos os setores da espiritualidade do ser transformado em criatura excelsa.

O meu nome é Claudete e assim quero ser chamada, enquanto não tiver percebido que não mais estou mancando. De repente, um dia, voltarei ao etéreo e trarei na lembrança meu novo apelido, que espero ser Constance, para me manter fiel aos compromissos de levar palavrinhas de esperança aos que sofrem, na fé de que todos nos reuniremos sob o manto de bondade de Jesus.

Derivei a dissertação para aspectos bem pouco práticos, para a ajuda que devemos prestar aos encarnados que se encontram temerosos de perder os filhos pequenos para o terrível Limbo da fé católica. E dizer que eu tinha seis anos, quando voltei da Crosta! E que não recebi o batismo católico, porque meus pais são evangélicos, metodistas, cuja cerimônia de iniciação não equivale aos pensamentos dos que seguem a Igreja Romana.

Vejam como as noções, quando seguidas ao pé da letra, acabam confundindo a mente desacostumada aos raciocínios abstratos. E dizer que pretendi levar aos leitores as noções do crescimento espiritual, com e sem o aparato da memória. Em que ficamos?

Vamos orar com muita devoção para que os protetores, sejam santos, anjos da guarda ou espíritos de luz, desçam para apanhar-nos, ao nos desencarnarmos, levando-nos prontamente a compreender que fizemos o melhor possível, dentro das circunstâncias em que houvermos vivido. Se dermos um passo de cada vez, não nos desampararão, qualquer seja a esfera em que estivermos trabalhando.

Sejamos sensatos o suficiente para acreditarmos que todos os temas deverão ser avaliados, discutidos e assimilados, segundo as leis cármicas, universais, porque a Verdade há de ser absoluta no seio do Criador. Já pensaram, amigos, se as lembranças pudessem ser as mais deleitosas e se os fatos recapitulados só viessem a nos dar alegria e prazer? Não seria o prometido Paraíso?

Mamãe e Papai, se um dia me reconhecerem na mensagem, porque minha vibração específica estará conduzindo estes pensamentos e estes sentimentos ao fundo de seus corações, lembrem-se apenas daquela filhinha carinhosa que embalaram em seus braços.

Felicidades a todos!

FELICIDADE

Não queria iniciar a mensagem, falando do nome dado a mim por papai, já que diversos colegas tiveram preocupações semelhantes. Mas como não revoltar-me contra o destino, na lembrança constante de algo que absolutamente não tive?

Era Felicidade Maria, mas o segundo nome não pegou e, mesmo se preponderasse, não iria ficar igualmente satisfeita, uma vez que não tinha as transcendentais qualidades da mãe amorável de Jesus.

Fiquemos assim. Chamam-me os colegas de Dadá, maneira sutil de responder aos apelos infantis.

Pouco sei a respeito da encarnação anterior. O nome era Maria e talvez seja por isso que não me teria agradado ter sido assim chamada.

Esta *chateação* pode parecer aos leitores como sem nenhuma importância, uma vez que não avança nos conhecimentos doutrinários nem esclarece a respeito da situação geral dos que buscam aprimorar as atitudes morais, junto a esta ***Escolinha de Evangelização***. Mas penso que isso possa ser mera desculpa, por não se agradarem do que têm lido até aqui.

Será que a interpretação amarga das reações dos leitores estará correta? Haverá, em cada um, a malícia desenvolvida de quem pretende passar em branca nuvem, durante a presente encarnação, já que vêm seguindo rumo pacífico, sem grandes exigências quanto a se alterarem as deliberações contrárias aos dispositivos evangélicos?

Venho acompanhando os colegas em diferentes leituras de obras mediúnicas, nas quais os espíritos mais evoluídos pregam o respeito aos compromissos cármicos, segundo os princípios kardequianos, ou seja, requerem dos leitores paciência; discernimento entre o bem e o mal; perseverança nos trabalhos socorristas; fé acendrada e racional em que o Pai é justo e misericordioso, a ponto de atribuir o peso justo para cada carga; caridade, fora da qual não há salvação; esperança em atingir a maioria espiritual, para aquisição do passaporte com que adentrar a próxima esfera de luz...

Se fosse enumerar todas as boas qualidades pregadas nesses escritos magníficos, cheios de piedade pelos seres humanos, que são considerados, indistintamente, irmãos no Cristo e filhos de Deus, permaneceria o dia todo escrevendo, sem brilho e sem comiseração pela boa vontade dos leitores.

Devo dizer que meu principal problema, atualmente, é equilibrar sentimento com inteligência, de forma a não me atrapalhar com os estudos, nem me tornar excessivamente crítica em relação à falta das melhores virtudes. Não sei se me entenderam. Talvez não. Ora, se isso acontecer, pode estar ocorrendo de que os mesmos defeitos sejam os de seu caráter, pois a interferência das emoções gera nos procedimentos raciocinados muitos pontos de descontrole, de forma que os planejamentos não se concluem satisfatoriamente, pelo menos como foram originalmente arquitetados. Por outro lado, há emoções saudabilíssimas, como, por exemplo, a consideração da sensibilidade dos sofreadores pela justiça do Pai. Se estivermos muito preocupados em orientar-nos pelo pensamento positivo, segundo o norteamento rigoroso das ciências, para que nada nos escape ao domínio, poderemos, simplesmente, causar, nessas pessoas adequadamente propensas às lágrimas da cooperação, da compreensão, do consolo e da amizade, transtornos consideráveis, porque passam a se cobrar atitudes menos melindrosas, porquanto estamos a sugerir que estejam a coonestar as atividades menos dignas que geraram as circunstâncias desabonadoras.

Sei que compliquei demais a escrita. Peço, então, por favor, que procurem entender o ponto de vista que pretendi trazer à baile e discutam, ponderadamente, onde se encontra a verdade programática de quem está levantando razões para trabalhar sensatamente, em prol do crescimento espiritual seu e dos demais.

Se alguém se estimular à perquirição de que tais tópicos talvez não estejam enquadrados nos temas curriculares desta *Turma dos Primeiros Socorros*, tendo em vista a simplicidade dos conceitos que não dominamos, deve fazer rigoroso exame de consciência, para saber se a rejeição não está dentro dos parâmetros dos ajustamentos psicológicos, como sejam o negativismo, a reversão, a agressividade e outros, que a ignorância mais habitual faz questão de menosprezar, pela complexidade dos raciocínios que exigem.

Quis, de propósito, tornar perplexos os leitores, através de esquematização linguística desfavorável para leitura corrida e despreocupada. Será que todos os discursos têm merecido a mesma disposição alheada, não integrada à temática espiritual, como se tudo pudesse ser de somenos importância, no adiamento que se faz através de todos os estudos, para cuja compreensão se dá a desculpa da falta de preparo ou, o que é pior, da falta de inteligência, quando não se cita, de maneira abrupta e sem contradita, a *ponderabilíssima* falta de tempo?

Se sobrou algum bom leitor, peço-lhe que faça o supremo esforço de considerar importante que os espíritos tenham esta oportunidade de trazer desenvolvimentos pessoais, a respeito das reações psíquicas, no desvelamento das necessidades, adversidades e vicissitudes, segundo o grau maior ou menor de envolvimento na própria atividade mediúnica.

Sabemos da existência de textos excelentes, oferecidos aos mortais por autores conceituadíssimos, cuja leitura estamos programando, como parte da formação de socorristas, porque a facilitação que se alcançar na Terra, com o esclarecimento prévio dos problemas existenciais do etéreo, será meio precioso para a diminuição das tarefas grosseiras da alfabetização, ainda mais quando se encontram companheiros espíritas que se reconhecem desleixados no campo doutrinário mais profundo, porque preferem agir no

campo material, desvinculando-se, de certa forma, da responsabilidade, inclusive, do adiantamento íntimo.

Poderão chamar-me, se quiserem, de Felicidade. Mas isso poderá ser incompreensível da minha parte. Então, atenderei por Dadá, ao falarem comigo através das vibrações conscienciais.

Fiquem em paz!

Será que ficarão, após terem descoberto que os do etéreo, mesmo muito sutilmente, estão a repetir, como vemos em todos os textos, que os encarnados vão, quase sempre, perdendo a gloriosa oportunidade de melhorar?

Não acreditam em mim? Então, leiam... Vocês sabem... Para citar alguém que não malhe contra o desleixo, a falsidade, a incoerência, o excesso de orgulho, de vaidade, contra o egoísmo abstruso dos piores cegos... iria ter de procurar o restante da existência, porque não conheço quem tenha utilizado as mãos dos médiuns apenas para rasgar elogios pelas condutas superiores. Talvez as biografias dos seres aquinhoados com o saber mais elevado e, assim mesmo, buscando passar batidos pelas deficiências laudatórias dos biógrafos, que, por sua vez, também se fazem cegos...

BELMIRO

Não me cabe encerrar o trabalho da *Turma dos Primeiros Socorros*, mas posso antecipar que estamos jubilosos com os textos, de tal modo fidedignos, quanto às intenções, que pretendemos reforçar as pretensões do médium de vir a publicá-los.

Doce esperança de quem esteve a destratar a imagem dos mortais, segundo as imperfeições patenteadas por todos os mensageiros, não como necessidade de acusação, mas por evidência das próprias fraquezas. Apesar disso, como por encanto, tratamos dos temas com discernimento e justiça, para dizer o de menos, pois não conseguimos demonstrar o quanto estão defasados os mortais relativamente às proposituras evangélicas.

Alguns de nós se referiram à Igreja Católica ou à Anglicana, pelos seus sacerdotes, com sinais bastante claros de que não estão facilitando em nada as concepções ditas doutrinárias kardequianas, embora tais atitudes não repercutam de modo demasiado negativo no Etéreo, local em que os crimes e os castigos se ajustam, segundo a medida do Senhor.

Cheguei aos doze anos de idade, imaturo, portanto, para estas apreciações críticas. Como já se disse exaustivamente, há quem consiga progredir no aspecto rememorativo, de sorte a reaver a personalidade da anterior encarnação, sem, contudo, todos os vezos, pois alguns aspectos terríveis se perdem, imersos na inocência que subsiste no resguardo da harmonia e do equilíbrio psíquico, piedosa artimanha dos protetores, inspirados, por certo, no mergulho que se dá na carne, em completo alheamento dos fatos pretéritos.

Gostaria de encerrar as observações, definindo a razão de estar eu tão próximo do fim, sem oferecer texto da magnitude dos últimos dois, em que a filosofia do procedimento se iluminou pelas atitudes evangélicas das autoras. É que estive com muito medo de me apresentar anteriormente e, agora, não tenho qualquer recurso para recusar-me, à vista, acima de tudo, das gentilezas do acompanhamento dos colegas e das palavras de incentivo do Irmão José.

E a que devo essa natural timidez? É que não me sinto seguro de mim, totalmente imerso nas ondas da culpabilidade, por ter chegado mais cedo de volta, infeliz quando escalava alta montanha, tendo caído sobre uma pedra, em artes de menino.

Deixei papai e mamãe arrasados. Queriam-me tanto e não se cansam de se acusar de terem desleixado a vigilância, tantas eu havia *aprontado*, como evidenciam as terríveis cicatrizes pelo corpo.

Estou, porém, dando-lhes noções superficiais, para não falar sobre o pior. É que não fiquei triste com o pesar de meus pais, achando justíssimo que passassem pelo desespero. Eis que revelo que estou a par dos acontecimentos mais tristes da encarnação anterior e do processo penosíssimo de aceitação de minha pessoa, no seio daquela família, inimigos seculares que éramos.

Descoberto o motivo de sentir tantas culpas, devo deixar claro que me envergonho de não me haver despojado da satisfação de ver meus pais sofrendo, o que me faz tímido perante os colegas.

Sei que os textos da equipe não se deram como simples testemunhos de dor, devendo os mensageiros passar noções do que fazer para se livrar dos problemas morais. Mais ainda, devemos escrever a comunicação de maneira tão sagaz que os leitores, antes de se animarem ao remédio, devem perceber que estão imersos nos problemas, o que muitos evitam a todo custo, para não se sentirem infelizes. É esse desvelamento da malícia que se tornou o ponto principal dos escritos, uma vez que muitos encarnados se habituaram à faculdade do esquecimento voluntário, como se o que fazem de errado estejam fazendo pela primeira vez.

Eu mesmo não estou trazendo ao campo vibratório dos mortais o meu drama pela primeira vez. Em outras oportunidades, descrevi, sempre de maneira diversa, as sensações, concluindo pela necessidade de as pessoas serem mais autênticas, mais verdadeiras, o que Jesus traduziu como hipocrisia, em sua áspera peregrinação terrena. Desta feita, faço-o por escrito, de maneira que a dor que transmito não irá oferecer subsídios para emotividades à flor da pele.

Nos centros espíritas, onde emoldurei a tragédia com a força das lágrimas circunstanciais, foi fácil de obter a adesão emotiva das pessoas, uma vez que, de viva voz, psicofonicamente, o conteúdo de sofrimento se acentua, podendo o emissor vibrar de forma a conseguir que o círculo de preces lhe dê momentânea suspensão das dores.

Por escrito, os desencantos se fazem presentes, pois a análise não é superficial, mas cuidada e profunda, tendo cada palavra peso específico na descoberta das intenções. Além disso, estamos nas mãos dos companheiros, que não querem que ninguém passe de volta para o Umbral, por não haver ultrapassado os sentimentos inferiores, os quais se revelam, em turmas como a nossa, de repente, na rememoração constante das situações de vidas anteriores, junto às pessoas a quem nos prendemos na mais recente.

Vejam, queridos amigos, que, de alguma forma, esta comunicação como que resume as anteriores, como adverti de início.

Fiquem com Deus!

ASDRÚBAL

Venho para resumir as esperanças de reencontro de todos os familiares. Morri bem cedo, aos oito anos, e isso faz muito tempo. Hoje tenho a honra (e não o privilégio) de estar na companhia de todos os parentes próximos, após vidas produtivas e organizadas.

Não participo, exatamente, do grupo, mas, como cá estive em outros tempos, tomando as lições que me faltavam, chamaram-me para o testemunho da recomposição e do amor. Aproveitei a oportunidade e detive-me a monitorar os aluninhos, para lhes dar segurança quanto à reposição de todos os anseios do reencarne, obumbrados pela dor e pelo mistério da morte, em época precoce.

No meu tempo, estive a deambular sem rumo, pela escuridão do etéreo, no limiar do Umbral, sem grandes sofrimentos *físicos*, mas tremendamente inseguro quanto ao futuro, porque a capacidade de raciocinar estava ofuscada pela infantilidade.

Cuidava de mim um tio distante, que não conhecera em vida e que, depois, se revelaria companheiro dos mais queridos.

Todas as histórias se aproximam nesse ponto, ou seja, sempre que alguém chega muito novinho, vem com penumbras de memória acentuadíssimas, ao mesmo tempo que se faz acompanhar de bondosos vigilantes, para o resguardo da inocência.

Se o despertar vier a ser violento, é possível que o espírito se inteire de pronto das falácias, vícios e crimes do estágio existencial anterior, caindo, irremediavelmente, em depressão psíquica, o que o colocará disponível para as entidades que desejam arrastá-lo para as profundezas do bátrio. Nesses casos, a atuação dos *socorristas infantis*, vamos assim chamar os que se especializam no atendimento das crianças recém-egressas do plano material, fica prejudicada pela própria constituição espiritual do atendido.

O meu papel no esquema do Irmão José é de mero auxiliar dos protetores familiares. Quando se trata de algo mais sério, a exigir tratamento cientificamente arquitetado, só ele mesmo para contemplar o assistido com palavras e vibrações adequadas, para o que conta com o concurso energético dos integrantes do grupo de monitoria e dos demais alunos em condições de ajudar.

Raramente, o atendimento se dá por meio de elementos captados da espiritualidade superior, uma vez que os conhecimentos do mestre são suficientes para a organização de plano de atendimento e de recondicionamento psíquicos. Quando, porém, percebemos que o indivíduo está prestes a recuperar a lucidez relativa ao estágio

imediatamente anterior ao reingresso na carne, o mais prático é a concentração em torno dos ideais cristãos, para oferecimento magnético sem restrições, a fim de que os seres situados no círculo imediatamente mais adiantado possam agir com rapidez e eficácia.

Nesses casos, como a ajuda é, por assim dizer, transcendental e como não sabemos por que meios *materiais* se processa, damos-lhe tratamento religioso, aguardando a vez, pacientemente, de nos colocarmos em condições de entendimento das leis cósmicas em jogo, para o efeito da cura ou da condução do indivíduo ao conhecimento da verdade, sem que desande emocionalmente.

Estou incumbido de descrever os aspectos menos embasados cientificamente, para demonstrar aos encarnados que os do etéreo também se encontram na mesma situação quanto à ignorância dos procedimentos dos que estudaram e se aperfeiçoaram em determinadas programações curriculares, às quais não temos acesso, por imaturidade intelectual ou por inaptidão sentimental.

Passamos a depender da fé na benemerência divina, que nos dá a compreensão dos poderes dos seres angelicais, da mesma forma que Kardec pediu aos encarnados que fundamentem tal virtude nos argumentos do racionalismo extraído da observação direta da realidade.

Muitos dirão que consigo nada aconteceu que pudessem apontar como sobrenatural, transcendental ou puramente espiritual, advindo da zona do mistério. É preciso, nesse caso, pensar de modo filosófico, isto é, dando à realidade valores não meramente passíveis de serem tangenciados pelos sentidos, já que a compreensão de muitos elementos se faz pela inteligência pura, como a presunção da existência dos corpúsculos que compõem os átomos ou das estrelas que se escondem no Universo.

É bem verdade que todos os dizeres poderiam ser elaborados pelo médium. Nesse caso, haver-se-ia de suspeitar de muitos defeitos morais ou psicológicos do amigo encarnado, pois a pregação das virtudes estaria sendo realizada por alguém interessado em outros resultados. Até mesmo este arrazoado sobre a necessária malícia do escrevente teria interpretação pejorativa.

Que poderíamos fazer para superar a dificuldade? Poderíamos contar os casos específicos, envolvendo nomes e fatos da realidade dos mortais, em ambiente historicamente confiável.

Pensamos seriamente nesse aspecto, mas não vimos no mediador condições de assimilar os dados nem de confrontá-los, posteriormente, com os testemunhos das pessoas citadas. Além do mais, há muitos depoimentos com tais qualidades, através da mediunidade sensível de Francisco Cândido Xavier e de outros expoentes espíritas. Para os que se deixam embalar por esse tipo de problema, recomendamos que pesquisem, que vão atrás dos elementos que se revelaram factíveis de averiguação, que não se limitem a tirar conclusões a partir de premissas meramente formalizadas nos preceitos da religiosidade católica ou protestante. Em suma, que esses amigos incrédulos se fartem no conhecimento direto dos fenômenos.

Quando nos decidimos por não revelar a identidade dos mensageiros, foi para incentivar a meditação sobre a temática discutida, dando como fato consumado a fé em que todas as mensagens se tenham originado no etéreo, por serem a vivência responsável

dos que se sujeitam aos estudos do socorrismo, apresentando resultados de trabalhos levados a efeito sob a orientação dos mestres e o amparo dos colegas.

Eis tudo.

Fiquem com Jesus!

CLODOALDO

A miséria que me tomou conta da alma, desde o último desencarne, se acentuou, depois de um tempo em que passei no Umbral, ajustando contas com antigos desafetos. O fato de haver retornado criança não os afastou de mim, dado que as ondas de malignidade de meu ser estavam espicaçadas pela revolta de haver sido despejado da Terra sem aviso prévio.

Vivi doze anos nos subúrbios de grande cidade e aprendi todas as malícias do sexo e da criminalidade. Seria chamado de peralta, se fosse filho de gente abonada. Sendo meus pais negros e pobres, era simplesmente delinquente juvenil ou, como se diz hoje em dia, menino de rua infrator.

Essa vida livre de rapazelho sem educação não me favoreceu a ingenuidade conservada dos demais colegas de grupo. *Renasci*, no etéreo, lúcido da embriaguez da perversidade. A vida não me adiantara de nada.

Depois de umas sovas bem dadas pelos que desejavam vingar-se, pus-me a chorar como nunca o fizera em vida. Mistérios da psique envolta por restos de infantilidade. Era a maneira que encontrara de me refugiar da perseguição. Se estivesse vivo e fosse recolhido a instituição de benemerência, tipo orfanato, iria produzir as mesmas lágrimas de crocodilo, as quais, afinal, pelo incremento das ideias de injustiça e desamparo, acabaram por tornar-se verdadeiras. Na Terra, se fosse preso em instituição oficial para menores delinquentes, o procedimento teria sido muito diferente, devido à necessidade de me defender dos ataques dos que se consideram donos do pedaço, pela força dos sequazes e pelo domínio intelectual sobre os demais, pequenos imbecis como eu.

Pois as tais lágrimas atraíram seres de nível mais elevado, que cuidaram de mim e me deram a oportunidade de frequentar a colônia. Fiquei bastante tempo internado no hospital, para restabelecimento das feridas do perispírito. Quando estava convalescente, convidaram-me para participar da turma, com a única condição de ouvir em silêncio. Não desejavam, certamente, que interrompesse a discussão com problemas demasiado superficiais.

Enquanto insisti em me manter com a figura do moleque safado, não me permitiram participar de nenhuma atividade externa. É que deveria estabelecer para mim os princípios evangélicos como superiores, no sentido de me levar a compreender a dor, o sofrimento, as vicissitudes e a miséria como meios para se atingir um fim, qual seja, a superação das deficiências morais, principalmente.

Um belo dia, aventurei-me a interrogar o Irmão José a respeito da maneira melhor de transformar a aparência, pois cansara-me da rejeição do grupo. Devo dizer que, de início, suspeitara de que todos os percalços causados pela discriminação racial estavam integrados nas personalidades dos companheiros. À vista dessa conclusão sem base na realidade, permanecera, teimosamente, com a imagem desprezada, para oferecer aos parceiros a contínua lembrança de suas debilidades espirituais. Ilusão e perda de tempo e de oportunidades. Nem a cor nem a fisionomia racial, inferiores na sociedade humana condensada no Sul do Brasil, eram o ponto do afastamento da equipe.

Explicou-me o Irmão José que deveria providenciar, por minha conta e risco, o estudo interessado das palavras de Jesus. Lembrou-me que eu conhecia muito bem a parte dos *Evangelhos* relativa aos milagres e às curas, pois sempre desejara ser salvo sem esforço próprio, não tendo posto atenção nas palavras sublimes, especialmente quando o Mestre Nazareno dizia que fora a fé que salvara o assistido. A expectativa de que tudo pudesse ser absorvido nas aulas, segundo as apreciações dos colegas, dos monitores e dos professores, deveria ser secundada pelo trabalho, para mim ingente e sacrificial, da leitura e da confecção das respostas aos exercícios que se propunham.

Ficara de lado, sim, porque não oferecia nada de meu ao grupo. Queria que o pão nosso de cada dia caísse do Céu, preciosíssimo maná de virtudes, que o Pai me daria, no deserto de minha ignorância.

José me fez ver que a simples pergunta que lhe endereçara ensejou série imensa de considerações e conselhos, mas que não deveria abster-me de buscar tarefas adequadas às condições de grande inferioridade mental.

Esta a lição que preparei, cuidadosamente, para trazer em modestíssima mensagem, qual seja, a de que os leitores não devem ficar tão somente a ler as obras mediúnicas, obtendo a satisfação da confirmação da vida pós-túmulo. Isso é excessivamente elementar e todos os textos anteriores estão a confirmar que o trabalho deve ser muito mais profundo.

Vocês acham que a manifestação seria possível no primeiro momento em que fui convidado a assistir às aulas? Evidentemente, não. Dei duro nas matérias elementares e estou cursando o segundo ciclo, um pouquinho mais avançado, perfeitamente entrosado ao grupo e apto a tisonar a pele de amarelo, verde, azul ou violeta, para a impressão gloriosa de que estou feliz e satisfeito com o relacionamento com os demais. E, se quiser apresentar-me moleque e negro, poderei fazê-lo sem constrangimento, que não é pela aparência exterior que se deve medir o adiantamento espiritual de ninguém.

Disse que a miserável condição social do encarne não me serviu para adiantamento, de forma que perdi a oportunidade de crescimento durante a vida. Contudo, com a ajuda prestimosa dos parceiros e demais membros desta sociedade filantrópica, pude recordar-me de todas as decepções, para perlustrar cada tópico, segundo o que teria sido se me tivesse deixado capitular pelos mandamentos evangélicos. Foi trabalho hercúleo, que me tirou muitas horas de sono e me deixou quase paranoico, mas venci os temores e as dificuldades, compreendendo muito bem que fazer o bem ao próximo é demonstrar que amamos a Deus sobre todas as coisas.

Ditos dessa maneira, os conceitos se vulgarizam demais, no entanto, se não fizer referência ao que há de mais sublime na existência, como é que irei dar ao irmãos leitores a justa ideia do que deve levá-los pela vida afora?!...

Fiquem na paz do Senhor!

RODRIGUES

Não tenho permissão para trazer o teor integral da mensagem que preparei com muito amor e carinho. É que desejei, maliciosamente, induzir os leitores a considerarem a possibilidade de se alçarem diretamente aos campos sagrados do Senhor, se mantivessem atitude de completo desvanecimento perante as manifestações mediúnicas.

Somente depois de mostrar o rascunho aos colegas é que me deram conta de que as observações não continham as premissas da simplicidade doutrinária e da organização silogística dos argumentos, segundo princípios hauridos da verdade evangélica.

Quis reprogramar o sistema mas terminei considerando muito mais eficaz, para o cumprimento das normas da equipe, refazer o escrito, passando a comentar a própria atitude, onde vi manancial de proveito para os médiuns novatos. É que nem sempre as coisas se passam de forma inteiramente controlada.

Vamos imaginar que me rebelasse contra as observações restritivas dos colegas e que buscasse outro companheiro encarnado, para lhe passar as informações e exortações que arquitetara. Iria dar imenso trabalho a todos e, caso lograsse êxito na transmissão, iria pôr uma peça bem redigida mas completamente falha, nas mãos inábeis de alguém que poderia deixar-se iludir pelo empolado literário.

Aqui entra a necessidade de considerar o médium capaz de apanhar terminologia estranha ao cotidiano, pois, se me deparasse com pessoa realmente letrada, erudita e fiel discípulo de Kardec, provavelmente não teria sucesso na transmissão, recebendo merecida doutrinação, como se fora ser das Trevas, interessado em colocar os filiados ao movimento espírita em dificuldades.

Por outro lado, estas diretrizes me facultarão deixar assinalado que, mesmo para os textos passados pela *Turma dos Primeiros Socorros*, haverá quem se ponha a detido exame, podendo encontrar pistas, segundo sua maneira de ver e interpretar, que estejam a indicar-lhe que os nomes que encabeçam os textos sejam o disfarce sagaz de um só espírito maldoso, que pretenda enganar, em primeiro lugar, o médium, escravizado ou obsidiado, e, depois, a quantos incautos derem atenção aos desenvolvimentos, muitas vezes inusitados, carregados de pontos que se querem constituir em novidades etéreas, para o que se afirmam evangélicos, na linha do kardecismo.

Não é verdade que era preciso apontar para a possibilidade de existir quem não se deixe facilmente cativar pela aparência de lisura, de honestidade e de sabedoria? Isto é plausível e recomendável, desde que não fira de morte a intenção de se auxiliarem os mortais, naquilo que se indica como falho, como não desenvolvido, como pretensamente

sabido, que é o caso dos conhecimentos relativos aos que morrem cedo e se veem, no etéreo, na condição infantil.

Não sei se recebi influência superior para elaborar a primeira tese de forma tão contrária às normas estatutárias do grupo. A verdade é que os parceiros me fizeram entender o quanto estava errado, na pretensão de clamar contra os vícios, descarregando toda a potencialidade linguística naqueles que se acomodam por ócio, por preguiça, por interesses meramente materiais, por suspeitarem de que irão prosseguir iludindo os instrutores e protetores, para que permaneçam, no etéreo, gozando das regalias atuais, uma vez que não se interessam por ajudar quem esteja necessitado, para não desestruturarem o seu pequeno mundo, correndo o risco de perderem as comodidades que lhes dão tranquilidade quanto ao futuro corpóreo.

Iria submeter os leitores ao crivo das acusações conscienciais, despertando-os para a malícia que eu mesmo estaria utilizando, como a dizer-lhes que, se não estivessem atentos e não fossem espertos, poderiam vir a ser aliciados para trabalhos tão penosos quanto estes, que fazemos com tanta boa vontade, sem repercussão, contudo, no ânimo dos leitores. Dir-lhes-ia, também, que os mais sabidos, no campo doutrinal, não se deixariam envolver pela dramatização empolgada de quem teria *passado a perna* nos próprios mentores, para efetuar, afinal de contas, o que tinha tão argutamente construído.

Para quem estiver lendo *com o pé atrás*, desconfiado de que o texto inicial acabou prevalecendo, vou recomendar que releia os tópicos iniciais, para descobrir se ali participei aos leitores o que realmente disse ou se camuflei as intenções para chegar a este ponto incólume quanto às suspeitas.

Tendo sido advertido para os pontos falhos, considere que todas as manifestações assinadas por seres desencarnados podem passar pelo mesmo crivo de sagaz interpretação, já que a exegese textual admite princípios norteadores para a descoberta das verdadeiras intenções.

Pelo que sei, Kardec recomendava, em primeiro lugar, que se analisasse a linguagem, para que se evidenciassem as qualidades literárias, pois, conforme expunha, só criaturas desenvolvidas no aspecto moral seriam capazes de elaborar textos o mais possíveis perfeitos quanto à gramática e à retórica, cuidando da nobreza, elegância, clareza e demais encantos que tornam o texto sedutor. Kardec ainda determinava aos críticos que não deixassem passar qualquer senão doutrinário, pois seria preferível que o texto estivesse correto moralmente, embora escrito de forma um tanto ou quanto pobre do ponto de vista linguístico, a apresentar erro que viesse a prejudicar o desenvolvimento teórico do Espiritismo. Que sejam esquecidas cem verdades, a se admitir uma única mentira...

Não saberia dizer se o Mestre Lionês iria aprovar esta miscelânea de considerações que constituem o corpo de informações da obra, mas, certamente, iria olhar com muito carinho para esta prova da existência de seres no grupo capazes de desejar passar aos encarnados ideias sobre as quais não meditaram suficientemente, para dizer o de menos.

Irmão José pediu a todos que dissessem um pai-nosso em agradecimento pela feitura do livro. Convoco os irmãozinhos leitores a que façam o mesmo, para que possamos

receber o influxo das vibrações de amor e de carinho dos superiores da instituição e de nossos protetores nos planos mais elevados.

Fiquem com Deus!

ÚLTIMA PÁGINA

Venho eu, Godofredo, para pôr o ponto-final nas transmissões da *Turma dos Primeiros Socorros*. Deveria estar aqui o Irmão José, consoante pedido que lhe endereçou o pessoal, mas não quis prestigiar-nos com comunicação direta, porque, segundo ele, cabe aos alunos o mérito dos textos e do desenvolvimento espiritual relativo às aulas e demais atividades socorristas.

Sabemos que se trata de pura modéstia, mas como poderia vir falar de si mesmo? Assim, é preciso dizer que o Irmão José é queridíssimo de todos e tem livre trânsito por nossas mentes e corações, conhecendo-nos carinhosamente à perfeição. Se só existisse no Mundo a Religião Católica Apostólica Romana, seria o Irmão José o representante mais legítimo do sacerdócio não equivocado, que dá amparo a todos e não requer para si senão força e coragem para o enfrentamento das vicissitudes.

Eis o máximo que nos permitiu dizer a seu respeito.

Agora, devemos reforçar a atitude de fé e confiança em que os textos alcancem a boa vontade dos encarnados, na configuração de que os dados assinalados estejam rigorosamente dentro dos padrões espirituais, embora, muitas vezes, não condizentes com certas informações correntes dentro do Movimento Espírita oficial. É que os responsáveis pelas Federações e Centros Espíritas se sentem muitíssimo visados tanto pelos encarnados como pelos desencarnados, ficando em sufocante meio-termo. Não querem orientar mal os amigos e assistidos e também temem ofender a Doutrina de Kardec, o que repercutiria na assistência que vêm recebendo do Plano Espiritual.

A tese de que o orgulho, a vaidade e o egoísmo se infiltram, silenciosamente, no coração dos que aspiram a dizer algo além se incrustou na mentalidade dirigente do *Espiritismo de Resultados*, de forma que a afirmação do Codificador, segundo a qual o Espiritismo iria evoluir acompanhando os avanços científicos, queda relegada a segundo plano. Esse medo é imponderável, como se o Pai fosse capaz de cometer injustiças, quanto aos elementos que se plantam em situação tão perigosa, doutrinariamente falando.

Cada indivíduo é um complexo de reações especialíssimas, mas, no âmbito da administração espírita, o personalismo está totalmente afastado. A padronização tem de se ater aos códigos do moralismo de plantão, de forma que os antigos representantes da espiritualidade, conforme o núcleo dos benfeitores, estão tornando-se cada dia mais raros.

Não são poucos os que são atacados por se deixarem influenciar por ideias não abonadas nos escritos de Kardec. É verdade que a orientação geral e filosófica deve fundamentar-se nas obras da Codificação. Se não for assim, este texto torna-se

incompreensível. Contudo, ao lermos autores modernos, em suas descrições do campo etéreo, vemos que muitos dispositivos vibratórios estão ao alcance do magnetismo humano, como os efeitos de cura, por exemplo. Não são poucos os fatos dessa natureza que são registrados nas obras, através da aplicação de certas plantas. Mas, se alguém se atreve a apanhar um bastão da denominada *espada-de-são-jorge* para aplicar em tratamento espiritual, os chamados kardecistas se rebelam e acusam o coitado de macumbeiro, para dizer o menos. Enquanto isso, leem André Luís (que teimam em grafar, não se sabe por que, *Luiz*, contrariando as normas ortográficas) e se admiram quando relata casos em que os mestres conversam com seres conhecidos por *elementais* e lhes pedem vegetais com propriedades curadoras específicas.

Isso nos leva ao culto da personalidade do médium mais famoso, Francisco Cândido Xavier, o qual, à vista da imensidade das obras psicografadas, muitas das quais absolutamente indecifráveis para a maioria dos espíritas, o tornou santo, mercê de sua bondade, de sua compreensão, de seu espírito de sacrifício. Quando desencarnar, irá ascender a círculos inimagináveis de paz, de amor e de angelitude.

Assim, Kardec, em primeiro lugar, e as obras patrocinadas pelos orientadores espirituais de Chico Xavier, vão tornando-se o vade-mécum dos dirigentes espíritas, que impedem a livre discussão das teses, transformando, para descontentamento do Codificador, em dogmas, todos os ensinamentos, não permitindo que as pessoas ergam seu edifício de fé, através de procedimentos próprios, principalmente porque cada ser humano se deixou cristalizar em particularíssimo momento energético, para a peregrinação atual.

Não estamos pleiteando tratamento diferenciado. Queremos, entretanto, exercer o direito de ser lidos e discutidos, apreciados e criticados, mas sem preconceitos, uma vez que valemos por aquilo que somos e necessitamos de aprimoramento constante, para conseguirmos avançar rumo à sabedoria possível, no âmbito dos conhecimentos humanos e espíritas.

Se lhes pedirmos que rezem por nós, na qualidade de irmãos em Deus, com certeza todos os leitores, indiscriminadamente, nos oferecerão o melhor de suas contrições espirituais e nos encaminharão vibrações do mais puro amor fraterno, em nome de Jesus, sob o manto protetor de todos os benfeitores de suas casas, famílias e individualidades.

Todavia, se lhes pedirmos que nos ajudem a pensar, examinando detidamente as ideias aqui transpostas, sentirão tremenda e instintiva rejeição, dada a possibilidade de virem a ser surpreendidos por argumentação que lhes indique novos caminhos para a apreciação existencial.

Não queremos permissão oficial para adentrarmos as casas sob jurisdição do Movimento Espírita. Basta-nos que cada pessoa que nos encontre em sua prateleira não se peje de se colocar diante de textos tão estranhos. Queremos que os leitores se sintam com a coragem de enfrentar os embates dolorosos das dúvidas, uma vez que possuir a verdade, como dom de perfeição, não se pode admitir, para esta fase do crescimento evolutivo.

Onde Estão Nossos Pais? termina sendo polêmica, em muitíssimos pontos, mas não deseja ser mais do que isso, segundo o prisma de que todos estamos aprendendo o evangelho do amor do Cristo, para o que não se pode titubear perante a investigação das próprias reações à vista dos desafios existenciais.

Resta perguntar, objetivamente:

— Onde estão nossos pais?

Sem dúvida, onde quer que estejam, encontram-se amparados pelo Senhor.

Graças a Deus!

Indaiatuba, de 07.09 a 04.11.94.